



Ler e ESCREVER

Livro de Textos do Aluno



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO



Ler e ESCREVER

Livro de Textos do Aluno

3ª Edição

*Se este livro for perdido
E por acaso for achado
Para ser bem conhecido
Leva meu nome assinado*

São Paulo, 2010

Governo do Estado de São Paulo

Governador
José Serra

Vice-Governador
Alberto Goldman

Secretário da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto
Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete
Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região Metropolitana
da Grande São Paulo
José Benedito de Oliveira

Coordenador de Ensino do Interior
Rubens Antônio Mandetta de Souza

Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Fábio Bonini Simões de Lima

Diretora de Projetos Especiais da FDE
Claudia Rosenberg Aratangy

Coordenadora do Programa Ler e Escrever
Iara Gloria Areias Prado

Esta obra é uma adaptação de “Alfabetização: livro do aluno”, volumes I a III, publicada pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o Projeto Nordeste.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239L

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.
Ler e escrever: livro de textos do aluno / Secretaria da Educação,
Fundação para o Desenvolvimento da Educação; seleção dos textos,
Claudia Rosenberg Aratangy. 3. ed. São Paulo : FDE, 2010.
192 p. : il.

Adaptação de “Alfabetização: livro do aluno”, volumes I a III, publicado
pela Fundescola/Secretaria de Ensino Fundamental/MEC em 2000 para o
Projeto Nordeste.

Documento em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

1. Literatura infantil 2. Ensino fundamental 3. Leitura 4. Atividade
pedagógica 5. Programa Ler e Escrever 6. São Paulo I. Título. II. Fundação
para o Desenvolvimento da Educação. III. Aratangy, Claudia Rosenberg.

CDU: 82-93

Querido aluno, querida aluna

Este livro foi feito especialmente para você. São textos variados: canções para você cantar, adivinhas para você descobrir a resposta, decorar e depois perguntar aos seus amigos, poemas para você recitar, parlendas para você brincar, quadrinhas para você se divertir, histórias para você se emocionar, receitas para você cozinhar... e muitos outros, que não só vão ajudar você a aprender a ler, mas também vão deixar você cada vez mais sabido(a)!

Alguns destes textos você poderá ler sozinho(a) mesmo que ainda esteja começando a aprender a ler; outros você irá ler com a ajuda de sua professora ou de seu professor; outros, ainda, serão lidos por sua professora ou professor, mas você poderá acompanhar a leitura.

O livro é seu e você deverá cuidar bem dele para que possa usá-lo não só este ano, mas nos próximos também. **Você pode levá-lo para casa** para ler com seus familiares, para mostrar para outros amigos ou, simplesmente, para se divertir, cantar, se emocionar, brincar, cozinhar, aprender...

Divirta-se e aproveite!

Equipe do Programa Ler e Escrever

Sumário

1ª Parte – Textos para ler em voz alta, se emocionar ou se divertir 9

Parlendas	10
Trava-línguas	14
Adivinhas	17
Cantigas de roda	20
Canções	31
Poemas	34
Quadrinhas	44

2ª Parte – Histórias para rir, chorar, se divertir e se assombrar 53

Contos 54

Irmãos Grimm

O Príncipe-rã ou Henrique de Ferro	54
A Bela Adormecida	57
João e Maria	61
Branca de Neve	65
Rumpelstichen	69
O Gato de Botas	72
Rapunzel	76
Cinderela	79
Os Sete Corvos	85
Chapeuzinho Vermelho	88

Charles Perrault

Chapeuzinho Vermelho	92
O Pequeno Polegar	94

Hans Christian Andersen

O Soldadinho de Chumbo	98
O Patinho Feio	102
O Rouxinol do Imperador	106
As Roupas Novas do Imperador	110

Ítalo Calvino

Joãozinho-sem-medo	114
------------------------------	-----

As mil e uma noites

Ali Babá e os Quarenta Ladrões	116
--	-----

Contos brasileiros

O Bicho Manjaléu	124
O Macaco e o Rabo (1)	128
O Macaco e o Rabo (2)	129
A Onça, o Macaco e o Boneco de Cera	131

Fábulas	137
O Ratinho, o Gato e o Galo	137
O Corvo e o Jarro	138
A Gansa dos Ovos de Ouro	138
O Cão e o Osso	138
O Vento e o Sol	139
O Leão e o Ratinho	139
A Rã e o Touro	140
O Galo e a Raposa	140
A Raposa e as Uvas	140
O Galo e a Pérola	141
A Formiga e a Pomba	141
O Leão e o Javali	142
O Lobo e o Cão	142
Lendas e mitos	143
Oxóssi	143
Maria Pamonha	145
Como a Noite Apareceu	147
Pandora	149
Narciso	150
3ª Parte – Textos para estudar, conhecer a vida de pessoas interessantes, saber como jogar ou cozinhar	153
Textos de divulgação científica	154
Borboleta-de-praia	154
Galo-de-campina	155
Pelo da gata pode ter mais cor que o do macho	155
Desmatamento	155
Lixo orgânico e inorgânico	156
Quando os animais mentem	156
O Cruzeiro do Sul	157
Borboletas urbanas	158
Nem cobra nem minhoca	159
O Pantanal	161
Costumes pantaneiros	162
Diversidade	164
Gigante entre as araras	166
Textos instrucionais	167
Receitas	167
Doces	
1. Pamonha do Norte	167
2. Bolinhos de Tapioca	168
3. Broas de Fubá	168
4. Cocadas de Ovos	169
5. Arroz-doce	169

Salgados	
1. Batata frita	170
2. Bolinhos de Arroz	170
3. Macarrão ao Alho e Óleo	171
Jogos e brincadeiras	172
1. Queimada	172
2. Pique-bandeira	173
3. Vassourobol	174
4. Bola ao centro	175
5. Guerra das bolas	175
6. Carimbo	176
7. Quem toca mais ganha	177
8. Alerta	178
9. Beisebol de chute, ou rebatida	178
10. Câmbio	179
11. Taco ou Bétis	179
12. Dois toques (futebol)	180
13. Ataque e defesa (futebol)	181
14. Controle (futebol)	181
15. Rebatida e drible (futebol)	182
16. Cinco corta (vôlei)	182
17. Vinte e um (vôlei)	183
18. Cabra-cega	183
19. Coelhoinho sai da toca	184
20. Pega-pega corrente	184
21. Mãe da rua	185
22. Nunca três	185
23. Fugi fugi	186
Jogos de cartas para crianças	186
1. Bum!	186
2. Anote o bum!	187
3. A batalha	188
4. Trinta e um	188
Biografias	189
Dom Pedro I	189
Cecília Meireles	190
Gonçalves Dias	190
Santos Dumont	190





1ª Parte – Textos para ler em voz alta, se emocionar ou se divertir

Esta é a primeira parte de seu livro de textos. Aqui você vai encontrar **parlendas, trava-línguas, adivinhas, cantigas de roda, canções, poemas e quadrinhas**.

As **adivinhas**, as **cantigas de roda**, as **parlendas**, as **quadrinhas** e os **trava-línguas** são textos da tradição oral brasileira — isso quer dizer que foram feitos para ser falados. A maioria deles é de domínio público, ou seja, não se sabe quem os inventou: foram simplesmente passados de boca a boca, das pessoas mais velhas para as mais novas. Você deve conhecer textos desse tipo, mesmo que não seja os que estão aqui; lembre-se daqueles que são contados pelas pessoas do lugar em que você vive.

As **canções** escolhidas para este livro, de diferentes épocas e estilos musicais, são as que ficaram conhecidas por muitos brasileiros. Você pode aproveitar as canções que já sabe e gosta e também escrevê-las e cantá-las.

Os **poemas** são textos parecidos com as canções, só que não são musicados. Alguns dos que estão aqui foram feitos especialmente para crianças. Repare que os poemas, assim como as quadrinhas e os trava-línguas, “brincam” com os sons das palavras e com o seu significado.

Estes textos são para você ler, reler, cantar, brincar, declamar, adivinhar e se divertir.

Bom proveito!



PARLENDAS

REI, CAPITÃO
SOLDADO, LADRÃO
MOÇA BONITA
DO MEU CORAÇÃO.

UNI DUNI TÊ
SALAMÊ MINGUÊ
UM SORVETE COLORÊ
O ESCOLHIDO FOI VOCÊ.

LUAR, LUAR
PEGA ESSE MENINO
E AJUDA A CRIAR.

HOJE É DOMINGO
PEDE CACHIMBO
CACHIMBO É DE BARRO
DÁ NO JARRO
O JARRO É FINO
DÁ NO SINO
O SINO É DE OURO
DÁ NO TOURO
O TOURO É VALENTE
DÁ NA GENTE
A GENTE É FRACO
CAI NO BURACO
O BURACO É FUNDO
ACABOU-SE O MUNDO.

PINTA LAINHA
DE CANA VITINHA
ENTROU NA BARRA DE VINTE CINCO
MINGORRA, MINGORRA
E CATE FORRA
TIRE ESSA MÃO
QUE ESTÁ FORRA.

BOCA DE FORNO
FORNO
TIRA UM BOLO
BOLO
SE O MESTRE MANDAR!
FAREMOS TODOS!
E SE NÃO FOR?
BOLO!

SANTA LUZIA
PASSOU POR AQUI
COM SEU CAVALINHO
COMENDO CAPIM
SANTA LUZIA
PASSOU POR AQUI
TIRE ESSE CISCO
QUE CAIU AQUI.

MOURÃO, MOURÃO
TOME TEU DENTE PODRE
DÁ CÁ MEU SÃO.

SANTA CLARA CLAREOU
SÃO DOMINGO ALUMIOU
VAI CHUVA, VEM SOL
VAI CHUVA, VEM SOL
PRA ENXUGAR O MEU LENÇOL.

MEIO-DIA
MACACO ASSOBIJA
PANELA NO FOGO
BARRIGA VAZIA.
QUEM COCHICHA
O RABO ESPICHA
COME PÃO
COM LAGARTIXA.

CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA
AQUI?
O GATO COMEU
CADÊ O GATO?
FOI PRO MATO
CADÊ O MATO?
O FOGO QUEIMOU
CADÊ O FOGO?
A ÁGUA APAGOU
CADÊ A ÁGUA?
O BOI BEBEU
CADÊ O BOI?
FOI CARREGAR TRIGO
CADÊ O TRIGO?
A GALINHA ESPALHOU
CADÊ A GALINHA?
FOI BOTAR OVO
CADÊ O OVO?
O PADRE BEBEU
CADÊ O PADRE?
FOI REZAR MISSA.
CADÊ A MISSA?
ACABOU!

SÃO LINGUIM, SÃO LINGUIM
ME ACHE ESTE...
QUE EU DOU TRÊS PULIM.

SOL E CHUVA
CASAMENTO DE VIÚVA.
CHUVA E SOL
CASA RAPOSA COM ROUXINOL.
TRABALHA, TRABALHA
JOÃO GOME!
SE NÃO TRABALHA,
NÃO COME!

RABO CORTOU,
EMENDOU, SAIU
SE NÃO SAIR,
VOU DAR FOGUINHO.

LÁ ATRÁS DA MINHA CASA
TEM UMA VACA CHOCADORA
QUEM RIR OU FALAR PRIMEIRO
CORRE O BICHO E A BICHEIRA.

CHICOTINHO QUEIMADO
VALE DOIS CRUZADOS
QUEM OLHAR PRA TRÁS
LEVA CHICOTADA.

CABRA CEGA DE ONDE VEIO?
VIM DO PANDÓ
QUE TROUXESTE PRA MIM?
PÃO-DE-LÓ
ME DÊ UM PEDACINHO?
NÃO DÁ PRA MIM
QUANTO MAIS PRA TUA AVÓ.





BATATINHA FRITA
UM, DOIS, TRÊS
ESTÁTUA!

UNA, DUNA
TENA, CATENA
SACO DE PENA
VILA, VILÃO
CONTA DIREITO
QUE DOZE SÃO.

GALINHA GORDA!
GORDA ELA!
CADÊ O SAL?
ESTÁ NA PANELA!
VAMOS A ELA
VAMOS!

LÉ COM LÉ
TRÉ COM TRÉ
UM SAPATO EM CADA PÉ.

ORDEM
EM SEU LUGAR
SEM RIR SEM FALAR
COM UM PÉ
COM O OUTRO
COM UMA MÃO
COM A OUTRA
BATE PALMAS
PIRUETA
TRAZ PRA FRENTE
PANCADA.

LÁ VAI A BOLA
GIRAR NA RODA
PASSEAR DEPRESSA
E SEM DEMORA
E SE NO FIM
DESTA CANÇÃO
VOCÊ ESTIVER
COM A BOLA NA MÃO
DEPRESSA PULE FORA.

UM, DOIS, TRÊS,
QUATRO, CINCO, SEIS,
SETE, OITO, NOVE,
PARA DOZE FALTAM TRÊS.
CRUZ DE PAU,
CRUZ DE FERRO,
QUEM OLHAR VAI PRO INFERNO!

O MACACO FOI À FEIRA
NÃO SABIA O QUE COMPRAR
COMPROU UMA CADEIRA
PRA COMADRE SE SENTAR
A COMADRE SE SENTOU
A CADEIRA ESBORRACHOU
COITADA DA COMADRE
FOI PARAR NO CORREDOR.

UNI PANDI
CIRANDI
DEU PICOTI
DEU PANDI
PICOTÉ
PICOTÁ
É PI
SAN VÁ.

DEDO MINDINHO
SEU VIZINHO
MAIOR DE TODOS
FURA BOLO
MATA PIOLHO.

BÃO BALALÃO
SENHOR CAPITÃO
ESPADA NA CINTA
GINETE NA MÃO.

JOÃOZINHO É UM BOM GUIADOR
QUANDO FALTA GASOLINA
ELE FAZ XIXI NO MOTOR.
A BARATINHA VOOU, VOOU
CHEGOU NA BOCA DE MARIA
E PAROU.

PAPAI DO CÉU
MANDOU DIZER
QUEM VAI SER O PRIMEIRO:
É ESTE DAQUI.

BETERRABA-RABA-RABA
QUEM ERRA É UMA DIABA.
BORBOLETA-LETA-LETA
QUEM ERRA É UMA CAPETA.

O DÔ TÊ CÁ
LE PEPINO LE TOMÁ
LE CAFÉ COM CHOCOLÁ
Ó DÓ TE CÁ.

A BÊNÇÃO, DINDINHA LUA!
ME DÊ PÃO COM FARINHA
PRA DAR PRA MINHA GALINHA
QUE TÁ PRESA NA COZINHA.
XÔ, XÔ, GALINHA!
VAI PRA TUA CAMARINHA.

BATE PALMINHA, BATE
PALMINHA DE SÃO TOMÉ
BATE PALMINHA, BATE
PRA QUANDO PAPAI VIER.
PAPAI DARÁ PAPINHA
MAMÃE DARÁ MAMINHA
VOVÓ DARÁ CIPÓ
NA BUNDINHA DA MENINA.
RÁ RÉ RI RÓ RUA
PERUA
SAIA DO MEIO DA RUA!

LÁ EM CIMA DO PIANO
TEM UM COPO DE VENENO
QUEM BEBEU MORREU
QUEM SAIU FUI EU.

UM, DOIS,
FEIJÃO COM ARROZ;
TRÊS, QUATRO,
ARROZ COM PATO;
CINCO, SEIS,
BOLO INGLÊS;
SETE, OITO,
CAFÉ COM BISCOITO;
NOVE, DEZ,
VAI NA BICA LAVAR OS PÉS
PRA COMPRAR CINCO PASTÉIS
PRA GANHAR QUINHENTOS RÉIS
PRA COMER NO DIA DEZ.





TRAVA-LÍNGUAS

O RATO E A ROSA RITA

O RATO ROEU A ROUPA DO REI DE ROMA,
O RATO ROEU A ROUPA DO REI DA RÚSSIA,
O RATO ROEU A ROUPA DO RODOVALHO...
O RATO A ROER ROÍÁ.
E A ROSA RITA RAMALHO DO RATO A ROER SE RIA.

A RATA

A RATA ROEU A ROLHA DA GARRAFA DA RAINHA.

PINTOR PORTUGUÊS

PAULO PEREIRA PINTO PEIXOTO,
POBRE PINTOR PORTUGUÊS,
PINTA PERFEITAMENTE PORTAS, PAREDES E PIAS,
POR PARCO PREÇO, PATRÃO.

PEDRO

SE O PEDRO É PRETO,
O PEITO DO PEDRO É PRETO
E O PEITO DO PÉ DO PEDRO É PRETO.

GATO

GATO ESCONDIDO
COM RABO DE FORA
TÁ MAIS ESCONDIDO
QUE RABO ESCONDIDO
COM GATO DE FORA.

RETRETA

QUANDO TOCA A RETRETA
NA PRAÇA REPLETA
SE CALA O TROMBONE
SE TOCA A TROMBETA.

TATU

— ALÔ, O TATU TAÍ?
— NÃO, O TATU NUM TÁ.
MAS A MULHER DO TATU TANDO,
É O MESMO QUE O TATU TÁ.

TIGRES TRISTES

TRÊS PRATOS
DE TRIGO
PARA TRÊS TIGRES
TRISTES.

PARDAL PARDO

— PARDAL PARDO, POR QUE PALRAS?
— PALRO SEMPRE E PALRAREI,
PORQUE SOU O PARDAL PARDO,
O PALRADOR D'EL-REI.

O SAPO NO SACO

OLHA O SAPO DENTRO DO SACO,
O SACO COM O SAPO DENTRO,
O SAPO BATENDO PAPO
E O PAPO SOLTANDO VENTO.

SABIÁ

VOCÊ SABIA
QUE O SÁBIO SABIÁ
SABIA ASSOBIAR?

TEMPO

O TEMPO PERGUNTOU PRO TEMPO
QUANTO TEMPO O TEMPO TEM.
O TEMPO RESPONDEU PRO TEMPO
QUE O TEMPO TEM TANTO TEMPO
QUANTO TEMPO O TEMPO TEM.

O VELHO

POR AQUELA SERRA ACIMA
VAI UM VELHO SECO E PECO.
— Ô, SEU VELHO SECO E PECO!
ESTE CEPO SECO É SEU?

ZÉ É

ZÉ É
CATIBIRIBÉ
SEJA MATUTÉ
DE FIRIFIFÉ.

PINTO

O PINTO PIA,
A PIPA PINGA.
PINGA A PIPA,
O PINTO PIA.
PIPA PINGA.
QUANTO MAIS
O PINTO PIA,
MAIS A PIPA PINGA.

NINHO DE MAFAGAFOS

NUM NINHO DE MAFAGAFOS
HÁ CINCO MAFAGAFINHOS.
QUEM OS DESMAFAGAFIZAR,
BOM DESMAFAGAFIZADOR SERÁ.

A PIA PERTO DO PINTO

O PINTO PERTO DA PIA.
TANTO MAIS A PIA PINGA,
MAIS O PINTO PIA...
A PIA PINGA,
O PINTO PIA,
PIA PINTO.
O PINTO PERTO DA PIA,
A PIA PERTO DO PINTO.

PATO PACO

PATO PACO
OU PACO PATO
PACATO
PATACO ATACA
PAGOU O PATO.
POBRE PATO PACO
OU PACO PATO?

.....

A BABÁ BOA BEBEU
O LEITE DO BEBÊ.
FAROFA FEITA
COM MUITA FARINHA FOFA
FAZ UMA FOFOCA FEIA.

.....

O BISPO DE CONSTANTINOPLA
QUER SE DESCONSTANTINOPOLIZAR.
QUEM CONSEGUIR
DESCONSTANTINOPOLIZAR
O BISPO DE CONSTANTINOPLA
BOM DESCONSTANTINOPOLIZADOR
SERÁ.

.....

UMA FOLHA VERDOLENGA
QUEM DESVERDOLENGAR
BOM DESVERDOLENGADOR SERÁ.
EU, COMO DESVERDOLENGUEI
BOM DESVERDOLENGADOR SEREI.





GALINHA QUE CISCA MUITO
BORRA TUDO E QUEBRA O CACO,
POIS AGORA VOCÊ DIGA
CERTO, SEM FAZER BURACO:
“ARANHA ARRANHANDO O JARRO
E O SAPO SOCANDO O SACO”.
À SOMBRA DA AMOREIRA
DORA NAMORA.
NO RAMO DA GOIABEIRA
A CIGARRA MORA.
NO ALTO DA TORRE
SONHA CAROLINA.
DEBAIXO DA PARREIRA
BRINCA MARINA.

.....

A ROSA PERGUNTOU À ROSA
QUAL ERA A ROSA MAIS ROSA.
A ROSA RESPONDEU PARA A ROSA
QUE A ROSA MAIS ROSA
ERA A ROSA COR-DE-ROSA.

.....

O DOCE PERGUNTOU PRO DOCE
QUAL É O DOCE MAIS DOCE
QUE O DOCE DE BATATA-DOCE.
O DOCE RESPONDEU PRO DOCE
QUE O DOCE MAIS DOCE QUE
O DOCE DE BATATA-DOCE
É O DOCE DE DOCE DE BATATA-
DOCE.

DISSERAM QUE NA MINHA RUA
TEM PARALELEPÍEDO FEITO
DE PARALELOGRAMOS.
SEIS PARALELOGRAMOS
TEM UM PARALELEPÍEDO.
MIL PARALELEPÍEDOS
TEM UMA PARALELEPÍEDOVIA.
UMA PARALELEPÍEDOVIA
TEM MIL PARALELOGRAMOS.
ENTÃO UMA PARALELEPÍEDOVIA
É UMA PARALELOGRAMOLÂNDIA?

.....

ALICE DISSE QUE EU DISSE
QUE ELA DISSE
QUE O QUE EU DISSE
ERA UM POÇO DE TOLICE.
MAS EU DISSE QUE NÃO DISSE
O QUE ELA DISSE
QUE EU DISSE QUE ELA DISSE,
E QUEM FEZ O DISSE-DISSE FOI
A DONA BERENICE.

.....

CINCO BICAS, CINCO PIPAS,
CINCO BOMBAS.
TIRA DA BOCA DA BICA, BOTA NA
BOCA DA BOMBA.

ADIVINHAS

O QUE É, O QUE É...

1. Por que é que o boi sobe o morro?
2. Tem casa, mas mora em cima?
3. Tem cabeça, tem dente, tem barba, não é bicho e não é gente?
4. Tem boca, tem língua, mas não fala?
5. Cai em pé e corre deitado?
6. Tem chapéu, mas não tem cabeça,
Tem boca, mas não fala,
Tem asa, mas não voa,
Tem bico, mas não belisca?
7. Está no meio do ovo?
8. Falta numa casa para formar um casal?
9. Quem é que nasce no rio, vive no rio e morre no rio, mas não está sempre molhado?
10. O que é que corre em volta do pasto inteiro sem se mexer?
11. O que é que enche a casa, mas não enche a mão?
12. Pode ser grande ou pequeno, mas tem sempre a dimensão de um pé?
13. O que é que nunca passa e sempre está na frente?
14. Qual a formiga que sem a primeira sílaba vira fruta?
15. O que é que nunca volta, embora nunca tenha ido?
16. O que é que sempre se conta e raramente se desconta?
17. O que é que pode ser de ferro, de gelo, de chocolate e de água ao mesmo tempo?
18. O que é que não é de carne, nem de osso, mas se enche de carne viva para aguentar as espetadelas?
19. O que é: o ferreiro faz, o cavalo usa, no jardim é flor, na comida é tempero, mas no rosto é marca?
20. O que é que pode passar diante do sol sem fazer sombra?
21. Onde se encontra o centro de gravidade?

Respostas
1. Porque não pode passar por baixo. 2. Botão. 3. Alho. 4. Sapato. 5. Chuva.
6. Bule. 7. A letra V. 8. A letra L. 9. O caríoca. 10. A cerca. 11. Botão. 12. Sapato.
13. O futuro. 14. Saúva. 15. O passado. 16. Idade. 17. Barra. 18. Dedal. 19. Cravo.
20. O vento. 21. Na letra I.





- 22.** Soletre ratoeira com quatro letras.
- 23.** O que é que quando se perde jamais se consegue encontrar de novo?
- 24.** Tenho músculos de aço e passo o ano falando com metade da população do mundo. Quem sou?
- 25.** O que é: as mulheres não têm e não querem ter; os homens querem ter, mas quando têm tratam geralmente de se desfazer?
- 26.** O que é o que é: cinco operários e só um tem chapéu?
- 27.** O que é preciso para apagar uma vela?
- 28.** Quem é tão forte que pode parar um automóvel com uma só mão?
- 29.** Qual é o homem que tem de fazer mais de três barbas por dia?
- 30.** O que é que não tem pernas, mas sempre anda?
- 31.** O que é que dá, sem nada ter?
- 32.** O que é que não está dentro da casa, nem fora da casa, mas a casa não estaria completa sem ela?
- 33.** O que é que tem uma porção de dentes, mas não tem boca?
- 34.** Como é que se retira uma pessoa que cai num poço?
- 35.** O que acaba tudo com três letras?
- 36.** O que é que tem centro, mas não tem começo nem fim?
- 37.** Qual é a primeira coisa que o boi faz de manhã, quando sai o sol?
- 38.** O que é que é verde como o mato, mas mato não é, fala como gente, mas gente não é?
- 39.** O que é que entra na água mas não se molha?
- 40.** Qual é a pessoa que quando trabalha deixa qualquer um de boca aberta?
- 41.** O que é que vive com os pés na cabeça?
- 42.** O que é que vem sempre para casa pelo buraco da fechadura?
- 43.** Responda bem depressa: um gato caiu num poço; como foi que ele saiu?

Respostas
22. Gato. 23. O tempo. 24. Linha telefónica. 25. Barba. 26. Cinco dedos e um dedal. 27. Faz sombra. 28. Guarda de trânsito. 29. O barbeiro. 30. Sapato. 31. Relógio (dá as horas). 32. Janela. 33. O serrote. 34. Completamente molhada. 35. Fim. 36. Círculo. 37. Faz sombra. 38. Papagaio. 39. Sombra. 40. Dentista. 41. Plolho. 42. Chave. 43. Molhado.

44. O que é que quanto mais cresce, mais baixo fica?
45. O que é que tem mais de quarenta cabeças e não pode pensar?
46. Dois irmãos irmanados
Um se come cru, outro assado
Quem são?
47. Altas varandas
Formosas janelas
Que abrem e fecham
Sem ninguém tocar nelas
48. Eu me chamo cama
Nela ninguém se deita
Só leão se ajeita
Quem sou?
49. Ele morre queimado
Ela morre cantando

ADIVINHAÇÕES EM VERSINHOS

50. Vamos ver se me responde se é possível descobrir: o que é bem fácil de entrar, mas difícil de sair?
51. O que é, o que é mesmo?
Quero ver se vai saber,
Que está bem na sua frente,
Mas você não pode ver?

52. O que será, o que será?
Que me preocupa tanto...
Viaja por todo o mundo
Mas fica sempre em seu canto?
53. Onde será que você,
Mesmo sem ser banqueiro,
Mesmo sem ser milionário,
Pode sempre achar dinheiro?
54. Todo mundo precisa,
Todo mundo pede,
Todo mundo dá,
Mas ninguém segue?
55. O que está fora você joga fora.
Cozinha o que está dentro
E come o que está fora
Depois, o que está dentro você joga fora...
56. Responda se for capaz,
Sem ficar atrapalhado:
Nosso rei Pedro Segundo,
Onde é que foi coroado?

57. Bicho manso e saltador,
Gosta de ir aos pinotes,
Levando, cheio de amor,
Dentro da bolsa os filhotes.
58. Com dez patas vai de lado,
Constelação tem seu nome,
Não tem pescoço e é caçado
Porque é gostoso e se come.

44. Rabo de cavalo. 45. Caixa de fósforos. 46. Caju e castanha. 47. Olhos. 48. Camaleão. 49. Cigarro e cigarra. 50. Alho no espremedor. 51. O futuro. 52. Selo. 53. No dicionário. 54. Conselho. 55. Espiga de milho. 56. Na cabeça. 57. Canguru. 58. Caranguejo.

Respostas





CANTIGAS DE RODA

ATIREI O PAU NO GATO

Atirei o pau no ga-to-to,
mas o ga-to-to
não morreu-reu-reu.
Dona Chi-ca-ca
admirou-se-se
com o be-rrro,
com o be-rrro
que o gato deu:
miaaaaaauuuu...

SAI, PIABA

Sai, sai, sai,
Ó, piaba,
saia da lagoa.
Bota a mão na cabeça,
a outra na cintura.
Dá um remelexo no corpo,
dá uma umbigada
no outro.

PAI FRANCISCO

Pai Francisco entrou na roda,
tocando o seu violão
dão rão rão dão dão [bis]
Vem de lá seu delegado,
E Pai Francisco
foi pra prisão.
Como ele vem todo requebrado,
parece um boneco
desengonçado.

SE ESTA RUA FOSSE MINHA

Se esta rua, se esta rua
fosse minha,
eu mandava,
eu mandava ladrilhar
com pedrinhas,
com pedrinhas de brilhantes
para o meu,
para o meu amor passar.

Nesta rua,
nesta rua tem um bosque,
que se chama,
que se chama solidão.
Dentro dele,
dentro dele mora um anjo,
que roubou,
que roubou meu coração.

Se eu roubei,
se eu roubei teu coração,
tu roubaste,
tu roubaste o meu também.
Se eu roubei,
se eu roubei teu coração,
é porque,
é porque te quero bem.

POMBINHA BRANCA

Pombinha branca,
o que está fazendo?
Lavando a roupa
do casamento.

A roupa é suja
é cor-de-rosa
pombinha branca
é preguiçosa.



AI, EU ENTREI NA RODA

Ai, eu entrei na roda
 Ai, eu não sei como se dança
 Ai, eu entrei na “rodadança”
 Ai, eu não sei dançar
 Sete e sete são catorze,
 Com mais sete, vinte e um
 Tenho sete namorados
 Só posso casar com um
 Namorei um garotinho
 Do colégio militar,
 O diabo do garoto,
 Só queria me beijar
 Todo mundo se admira
 Da macaca fazer renda
 Eu já vi uma perua
 Ser caixeira de uma venda
 Lá vai uma, lá vão duas,
 Lá vão três pela terceira
 Lá se vai o meu benzinho,
 No vapor da cachoeira
 Essa noite tive um sonho
 Que chupava picolé
 Acordei de madrugada,
 Chupando dedo do pé

RODA PIÃO

O pião entrou na roda, ô, pião! [bis]
 Roda pião, bambeia pião! [bis]
 Sapateia no terreiro, ô, pião! [bis]
 Faça uma cortesia, ô, pião! [bis]

A GALINHA DO VIZINHO

A galinha do vizinho
 Bota ovo amarelinho
 Bota um, bota dois,
 Bota três, bota quatro,
 Bota cinco, bota seis,
 Bota sete, bota oito,
 Bota nove, bota dez.

O PASTORZINHO

Havia um pastorzinho
 Que vivia a pastorear
 Saiu de sua casa
 E pôs-se a cantar

Dó, ré, mi, fá, fá, fá
 Dó, ré, dó, ré, ré, ré
 Dó, sol, fá, mi, mi, mi
 Dó, ré, mi, fá, fá, fá





BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU

O bá-bé-bi-bó-bu
Vamos todos aprender,
soletrando o bê-â-bá.
na cartilha do ABC. [bis]

O M é uma letra que se
escreve no ABC.
Maria, você não sabe
como eu gosto de você. [bis]

A BARATA

A barata diz que tem
sete saias de filó.
É mentira da barata,
ela tem é uma só.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
Ela tem é uma só.

A barata diz que tem
sete saias de balão.
É mentira, ela não tem
nem dinheiro pro sabão.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
Nem dinheiro pro sabão.

A barata diz que tem
um sapato de fivela.
É mentira da barata,
o sapato é da mãe dela.

Ah! Ah! Ah!
Oh! Oh! Oh!
O sapato é da mãe dela.

CACHORRINHO

Cachorrinho está latindo
lá no fundo do quintal.
Cala a boca, cachorrinho!
Deixa o meu benzinho entrar.

Ô, tindô, lelê!
Ô, tindô, lelê, lalá!
Ô, tindô, lelê!
Não sou eu que caio lá.

CARROCINHA

A carrocinha pegou
três cachorros de uma vez [bis]
Tra-la-la-lá
Que gente é essa?
Tra-la-la-lá [bis]
Que gente má!

BALAIO

Eu queria ser balaio, sinhá!
Balaio eu queria ser...
Pra andar dependurado
na cintura de você.

Balaio, meu bem, balaio, sinhá,
balaio do coração...
Moça que não tem balaio, sinhá,
bota a costura no chão.

Eu mandei fazer balaio
pra guardar meu algodão
Balaio saiu pequeno,
não quero balaio, não.

Balaio, meu bem [repete]

BARATA

Eu vi uma barata
na careca do vovô.
Assim que ela me viu,
bateu asas e voou.

Seu Joaquim-qui-rim-quim
da perna torta-ra-ta
dançando valsa-ra-sa
com a Maricota-ra-ta.

Eu bem que disse-ri-se
que não bulisse-ri-se
no violão-dão-rão-dão
da dona Alice-ri-se.

ESTOU PRESA

Estou presa, meu bem
estou presa.
Estou presa por um cordão.
Me solte, meu bem
me solte.
Me prenda no coração.

No laço do teu olhar
você me prendeu um dia
fiz tudo pra me livrar
(ai meu bem)
mas vi que não conseguia.

VAPOR DE CACHOEIRA

O vapor de Cachoeira
não navega mais no mar [bis]
Arriba o pano, toca o búzio,
nós queremos vadiar.
Ai, ai, ai,
nós queremos vadiar.

MEU LIMÃO

Meu limão, meu limoeiro,
meu pé de jacarandá,
uma vez tindô-lê-lê,
outra vez tindô-lá-lá.

CIRANDINHA

Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar,
vamos dar a meia-volta,
volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou.
O amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.

Por isso, dona (Fulana),
entre dentro desta roda,
diga um verso bem bonito,
diga adeus e vá-se embora.

SEREIA

Eu morava na areia, sereia
Me mudei para o sertão, sereia
Aprendi a namorar, sereia,
com um aperto de mão
Oh, sereia!

BAMBU

Bambu tira bu,
aroeira manteigueira,
titarás (Fulana)
para ser bambu.





PERIQUITO MARACANÃ

Periquito Maracanã
cadê a sua laiá [bis]
Faz um ano, faz dois anos
que eu não vejo ela passar.

Ora vai fechando,
ora vai fechando,
ora vai fechando até fechar.

Ora vai afastando,
ora vai afastando,
ora vai afastando até afastar.

Ora vai pulando,
ora vai pulando,
ora vai pulando até parar.
Vai correndo
até parar.

GUABIRABA

Quebra-quebra guabiraba,
quero ver quebrar
Quebra lá que eu quebro cá,
quero ver quebrar.

MARCHA, SOLDADO

Marcha, soldado,
cabeça de papel!
Quem não marchar direito
vai preso pro quartel.

Marcha, soldado,
cabeça de papelão!
Se não marchar direito,
cai na ponta do facão.

A POMBA NO LAÇO

A pombinha voou, voou
caiu no laço se embaraçou [bis]
Ai me dá um abraço
que eu desembaraço
Essa pombinha [bis]
que caiu no laço.

TERESINHA DE JESUS

Teresinha de Jesus
de uma queda foi ao chão.
Acudiram três cavalheiros,
todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai;
o segundo, seu irmão;
o terceiro foi aquele
a quem Teresa deu a mão.
Da laranja quero um gomo,
do limão quero um pedaço,
da morena mais bonita
quero um beijo e um abraço.

POMBINHA

Pombinha, quando tu fores,
Escreve pelo caminho.
Se não achares papel,
nas asas do passarinho.

Do bico faz um tinteiro.
Da língua, pena dourada.
Dos dentes, letra miúda.
Dos olhos, carta fechada.

A pombinha voou, voou [bis]
Ela foi-se embora e me deixou.

CAI, CAI, BALÃO

Cai, cai, balão!
Cai, cai, balão,
aqui na minha mão!
Não cai não, não cai não,
não cai não!
Cai na rua do sabão!

GIROFLÊ

Fui passear no jardim celeste
Giroflê, giroflá
Fui passear no jardim celeste
para te encontrar.

Se encontrasse com o rei
Giroflê, giroflá
Se encontrasse com o rei
para te encontrar.
Eu faria reverência
Giroflê, giroflá
Eu faria reverência
para te encontrar.
Se encontrasse com a rainha
Giroflê, giroflá
Se encontrasse com a rainha
para te encontrar.

Eu faria um cumprimento
Giroflê, giroflá
Eu faria um cumprimento
para te encontrar.

Se encontrasse com um soldado,
eu batia continência.
Se encontrasse com o diabo,
eu faria o sinal-da-cruz.

MEU CHAPÉU

O meu chapéu tem três pontas,
tem três pontas o meu chapéu.
Se não tivesse três pontas,
não seria o meu chapéu.

A CANOA VIROU

A canoa virou,
pois deixaram ela virar.
Foi por causa de (Fulana),
que não soube remar.

Se eu fosse um peixinho
e soubesse nadar,
eu tirava (Fulana)
do fundo do mar.

Airi pra cá,
airi pra lá,
(Fulana) é bela
e quer casar.

SAPO CURURU

Sapo cururu
da beira do rio,
quando o sapo canta,
oh, maninha,
é que está com frio!

A mulher do sapo
deve estar lá dentro,
fazendo rendinha,
oh, maninha,
para o casamento!





CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

Carneirinho, carneirão,
neirão, neirão
Olhai pro céu, olhai pro chão,
pro chão, pro chão
Manda o rei, nosso senhor,
senhor, senhor,
para todos se levantarem.
[sentarem, ajoelharem etc.]

FUI NO MAR

Fui no mar buscar laranja,
coisa que o mar não tem.
Voltei toda molhadinha
das ondas que vão e vêm.

Fui no mar da vida um dia,
fui buscar amor também.
O amor que eu queria,
ai, meu Deus, no mar não tem!

Nas ondas fui embalada
até que à praia voltei
sozinha, triste e molhada
das lágrimas que chorei!

TRÊS, TRÊS PASSARÁ

Três, três passará,
derradeiro ficará.
Bom vaqueiro, bom vaqueiro,
dá licença d'eu passar
com meus filhos pequeninos
para acabar de criar.

CAMINHO DA ROÇA

No caminho da roça
tem maracujá,
mas não tem maduro
pra meu bem chupar.

Dona Mariquinha, olê [bis]
Dona Mariquinha, olá

MACHADINHA

Ai, ai, ai, minha machadinha!
Ai, ai, ai, minha machadinha!
Quem te pôs a mão
sabendo que és minha? [bis]

Se és minha,
eu também sou tua. [bis]
Pula, machadinha,
pro meio da rua. [bis]

No meio da rua
não hei de ficar. [bis]

Porque tenho (Fulana)
para ser meu par. [bis]

PEIXE VIVO

Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria [bis]

Como poderei viver [bis]
sem a tua, sem a tua
sem a tua companhia? [bis]

POBRE E RICA

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré.

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré-de-si.

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré.

Eu sou rica, rica, rica
de marré-de-si.

Quero uma de vossas filhas
de marré, marré, marré

Quero uma de vossas filhas
de marré-de-si.

Escolha a que quiseres
de marré, marré, marré.

Escolha a que quiseres
de marré-de-si.

Eu quero a (Fulana)
de marré, marré, marré.

Eu quero a (Fulana)
de marré-de-si.

Que ofício darás a ela
de marré, marré, marré?

Que ofício darás a ela
de marré-de-si?

Dou ofício de costureira
de marré, marré, marré.

Dou ofício de costureira
de marré-de-si.

Esse ofício (não) me agrada
de marré, marré, marré.

Esse ofício (não) me agrada,
de marré-de-si.

FUI AO TORORÓ

Fui ao Tororó
beber água e não achei.
Encontrei bela morena
que no Tororó deixei.

Aproveita, minha gente,
que uma noite não é nada.
Quem não dormir agora
dormirá de madrugada.

Ó, dona (Fulana),
ó, (Fulanazinha),
entrarás na roda
ou ficarás sozinha.

Sozinha eu não fico,
nem hei de ficar,
porque tenho (Fulana)
para ser meu par.

Deita aqui no meu colinho,
deita aqui no colo meu,
e depois não vá dizer
que você se arrependeu.

Eu passei por uma porta,
seu cachorro me mordeu.
Não foi nada, não foi nada,
quem sentiu a dor fui eu.

MINEIRA DE MINAS

Eu sou mineira de Minas,
mineira de Minas Gerais.
Eu sou carioca da gema,
carioca da gema do ovo.
Rebola-bola
você diz que dá, que dá.
Você diz que dá na bola,
mas na bola você não dá.





PINTINHO

Meu pintinho amarelinho,
cata aqui na minha mão,
na minha mão.
Quando quer comer bichinho,
com seu pezinho
ele cisca o chão.
Ele bate as asas,
ele faz piu-piu,
mas tem muito medo do gavião.
[bis]

SAMBA LELÊ

Samba Lelê tá doente,
tá com a cabeça quebrada.
Samba Lelê precisava
é de umas boas lambadas.

Samba, samba, samba, Lelê!
Pisa na barra da saia, Lalá!

Ó, morena bonita,
onde é que você mora?
Moro na rua da praia,
digo adeus e vou embora.

Samba, samba, samba, Lelê!
Pisa na barra da saia, Lalá!

SÃO JOÃO

São João-da-ra-rão
Tem uma gaita-ra-rai-ta
Quando toca-ra-ro-ca
Bate nela
Todos os anjos-ra-ran-jos
Tocam gaita-ra-rai-ta
Tocam tan-ta-ra-tan-to
Aqui na Terra.

MESTRE ANDRÉ

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um pianinho
Plim, plim, plim, um pianinho
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um violão.
Dão, dão, dão, um violão
Plim, plim, plim, um pianinho
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei uma flautinha.
Fla, fla, fla, uma flautinha.
Dão, dão, dão, um violão,
Plim, plim, plim, um pianinho.
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do mestre André.

AS FLORES

Somos as flores mais perfumadas
que beijam todos os beija-flores.
Somos as flores cheias
de fragrâncias,
que representam o
jardim da infância.

Eu sou a rosa mais perfumada,
que beija todos os beija-flores.
Eu sou a rosa cheia de fragrância
que representa o jardim de infância.

[Eu sou o lírio, o cravo...]

MEU GALINHO

Há três noites que eu não durmo,
ó-lá-lá!
pois perdi o meu galinho,
ó-lá-lá!
Coitadinho, ó-lá-lá!
Pobrezinho, ó-lá-lá!
Eu perdi lá no jardim.

Ele é branco e amarelo,
ó-lá-lá!
Tem a crista vermelhinha,
ó-lá-lá!
Bate as asas, ó-lá-lá!
Abre o bico, ó-lá-lá!
E faz qui-ri-qui-qui

Já rodei em Mato Grosso, ó-lá-lá,
Amazonas e Pará, ó-lá-lá!
Encontrei, ó-lá-lá!
meu galinho, ó-lá-lá!
no sertão do Ceará!

PIRULITO

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

Ora, palma, palma, palma!
Ora, pé, pé, pé!
Ora roda, roda, roda!
Caranguejo peixe é.

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Que importa a você que eu bata,
se eu bato no que é meu?

A LINDA ROSA JUVENIL

A linda rosa juvenil,
juvenil, juvenil
A linda rosa juvenil,
juvenil
Vivia alegre no solar,
no solar, no solar
Vivia alegre no solar, no solar.
Mas uma feiticeira má,
muito má, muito má
Mas uma feiticeira má,
muito má
Adormeceu a rosa assim,
bem assim, bem assim
Adormeceu a rosa assim,
bem assim.
O tempo correu a passar,
a passar, a passar
O tempo correu a passar,
a passar.
O mato cresceu ao redor,
ao redor, ao redor
O mato cresceu ao redor,
ao redor.
Um dia veio um belo rei,
belo rei, belo rei
Um dia veio um belo rei,
belo rei.
E despertou a rosa assim,
bem assim, bem assim,
E despertou a rosa assim,
bem assim.
Lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá.





PIÃO

(Fulana) não é capaz [bis]
de jogar o pião no chão, oi
lá vai, lá vai, lá vai, oi [bis]
lá vai o pião no chão, oi

DOIS PASSARINHOS

Por esta rua, dominé,
passeou meu bem, dominé.
Não foi por mim, dominé,
foi por alguém, dominé.
Dois passarinhos, dominé,
caíram no laço, dominé.
Não foi por mim, dominé,
foi por alguém, dominé.

Dá um beijinho, dominé,
dá um abraço, dominé,
dá outro beijo, dominé,
dá outro abraço, dominé,
escolha um, dominé,
para seu par, dominé.

ALFACE JÁ ACABOU

Alface já acabou [bis]
a chuva quebrou-lhe o galho
rebola chuchu, rebola chuchu [bis]
rebola senão eu caio.

NA BAHIA TEM

Na Bahia tem, tem, tem, tem
na Bahia tem, oh!, maninha,
coco de vintém.

Na Bahia tem, vou mandar
buscar
máquina de costura, oh!,
maninha,
ferro de engomar.

SENHORA DONA SANCHA

Senhora dona Sancha,
coberta de ouro e prata,
descubra o teu rosto,
queremos ver tua cara.

Que anjos são esses
que andam por aí
de noite e de dia,
Pai-Nosso e Ave-Maria.

Somos filhos de um rei,
netos da rainha.
Senhor rei mandou dizer
que escolhesse uma pedrinha.

O CRAVO E A ROSA

O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
e a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente,
a rosa foi visitar.

O cravo teve um desmaio
e a rosa pôs-se a chorar.

DE ABÓBORA FAZ MELÃO

De abóbora faz melão,
de melão, faz melancia [bis]
Faz doce, sinhá!
Faz doce, sinhá!
Faz doce, sinhá Maria!

Quem quiser aprender a dançar
vá na casa do seu Juquinha [bis]
Ele pula, ele roda,
Ele faz requebradinha.

CANÇÕES

AS PASTORINHAS

Noel Rosa e João de Barro

A estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor

E as pastorinhas
Pra consolo da lua
Vão cantando na rua
Lindos versos de amor

Linda pastora
Morena da cor de Madalena
Tu não tens pena
De mim que vivo tonto
Com o teu olhar

Linda criança
Tu não me sais da lembrança
Meu coração não se cansa
De sempre, sempre te amar



SAMBA DO ARNESTO

Adoniran Barbosa

O Arnesto nos convidô
Prum samba
Ele mora no Brás
Nóis fumo e
Num encontremo ninguém
Nóis vortemo cuma baita
Duma reiva
Da outra vez
Nóis num vai mais

Nóis num semo tatu!

Notro dia
Encontremo com o Arnesto
Que pediu desculpa
Mais nós num aceitemos
Isso num se faiz, Arnesto
Nóis num si importa
Mais você divia
Ter pnhado um recado
Na porta. Ansim:
Óia turma, num deu
Pra esperá
Aduvido que isso num
Faz mar,
E num tem importância
De outra vez
Nóis te carça a cara.





GAROTA DE IPANEMA

Vinícius de Moraes e Tom Jobim

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço, a caminho do mar.
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda
Que eu já vi passar.

Ah, porque estou tão sozinho
Ah, porque tudo é tão triste
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha.
Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo inteirinho se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor.

BANHO DE LUA

Versão de Fred Jorge

Tomo banho de lua
Fico branca como a neve
Se o luar é meu amigo
Censurar ninguém se atreve
É tão bom sonhar contigo
Oh! Luar tão cândido.
Sob um banho de luar
Numa noite de esplendor
Sinto a força da magia
Da magia do amor
É tão bom sonhar contigo
Oh! Luar tão cândido
Tin tin tin
Raio de lua
Tin tin tin
Bailando vem ao mundo,
Oh! Lua!
A cândida lua vem



ASA-BRANCA

Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Até mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse: “Adeus, Rosinha,
Guarda contigo meu coração”.

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro
Não chore não, viu?
Que eu voltarei, viu?
Meu coração!

MARINHEIRO SÓ

Domínio público

Eu não sou daqui
Marinheiro só
Eu não tenho amor
Marinheiro só
Eu sou da Bahia
Marinheiro só
De São Salvador
Marinheiro só
Lá vem, lá vem
Marinheiro só
Como ele vem faceiro
Marinheiro só
Todo de branco
Marinheiro só
Com seu bonezinho
Marinheiro só
Ó, marinheiro, marinheiro
Marinheiro só
Quem te ensinou a nadar
Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só





POEMAS

MANUEL BANDEIRA

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar
debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais
limpinhos
Ele não se importava:
Querera era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas
ternurinhas...
— O meu porquinho-da-índia foi
minha primeira namorada.

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um
homem.

TEMA E VARIAÇÕES

Sonhei ter sonhado
Que havia sonhado.

Em sonho lembrei-me
De um sonho passado:
O de ter sonhado
Que estava sonhando.

Sonhei ter sonhado...
Ter sonhado o quê?
Que havia sonhado
Estar com você
Estar? Ter estado.
Que é tempo passado.

Um sonho presente
Um dia sonhei.
Chorei de repente,
Pois vi, despertado,
Que tinha sonhado.

ANDORINHA

Andorinha lá fora está dizendo:
— Passei o dia à toa, à toa!

Andorinha, andorinha, minha
cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa.

TREM DE FERRO

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria, que foi isto,
maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...

Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

NAMORADOS

O rapaz chegou-se para junto da
moça e disse:
— Antônio, ainda não me
acostumei com seu corpo, com a
sua cara.
A moça olhou de lado e esperou.
— Você não sabe quando a gente
é criança e de repente vê uma
lagarta listrada?
A moça se lembrava:
— A gente fica olhando...
A meninice brincou de novo nos
olhos dela.
O rapaz prosseguiu com muita
doçura:
— Antônio, você parece uma
lagarta listrada.
A moça arregalou os olhos, fez
exclamações.
O rapaz concluiu:
— Antônio, você é engraçada!
Você parece louca.





VINÍCIUS DE MORAES

O ELEFANTINHO

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?
— Ah! estou com um medo
danado
Encontrei um passarinho!

A PORTA

Eu sou feita de madeira.
Madeira, matéria morta.
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me
importa...)

Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.
Eu sou muito inteligente!
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo neste mundo
Só vivo aberta no céu.

A CASA

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
fazer pipi
Porque penico não tinha ali.
Mas era feita com muito esmero na
Rua dos Bobos
número zero.

AS BORBOLETAS

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na paz
As belas
Borboletas
Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam muito de luz.
As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

O PATO

Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há.

O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço de jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.

O RELÓGIO

Passa tempo, tic-tac
Tic-tac, passa hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai embora
Passa tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac





CECÍLIA MEIRELES

ENCHENTE

Chama o Alexandre!
Chama!

Olha a chuva que chega!
É a enchente.
Olha o chão que foge com a chuva...
Olha a chuva que encharca a gente.
Põe a chave na fechadura.
Fecha a porta por causa da chuva,
olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira
no fogo: olha a chama! olha a chispa!
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva
é tanta que nem de galocha
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!
Chama!

O ECO

O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: "Onde?
Onde?"

O menino também lhe pede:
"Eco, vem passear comigo!"

Mas não sabe se o eco é amigo
ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:
"Migo!"



OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois
lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro
o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

A LÍNGUA DO NHEM

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha,
escutando a velhinha,
princiou também
a miar nessa língua.
E se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha,
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia,
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O CHÃO E O PÃO

O chão.
O grão.
O grão no chão.

O pão.
O pão e a mão.
A mão no pão.

O pão na mão.
O pão no chão?
Não.

TANTA TINTA

Ah! Menina tonta,
Toda suja de tinta
mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte,
muito desatenta...

E agora se espanta:
Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?..)

A ponte aponta
e se desponta.
A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
e pinta por pinta...

Ah! a menina tonta!
Não viu a tinta da ponte!





CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha um pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse
acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio
do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras.
Pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

PATRIMÔNIO

Duas riquezas: Minas
e o vocábulo.

Ir de uma a outra, recolhendo
o fubá, o ferro, o substantivo, o som.

Numa, descansar de outra. Palavras
assumem código mineral.
Minérios musicalizam-se em vogais.
Pastor sentir-se: reses encantadas.

O BOI

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não têm sentido algum.

Ó solidão do boi no campo,
O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

QUADRILHA

João amava Teresa que amava
Raimundo
que amava Maria que amava
Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou
com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentado cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz
que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e
nunca se esqueceu —
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um
mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson
Crusóé.

MÁRIO QUINTANA

O POEMA

Um poema como um gole d'água
bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando
ferido.
Como pequenina moeda de prata
perdida para sempre
na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que
a sua misteriosa
condição de poema.
Triste.
Solitário
Único.
Ferido de mortal beleza.

CIDADEZINHA CHEIA DE GRAÇA

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na
praça...
Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham. Nuvens e asas,
Não param nunca, nem um
segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o
mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...





POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça.
- trenzinho
vagaroso com vagarosas
paradas
em cada estaçõzinha pobre
para comprar
pastéis
pés-de-moleque
sonhos
- principalmente sonhos!
Porque as moças da cidade vinham
olhar o trem passar
Elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de
ali ficar morando
sempre.
Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando
é preciso partir
é preciso chegar
é preciso partir
é preciso chegar
Ah, como esta vida é urgente!
No entanto
eu gostava era mesmo de partir
E até hoje quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar
fecho os olhos e sonho.
Viajar, viajar
mas para parte nenhuma
Viajar indefinidamente
como uma nave espacial perdida
entre as estrelas.

CANÇÃO DE INVERNO

Pinhão quentinho!
Quentinho pinhão!
E tu bem juntinho
Do meu coração...

O PATO TIRA RETRATO

O pato ganhou sapato.
Foi logo tirar retrato.
O macaco retratista
era mesmo um grande artista.
Disse ao pato: “Não se mexa
Para depois não ter queixa”.
E o pato, duro e sem graça
Como se fosse de massa!
“Olhe pra cá direitinho:
Vai sair um passarinho”.
O passarinho saiu,
bicho assim nunca se viu.
Com três penas no topete
e no rabo apenas sete.



GONÇALVES DIAS

NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava:
“Ai, não me deixes, não!”

“Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão;
Límpido ou turvo, te amarei
constante;
Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava, novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na
fonte:
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre
embalde:
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor
murchada,
Quase a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que não a deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
“Não me deixaste, não!”

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida, mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.





QUADRINHAS

Quando passas pela rua
Sem reparar em quem passa,
A alegria é toda tua
E minha toda a desgraça.

Aqui tens meu coração,
Metes a mão, tira-o com jeito;
Lá verás que amor tão grande
Em palácio tão estreito.

Tenho vontade de ver-te,
Mas não sei como acertar;
Passeias onde não ando,
Andas sem eu te encontrar.

Um dia, à beira de um lago
Por acaso fui parar;
Vi no fundo a tua imagem.
Quis-me deitar a afogar.

Tens um livro que não lês,
Tens uma flor que desfolhas;
Tens um coração aos pés
E para ele não olhas.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que, de tanto confundi-los,
Nem já sei quais são os meus.

Quem me dera a liberdade
Que a réstia do luar tem,
Entrava pela janela,
La falar ao meu bem.

Companheiro me ajude
que eu não posso cantar só.
Eu sozinho canto bem,
com você canto melhor.

Quatrocentos guardanapos,
seis vinténs em cada ponta.
Você diz que sabe tanto,
Venha somar essa conta!

Minha gente, venha ver
coisa que nunca se viu:
o tição brigou com a brasa
e a panelinha caiu.

Amar e saber amar
são pontinhos delicados.
Os que amam são sem conta,
os que sabem são contados.

Eu não tenho pai nem mãe,
nem nessa terra parentes.
Sou filho das águas claras,
neto das águas correntes.

Lua de prata
presa em cetim
Brilhas tão linda
longe de mim...

.....

Eu chupei uma laranja,
as sementes deitei fora.
Da casca fiz um barquinho:
— Meu amor, vamos embora!
Coração de pedra dura
como pedra de amolar.
O ferro no fogo abranda,
tu não queres abrandar.
Eu vou fazer um relógio
de um galhinho de poejo
para contar os minutos
do tempo que não te vejo.

.....

Não tenho medo do homem,
nem do ronco que ele tem.
O besouro também ronca.
Vai se ver, não é ninguém.

.....

Eu queria ter agora
um cavalinho de vento
para dar um galopinho
na estrada do pensamento.

.....

O castelo pegou fogo,
São Francisco deu sinal.
Acode, acode, acode
a bandeira nacional.

Se a tarde cair triste
com ar de que vai chover,
Não te esqueças de meus olhos
Que choram por não te ver.

.....

Tenho fome, tenho sede,
Mas não é de pão nem vinho;
Tenho fome de um abraço,
Tenho sede de um beijinho.

.....

Roseira, dá-me uma rosa;
Craveiro, dá-me um botão;
Menina, dá-me um abraço,
que eu te dou meu coração.

.....

A Matriz deu meia-noite,
o Rosário bateu duas.
Já está chegando a hora
do meu bem sair à rua.

.....

Menina, casa comigo,
Que eu sou bom trabalhador;
Com chuva não vou na roça,
Com sol eu também não vou.

.....

Todo o mundo se admira
Da macaca fazer renda.
Eu já vi uma perua
Ser caixeira duma venda.





Escuta tapete de ouro
conta um segredo pra mim
Que tamanho é o tesouro
que te faz brilhar assim?

.....

Mamãe é uma rosa
Que papai escolheu
Eu sou o botão
que a rosa deu.

.....

Eu sou pequenininha
Do tamanho de um botão
Carrego papai no bolso
E mamãe no coração.

.....

Vou mandar um recadinho
À menina mais bonita
A que tem trança comprida
Amarrada com uma fita.

.....

Sete mais sete são catorze
Três vezes sete, vinte e um
Tenho sete namorados
Não me caso com nenhum.

.....

Minha mãe tem sua cama
Eu tenho meu cortinado
Minha mãe tem seu marido
Eu tenho meu namorado.

.....

Eu não vou em sua casa
Pra você não ir na minha
Você tem a boca grande
Vai comer minha galinha.

Você me chamou de feio
Sou feio, mas sou dengoso
Também o tempero é feio
Mas faz o prato gostoso.

.....

Cravo branco, cravo branco
Cravo de toda nação
Quando o cravo muda de cor
Quanto mais quem tem paixão.

.....

Alecrim verde, cheiroso
Na janela do meu bem
Ainda bem não me casei
Já me dão os parabéns.

.....

O cravo quando nasce
Toma conta do jardim
Eu também vivo querendo
Quem tome conta de mim.

.....

Nunca vi o limoeiro
Dar limão bem na raiz
Nunca vi rapaz solteiro
ter palavra no que diz.

.....

Cravo branco na janela
É sinal de casamento
Menina guarda teu cravo
Que ainda não chegou teu tempo.

.....

Ninguém viu o que vi
Debaixo de um limoeiro
Vi uma moça bonita
Pondo rosa no cabelo.

Alecrim verde, cheiroso
Ele seco cheira mais
Mulher que se fia em homem
Morre seca dando ais.

O limão não é fruta doce
No meio tem azedume
Eu também sou meio azeda
Quando me aperta o ciúme.

Quem quiser que alecrim cheire
Corte na segunda-feira
Ponha no meio da roupa
Pra cheirar semana inteira.

Atirei um limão verde
de cima de uma cascata
Deu no ouro, deu na prata
Caiu no colo da mulata.

Os olhinhos do meu bem
São pretos como azeitona
namoro com ele, namoro
Porque sei que sou a dona.

Quem me dera ser um cravo
Pra ficar no seu cabelo
Gravando meu nome no peito
Como carimbo no selo.

Alecrim é arengueiro,
Pelo cheirinho que tem
Eu também sou arengueiro
Só porque te quero bem.

Ora viva quem merece
Ora viva quem mereceu
Ora viva quem roeu a casca
Da fruta que alguém comeu.

Eu de cá e tu de lá
No meio tem a lagoa
De dia não tenho tempo
De noite não tem canoa.

Alecrim verde arrancado
Chora a terra onde nasceu
Como não querem que eu chore
Se o meu amor já morreu?

Quando vim da minha terra
Muita gente lá chorou
Só uma velha, muito velha
Muita praga me rogou.

Morena, minha morena,
Carocinho de dendê
Se eu fosse rapaz solteiro
Me casava com você.

Eu de cá e tu de lá
O rio passa no meio
Eu de cá dou um suspiro
Tu de lá suspiro e meio.

Nesta falta de dinheiro
Muita gente passa mal
Pra luxar não compra açúcar
Come comida sem sal.





Casaquinho vermelho
Está na moda agora
para essas meninas
que namoram toda hora.

Como vem aquela nuvem
Com vontade de chover
Como vem o meu benzinho
Com vontade de me ver.

Ó rosa, rosa morena
Que morena rosa eu sou
Ó rosa, rosa morena
Tu que és o meu amor.

A rosa vermelha
É meu bem-querer
A rosa vermelha e branca
Hei de amar até morrer

Coitado de quem precisa
Coitado de quem não tem
Precisa comprar de tudo
No bolso não tem vintém.

Do pinheiro nasce a pinha
Da pinha nasce o pinhão
Da mulher nasce a firmeza
Do homem a ingratidão.

Sentadinha no capim
Molhadinha de sereno
Escrevendo uma cartinha
Pra mandar ao meu moreno.

Mocinha de blusa branca
com lenço da mesma cor
mocinha diga a seu pai
Que eu quero ser seu amor.

Tirei meu anel do dedo
Botei na palma da mão
Se eu contigo não casar
a outro não dou a mão.

A maré que enche e vaza
Deixa a areia descoberta
Vai um amor e vem outro
Nunca vi coisa tão certa.

Meu Deus, que vento é esse?
Até parece furacão
Mandei vir o meu benzinho
Na primeira embarcação.

Fui na fonte beber água
A água sabia a sabão
Era como o suor do meu rosto
Sangue do meu coração.

Fui escrever na areia
Com a maré toda vazia
A maré encheu e levou
Tudo que a pena escrevia.

Hoje está tão diferente
Do que era de primeiro
Tenho dez tostões no bolso
Estou limpo, sem dinheiro.

Já te dei meu coração
E a chave para abrir
Não tenho mais o que dar
Nem tu mais o que pedir.

Lá no céu tem mil estrelas
Reluzindo de riqueza
Quem quiser casar comigo
Não repare a pobreza.

Sou amada e sou querida
Por todas as flores do campo
Agora sou desprezada
Por quem me queria tanto.

Eu tenho um vestidinho
Todo cheio de babado
Toda vez que visto ele
Arranjo logo um namorado.

Dei ao branco uma rosa
Ao moreno um jasmim
Quem quiser o branco eu dou
O moreno é só pra mim.

Fui comer na sua casa
Até fiquei admirada
Não havia coisa boa
Nem ao menos feijoada.

Moreninha não se case
Aproveite o tempo bom
Namorar é pra solteira
Casada não pode, não.

Eu comparo o meu viver
Com o viver do tico-tico.
Bateu asas foi-se embora
Sozinho é que não fico.

O galo canta no mato
Comendo seu capinzinho
Quem tem amor anda magro
Quem não tem anda gordinho.

Em cima daquela serra
Tem um banco de areia
Onde assenta mulher velha
Pra falar da vida alheia.

Eu não bebo café doce
Café doce me aborrece
Não namoro com menino
que menino é moleque.

Mandei buscar na farmácia
Remédio pra tua ausência
Me mandaram água de flor
E biscoito paciência.

Aqui no meio da roda
Só tenho uma afeição
Abriu meu peito com chave
Entrou no meu coração.

Meu pai me disse um dia
Quem não trabalha não faz nada
Tem vida de parasita
Uma velhice amargurada.





Se eu soubesse quem tu eras
Quem tu haveria de ser
Eu não tinha te amado
Só pra hoje não padecer.

Da tua casa pra minha
há de ser salto de cobra
Tenho fé em Deus do céu
De tua mãe ser minha sogra.

Fui na fonte beber água
Não foi por água beber
Foi pra ver as piabinhas
Na veia d'água correr.

Namorei um menino
Da escola militar
O danado do menino
Só queria me beijar.

Atirei um limão na água
De pesado foi ao fundo
Os peixinhos responderam
Viva dom Pedro Segundo!

Índio do mato é xavante
Milho socado é xerém
E a gente chama xará
Quem o mesmo nome tem.

Mamãe mandou me dizer
Pra eu levar um abacaxi
Eu então levei meu primo
Que estava hospedado aqui.

João corta pau
Maria mexe angu
Teresa põe a mesa
Para a festa do tatu.

Na palma da minha mão
trago uma consoante
Com ela escrevo mamãe
a quem amo bastante.

Enquanto peixe-martelo
bate: toque, toque, toque,
peixe-serra vai serrando:
roque, roque, roque, roque.

Menina dos olhos de fada
me dá água pra beber.
Não é sede, não é nada,
é vontade de te ver.

O pato casou com a pata
Depois perdeu a esperança
Pois tinha os dedos grudados:
Não podia usar aliança.

Plantei um abacateiro
para comer abacate
Mas não sei o que plantar
para comer chocolate.

A noite foi embora
lá do fundo do quintal.
Esqueceu a lua cheia
pendurada no varal.





2ª Parte – Histórias para rir, chorar, se divertir e se assombrar

Nesta parte você vai encontrar contos, fábulas, mitos e lendas. Os **contos tradicionais** são histórias que foram sendo transmitidas oralmente ao longo das gerações, sem que se saiba ao certo quem as criou. Muitos deles ficaram conhecidos no mundo todo graças às versões escritas pelos irmãos Grimm e por Hans Christian Andersen, entre outros. Assim como as parlendas, as cantigas, as quadrinhas e os trava-línguas, essas histórias foram sendo contadas e recontadas, espalhando-se por muitos países. Por isso, é provável que você conheça algumas delas, com pequenas diferenças nos nomes dos personagens, no desfecho ou em outros detalhes.

As **fábulas** são pequenas histórias escritas com a intenção de transmitir algum ensinamento sobre a vida, ou o que se chama “lição de moral”. No final de muitas delas o autor coloca uma frase que resume a lição. Você pode ter ouvido algumas dessas frases, que são bem conhecidas, como: “Quem com ferro fere com ferro será ferido”. A maior parte das fábulas mostra situações típicas do dia-a-dia dos seres humanos, mas vividas por animais. Os mais famosos fabulistas (autores de fábulas) foram: Esopo (Grécia, 600 a.C.) e La Fontaine (França, século XVIII). No Brasil, Monteiro Lobato (século XX) reescreveu muitas delas; nos dias de hoje, o mesmo foi feito por Millôr Fernandes.

As **lendas** e os **mitos** também são histórias sem autoria conhecida. Foram criados por povos de diferentes lugares e épocas para explicar fatos como o surgimento da Terra e dos seres humanos, do dia e da noite e de outros fenômenos da natureza. Também falam de heróis, heroínas, deuses, deusas, monstros e outros seres fantásticos. Com certeza, no lugar em que você mora existem pessoas que conhecem histórias desse tipo.

Leia, releia, assuste-se, emocione-se, ria, chore e divirta-se com as histórias deste livro. Conte também para seus familiares e amigos e procure saber as histórias que eles conhecem.

Boa leitura!



CONTOS

O PRÍNCIPE-RÃ OU HENRIQUE DE FERRO

Irmãos Grimm

Num tempo que já se foi, quando ainda aconteciam encantamentos, viveu um rei que tinha uma porção de filhas, todas lindas. A mais nova, então, era linda demais. O próprio sol, embora a visse todos os dias, sempre se deslumbrava, cada vez que iluminava o rosto dela.

O castelo real ficava ao lado de uma floresta sombria na qual, embaixo de uma frondosa tília, havia uma fonte. Em dias de muito calor, a filha mais nova do rei vinha sentar-se ali e, quando se aborrecia, brincava com sua bola de ouro, atirando-a para cima e apanhando-a com as mãos.

Uma vez, brincando assim, a bola de ouro, jogada para o ar, não voltou para as mãos dela. Caiu na relva, rolou para a fonte e desapareceu nas suas águas profundas.

“Adeus, minha bola de ouro!”, pensou a princesa. “Nunca mais vou ver você!” E começou a chorar alto. Então, uma voz perguntou:

— Por que chora, a filha mais nova do rei? Suas lágrimas são capazes de derreter até uma pedra!

A princesa olhou e viu a cabecinha de um rã fora da água.

— Foi você que falou, bichinho dos charcos? Estou chorando porque minha bola de ouro caiu na água e sumiu.

— Fique tranquila e não chore mais. Eu vou buscá-la. Mas o que você me dará em troca?

— Tudo o que você quiser, rãzinha querida. Meus vestidos, minhas jóias, e até mesmo a coroa de ouro que estou usando.

— Vestidos, jóias e coroa de ouro de nada me servem. Mas se você quiser gostar de mim, se me deixar ser sua amiga e companheira de brincadeiras, se me deixar sentar ao seu lado à mesa, comer no seu prato de ouro, beber no seu copo, dormir na sua cama e me prometer tudo isso, mergulho agora mesmo e lhe trago a bola.

— Claro! Se me trouxer a bola, prometo tudo isso! — respondeu prontamente a princesa, pensando: “Mas que rãzinha boba! Ela que fique na água com suas iguais! Imagine se vou ter uma rã por amiga!”.

Satisfeita com a promessa, a rã mergulhou e, depois de alguns minutos, voltou à tona trazendo a bola. Jogou-a na relva, e a princesa, feliz por ter recuperado seu brinquedo predileto, fugiu sem esperar a rã.

— Pare! Pare! — gritou a rã, tentando alcançá-la aos pulos. — Me leve consigo! Não vê que não posso correr tanto?

A princesa, porém, sem querer saber dela, correu para o palácio, fechou a porta e logo esqueceu a pobre rã. Assim, ela foi obrigada a voltar para a fonte.

No dia seguinte, quando o rei, a rainha e as filhas estavam jantando, ouviram um barulho estranho: *Plaft!... Plaft!...* alguém estava subindo a escadaria de mármore do palácio... O barulho cessou bem em frente à porta, e alguém chamou:

— Abra a porta, filha mais nova do rei!

A princesa foi atender e, quando deu com a rã, tornou a fechar a porta bem depressa e voltou para a mesa. O rei reparou que ela estava vermelhinha e apavorada.

— O que foi, filha? Aí fora está algum gigante, querendo pegar você?

— Não, paizinho... é uma rã horrorosa.

— E o que uma rã pode querer com você?

— Ai, paizinho! Ontem, quando eu brincava com a minha bola de ouro perto da fonte, ela caiu na água e afundou. Então, chorei muito. A rã foi buscar a bola para mim. Mas me fez prometer que, em troca, seríamos amigas e ela viria morar comigo. Eu prometi, porque nunca pensei que uma rã pudesse viver fora da água.

Nesse momento, a rã tornou a bater e cantou:

— *Que coisa mais feia é essa, esquecer assim tão depressa a promessa que me fez! Se não quiser me ver morta, abra ligeiro essa porta, a filha mais nova do rei!*

O rei olhou a filha severamente.

— O que você prometeu, tem de cumprir — disse — Vá lá e abra a porta!

Ela teve de obedecer. Mal abriu a porta, a rã entrou num pulo, foi direto até a cadeira da princesa e, quando a viu sentada, pediu:

— Ponha-me no seu colo!

Vendo que a filha hesitava, o rei zangou-se.

— Faça tudo o que a rã pedir — ordenou.

Mal se viu no colo da princesa, a rã pulou para a mesa, dizendo:

— Puxe o seu prato mais para perto para podermos comer juntas.

Assim fez a princesa, mas todos viram que ela estava morrendo de nojo. A rã comia com grande apetite, mas a princesa a cada bocado parecia se sufocar. Terminado o jantar, a rã bocejou dizendo:

— Estou cansada e com sono. Prepare uma cama bem quentinha para nós duas!

Ao ouvir isso, a princesa disparou a chorar. Tinha horror do corpinho





gelado e úmido da rã, e não queria dormir com ela de jeito nenhum. Suas lágrimas, porém, só conseguiram aumentar a zanga do rei:

— Quando você precisou, ela te ajudou. Não pode despezá-la agora!

Não tendo outro remédio, a princesa foi para o quarto carregando a rã, que dizia estar cansada demais para subir a escada. Chegando lá, largou-a no chão e foi se deitar sozinha.

— Que é isso? — reclamou a rã. — Você dorme no macio e eu aqui no chão duro? Ponha-me na cama, senão vou me queixar ao rei seu pai!

Ao ouvir isso, a princesa ficou furiosa. Agarrou a rã e atirou-a contra a parede com toda a força, gritando:

— Agora você vai ficar quieta para sempre, rã horrorosa!

E qual não foi o seu espanto, ao ver a rã cair e se transformar num príncipe de belos olhos amorosos!

Ele contou-lhe que se havia transformado em rã por artes de uma bruxa, e que ninguém, a não ser a princesa, poderia desencantá-lo. Disse também que no dia seguinte a levaria para o reino dele. Depois, com o consentimento do rei, ficaram noivos.

No outro dia, quando o sol acordou a princesa, a carruagem do príncipe já havia chegado. Era linda! Estava atrelada a oito cavalos brancos, todos eles com plumas brancas na cabeça, presas por correntes de ouro.

Com ela veio Henrique, o fiel criado do príncipe, que quando seu amo foi transformado em rã ficou tão triste que mandou prender seu coração com três aros de ferro, para que não se despedaçasse de tanta dor. Mas agora, ali estava ele com a carruagem, pronta para levar seu amo de volta ao seu reino.

Cheio de alegria, ajudou os noivos a se acomodar na carruagem, depois tomou seu lugar na parte de trás, e deu sinal de partida.

Já haviam percorrido um trecho do caminho, quando o príncipe ouviu um estalo muito próximo, como se alguma coisa se tivesse quebrado na carruagem. Espiou pela janelinha e perguntou:

— O que foi, Henrique? Quebrou alguma coisa na carruagem?

— Não, meu senhor — e ele explicou:

— *Tamanho a dor que eu senti quando o senhor virou rã que, com três aros de ferro, o meu coração eu prendi. Um aro rompeu-se agora, os outros dois, com certeza, vão estalar e romper-se assim que chegar a hora!*

Duas vezes mais durante a viagem o príncipe ouviu o mesmo estalo. Foram os outros dois aros do coração do fiel Henrique que se romperam, deixando livre sua imensa alegria.

A BELA ADORMECIDA

Irmãos Grimm

Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham filhos.

— Se pudéssemos ter um filho! — suspirava o rei.

— E, se Deus quisesse, que nascesse uma menina! — animava-se a rainha.

— E, por que não gêmeos? — acrescentava o rei.

Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez mais triste. Não se alegravam nem com os bailes da corte, nem com as caçadas, nem com os gracejos dos bufões, e em todo o castelo reinava uma grande melancolia.

Mas, numa tarde de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou para fora da água uma rãzinha.

— Majestade, não fique triste, o seu desejo se realizará logo: daqui a um ano a senhora dará à luz uma menina.

E a profecia da rã se concretizou. Alguns meses depois nasceu uma linda menina. O rei, louco de felicidade, chamou-a Flor Graciosa e preparou a festa de batizado. Convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, as fadas que viviam nos confins do reino: treze. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

— Majestade, as fadas são treze, e nós só temos doze pratos de ouro. O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...

O rei refletiu longamente e decidiu:

— Não convidaremos a décima terceira fada — disse, resoluto. — Talvez nem saiba que nasceu a nossa filha e que daremos uma festa. Assim, não teremos complicações.

Partiram somente doze mensageiros, com convites pare doze fadas, conforme o rei resolvera.

No dia da festa, cada uma delas chegou perto do berço em que dormia Flor Graciosa e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

— Será a mais bela moça do reino — disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

— E a de caráter mais justo — acrescentou a segunda.

— Terá riquezas a perder de vista — proclamou a terceira.

— Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu — afirmou a quarta.





— A sua inteligência brilhará como um sol — comentou a quinta.

Onze fadas já tinham desfilado em frente ao berço; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada por falta de pratos de ouro.

Estava com a expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso para Flor Graciosa, que dormia tranquila, e disse em voz baixíssima:

— Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador. Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia ainda oferecer seu presente.

— Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, a Flor Graciosa não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo. Passados os primeiros momentos de espanto e temor, o rei, considerada a necessidade de tomar providências, instituiu uma lei severa: todos os instrumentos de fição existentes no reino deveriam ser destruídos. E, daquele dia em diante, ninguém mais fiava, nem linho, nem algodão, nem lã. Ninguém além da torre do castelo.

Flor Graciosa crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil e caridosa. Os súditos a adoravam.

No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça. Talvez, quem sabe, em todo esse tempo tivessem até esquecido a profecia da fada malvada.

Flor Graciosa, porém, estava se aborrecendo por estar sozinha e começou a andar pelas salas do castelo. Chegando perto de um portãozinho de ferro que dava acesso à parte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.

Ao lado da janela estava uma velhinha de cabelos brancos, fiando com o fuso uma meada de linho. A garota olhou maravilhada. Nunca tinha visto um fuso.

— Bom dia, vovozinha!

— Bom dia a você, linda garota!

— O que está fazendo? Que instrumento é esse?

Sem levantar os olhos do seu trabalho, a velhinha respondeu com ar bonachão:

— Não está vendo? Estou fiando!

A princesa, fascinada, olhava o fuso que girava rapidamente entre os dedos da velhinha.

— Parece mesmo divertido esse estranho pedaço de madeira que gira assim rápido. Posso experimentá-lo também?

Sem esperar resposta, pegou o fuso. E, naquele instante, cumpriu-se o feitiço. Flor Graciosa furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que havia no aposento, e seus olhos se fecharam.

Na mesma hora, aquele sono estranho se difundiu por todo o palácio. Adormeceram no trono o rei e a rainha, recém-chegados da partida de caça.

Adormeceram os cavalos na estrebaria, as galinhas no galinheiro, os cães no pátio e os pássaros no telhado.

Adormeceu o cozinheiro que assava a carne e o servente que lavava as louças; adormeceram os cavaleiros com as espadas na mão e as damas que enrolavam seus cabelos.

Também o fogo que ardia nos braseiros e nas lareiras parou de queimar, parou também o vento que assobiava na floresta. Nada e ninguém se mexia no palácio, mergulhado em profundo silêncio.

Em volta do castelo surgiu rapidamente uma extensa mata. Tão extensa que, após alguns anos, o castelo ficou oculto. Nem os muros apareciam, nem a ponte levadiça, nem as torres, nem a bandeira hasteada que pendia na torre mais alta.

Nas aldeias vizinhas, passava de pai para filho a história de Flor Graciosa, a bela adormecida que descansava, protegida pelo bosque cerrado. Flor Graciosa, a mais bela, a mais doce das princesas, injustamente castigada por um destino cruel.

Alguns, mais audaciosos, tentaram sem êxito chegar ao castelo. A grande barreira de mato e espinheiros, cerrada e impenetrável, parecia animada por vontade própria: os galhos avançavam para cima dos coitados que tentavam passar: seguravam-nos, arranhavam-nos até fazê-los sangrar, e fechavam as mínimas frestas. Aqueles que tinham sorte conseguiam escapar, voltando em condições lastimáveis, machucados e sangrando. Outros, mais teimosos, sacrificavam a própria vida.

Um dia, chegou nas redondezas um jovem príncipe, bonito e corajoso. Soube pelo bisavô a história da bela adormecida que, desde muitos anos, tantos jovens procuravam em vão alcançar.

— Quero tentar eu também a aventura — disse o príncipe aos habitantes de uma aldeia pouco distante do castelo.

Aconselharam-no a não ir.

— Ninguém nunca conseguiu!

— Outros jovens, fortes e corajosos como você, falharam...

— Alguns morreram entre os espinheiros...

— Desista!

— Eu não tenho medo — afirmou o príncipe. — Eu quero ver Flor Graciosa.





No dia em que o príncipe decidiu satisfazer a sua vontade se completavam justamente os cem anos da festa do batizado e das predições das fadas. Chegara, finalmente, o dia em que a bela adormecida poderia despertar.

Quando o príncipe se encaminhou para o castelo, viu que, no lugar das árvores e galhos cheios de espinhos, se estendiam aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais: aquela mata de flores cheirosas se abriu diante dele, como para encorajá-lo a prosseguir; e voltou a se fechar logo, após sua passagem.

O príncipe chegou em frente ao castelo. A ponte levadiça estava abaixada e dois guardas dormiam ao lado do portão, apoiados nas armas. No pátio havia um grande número de cães, alguns deitados no chão, outros encostados nos cantos; os cavalos que ocupavam as estrebarias dormiam em pé.

Nas grandes salas do castelo reinava um silêncio tão profundo que o príncipe ouvia a própria respiração, um pouco ofegante, ressoando naquela quietude. A cada passo do príncipe se levantavam nuvens de poeira.

Salões, escadarias, corredores, cozinha... Por toda a parte, o mesmo espetáculo: gente que dormia nas mais estranhas posições. E todos exibiam as roupas que haviam sido moda exatamente há cem anos.

O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quatinho em que dormia Flor Graciosa. A princesa estava tão bela, com os cabelos soltos espalhados nos travesseiros, o rosto rosado e risonho, que o príncipe ficou deslumbrado. Logo que se recobrou, inclinou-se e deu-lhe um beijo.

Imediatamente, Flor Graciosa abriu os olhos e olhou à sua volta, sorrindo:

— Como eu dormi! Agradeço por você ter chegado, meu príncipe!

Na mesma hora em que Flor Graciosa despertava, o castelo todo também acordou. O rei e a rainha correram para trocar os trajes de caça empoeirados, os cavalos na estrebaria relincharam forte, reclamando suas rações de forragem, os cães no pátio começaram a ladrar, os pássaros esvoaçaram, deixando seus esconderijos sob os telhados e voando em direção ao céu.

Acordou também o cozinheiro que assava a carne; o servente, bocejando, continuou lavando as louças, enquanto as damas da corte voltavam a enrolar seus cabelos. Também dois moleques retomaram a briga, voltando a surrar-se com força.

O fogo das lareiras e dos braseiros subiu alto pelas chaminés, e o vento fazia as folhas das árvores murmurarem.

Logo, o rei e a rainha correram à procura da filha e, ao encontrá-la, agradeceram, chorando, ao príncipe por tê-la despertado do longo sono de cem anos.

O príncipe, então, pediu a mão da linda princesa que, por sua vez, já estava apaixonada pelo seu valente salvador.

JOÃO E MARIA

Irmãos Grimm

Às margens de uma extensa mata existia, há muito tempo, uma cabana pobre, feita de troncos de árvore, na qual morava um lenhador com sua segunda esposa e seus dois filhinhos, nascidos do primeiro casamento. O garoto chamava-se João e a menina, Maria.



A vida sempre fora difícil na casa do lenhador, mas naquela época as coisas haviam piorado ainda mais: não havia pão para todos.

— Minha mulher, o que será de nós? Acabaremos todos por morrer de necessidade. E as crianças serão as primeiras...

— Há uma solução... — disse a madrasta, que era muito malvada. — Amanhã daremos a João e Maria um pedaço de pão, depois os levaremos à mata e lá os abandonaremos.

O lenhador não queria nem ouvir falar de um plano tão cruel, mas a mulher, esperta e insistente, conseguiu convencê-lo.

No aposento ao lado, as duas crianças tinham escutado tudo, e Maria desatou a chorar.

— João, e agora? Sozinhos na mata, estaremos perdidos e morreremos.

— Não chore — tranquilizou-a o irmão. — Tenho uma ideia. Esperou que o pai e a madrasta dormissem, saiu da cabana, catou um punhado de pedrinhas brancas que brilhavam ao clarão da lua e as escondeu no bolso. Depois voltou para a cama. No dia seguinte, ao amanhecer, a madrasta acordou as crianças.

— Vamos cortar lenha na mata. Este pão é para vocês.

Partiram os quatro. O lenhador e a mulher na frente e as crianças atrás. A cada dez passos, João deixava cair no chão uma pedrinha branca, sem que ninguém percebesse. Quando chegaram bem no meio da mata, a madrasta disse:

— João e Maria, descansem enquanto nós vamos rachar lenha para a lareira. Mais tarde passaremos para pegar vocês.


Após longa espera, os dois irmãos comeram o pão e, cansados e fracos como estavam, adormeceram. Quando acordaram, era noite alta e, do pai e da madrasta, nem sinal.

— Estamos perdidos! Nunca mais encontraremos o caminho de casa! — soluçou Maria.

— Esperemos que apareça a lua no céu e acharemos o caminho de casa — consolou-a o irmão.

Quando a lua apareceu, as pedrinhas que João tinha deixado cair pelo





atalho começaram a brilhar; seguindo-as, os irmãos conseguiram voltar até a cabana.

Ao vê-los, o pai e a madrastra ficaram espantados. Em seu íntimo, o lenhador estava até contente; mas a mulher, assim que foram deitar, disse que precisavam tentar novamente, com o mesmo plano. João, que tudo escutara, quis sair à procura de outras pedrinhas, mas não pôde, pois a madrastra trancara a porta.

Mariazinha estava desesperada:

— Como poderemos nos salvar desta vez?

— Daremos um jeito, você vai ver — respondeu o irmão.

Na madrugada do dia seguinte, a madrastra acordou as crianças e foram novamente para a mata. Enquanto caminhavam, Joãozinho esfarelou todo o seu pão e o da irmã, fazendo uma trilha. Dessa vez se afastaram ainda mais de casa e, chegando a uma clareira, o pai e a madrastra deixaram as crianças com a desculpa de cortar lenha, abandonando-as.

João e Maria adormeceram por fome e cansaço e, quando acordaram, estava muito escuro. Maria desatou a chorar.

Mas, desta vez, não conseguiram encontrar o caminho: os pássaros da mata tinham comido todas as migalhas. Andaram por muito tempo durante a noite e, após um breve descanso, caminharam o dia seguinte inteirinho, sem conseguir sair daquela mata imensa.

Estavam com tanta fome que comeram frutinhas azedas e retomaram o caminho. Quando o sol se pôs, deitaram-se sob uma árvore e adormeceram. O piar de um passarinho branco que voava sobre suas cabeças, como querendo convidá-los, acordou-os.

Seguiram o passarinho e, de repente, viram-se diante de uma casinha muito mimosa. Aproximaram-se, curiosos, e admiraram-se ao ver que o telhado era feito de chocolate, as paredes de bolo e as janelas de jujuba.

— Viva! — gritou João.

E correu para morder uma parte do telhado, enquanto Mariazinha enchia a boca de bolo, rindo. Ouviu-se então uma vozinha aguda, gritando no interior da casinha:

— Quem está o teto mordiscando e as paredes roendo?

Nada assustadas, as crianças responderam:

— É o saci-pererê que está zombando de você!

E continuaram deliciando-se à vontade.

Mas, subitamente, abriu-se a porta da casinha e saiu uma velha muito feia, mancando, apoiada em uma muleta. João e Maria assustaram-se, mas a velha lhes deu um largo sorriso, com a boca desdentada.

— Não tenham medo, crianças. Vejo que têm fome, a ponto de quase destruírem a casa. Entrem! Vou preparar uma jantinha.

O jantar foi delicioso, e gostosas também as caminhas macias aprontadas pela velha para João e Maria, que adormeceram felizes.

Não sabiam, os coitadinhos, que a velha era uma bruxa que comia crianças e, para atraí-las, tinha construído a casinha de doces. Agora ela esfregava as mãos, satisfeita.

— Estão em meu poder, não podem me escapar. Porém, estão um pouco magros. É preciso fazer alguma coisa.

Na manhã seguinte, enquanto ainda estavam dormindo, a bruxa agarrou João e o prendeu em um porão escuro; depois, com uma sacudida, acordou Maria.

— De pé, preguiçosa! Vá tirar água do poço, acenda o fogo e apronte uma boa refeição para seu irmão. Ele está fechado no porão e tem de engordar bastante. Quando chegar no ponto, vou comê-lo.

Marizinha chorou e desesperou-se, mas foi obrigada a obedecer. Cada dia cozinhava para o irmão os melhores quitutes. E também, a cada manhã, a bruxa ia ao porão e, por ter vista fraca e não enxergar a um palmo do nariz, mandava:

— João, dê-me seu dedo, quero sentir se já engordou!

Mas o esperto João, em vez de mostrar seu dedo, estendia-lhe um osinho de frango. A bruxa ficava zangada porque, apesar do que comia, o moleque estava cada vez mais magro! Um dia perdeu a paciência.

— Maria, amanhã acenda o fogo logo cedo e coloque água para ferver. Magro ou gordo, pretendo comer seu irmão. Venho esperando há muito tempo!

A menina chorou, suplicou, implorou, em vão.

Na manhã seguinte, Marizinha tratou logo de colocar no fogo o caldeirão cheio de água, enquanto a bruxa estava ocupada em acender o forno, dizendo que ia preparar o pão — mas, na verdade, queria assar a pobre Marizinha. E do João, faria um cozido.

Quando o forno estava bem quente, a bruxa disse a Maria:

— Entre ali e veja se está na temperatura certa para assar o pão.

Mas Maria, que já compreendera, não caiu na armadilha.

— Como se entra no forno? — perguntou ingenuamente.

— Você é mesmo uma boba! Olhe para mim! E enfiou a cabeça dentro do forno.

Marizinha, então, mais que depressa deu-lhe um empurrão, enfiando-a no forno, e fechou a portinhola com a corrente. E a bruxa malvada queimou até o último osso.

Maria correu ao porão e libertou o irmão. Abraçaram-se, chorando lágrimas de alegria; depois, nada mais tendo a temer, exploraram a casa da bruxa. E quantas coisas acharam! Cofres e mais cofres, cheios de pedras preciosas e de pérolas.

— Reluzem mais que as minhas pedrinhas — disse João. — Vou levar algumas para casa.





E encheu os bolsos de pérolas. Com seu aventalzinho, Maria fez uma trouxinha com diamantes, rubis e esmeraldas. Deixaram a casa da feiticeira e avançaram pela mata, mas não sabiam para que lado deveriam ir. Andaram bastante, até chegar perto de um rio.

— Como vamos atravessar o rio? — disse Maria, pensativa. — Não vejo ponte em nenhum lado.

— Também não há barcos — acrescentou João. — Mas, lá adiante, estou vendo um marreco. Quem sabe nos ajudará?

Gritou na direção, mas o marreco estava longe e pareceu não escutá-lo. Então João começou a entoar:

— *Senhor marreco, bom nadador, somos filhos do lenhador, nos leve para a outra margem, temos que seguir viagem.*

O marreco aproximou-se docilmente. João subiu em suas costas e aceitou para a irmã fazer o mesmo.

— Não, disse Maria. — Um de cada vez, para não cansar demais o bichinho.

E assim fizeram. Um de cada vez, atravessaram o rio na garupa do marreco e, após agradecerem carinhosamente, continuaram seu caminho.

Depois de algum tempo, perceberam que conheciam aquele lugar. Certa vez tinham apanhado lenha naquela clareira, de outra vez tinham ido colher mel naquelas árvores.

Finalmente, avistaram a cabana de um lenhador. Começaram a correr naquela direção, escancararam a porta e caíram nos braços do pai que, assustado, não sabia se ria ou chorava.

Quanto remorso sentira desde que abandonara os filhos na mata! Quantos sonhos horríveis tinham perturbado suas noites! Cada porção de pão que comia ficava atravessada na garganta.

Por grande sorte, a madrasta ruim, que o obrigara a se livrar dos filhos, já tinha morrido.

João esvaziou os bolsos, retirando as pérolas que havia guardado; Maria desamarrou o aventalzinho e deixou cair ao chão uma chuva de pedras preciosas.

Agora já não deveriam mais temer nem miséria, nem carestia. E assim, desde aquele dia, o lenhador e seus filhos viveram na fartura, sem mais nenhuma preocupação.

BRANCA DE NEVE

Irmãos Grimm

Um dia, a rainha de um reino bem distante bordava perto da janela do castelo, uma grande janela com batentes de ébano — uma madeira escuríssima. Era inverno e nevava muito forte. A certa altura, a rainha desviou o olhar para admirar os flocos de neve que dançavam no ar; mas com isso se distraiu e furou o dedo com a agulha.

Na neve que tinha caído no beiral da janela pingaram três gotinhas de sangue. O contraste foi tão lindo que a rainha murmurou:

— Pudesse eu ter uma menina branquinha como a neve, com lábios vermelhos como o sangue e com os cabelos negros como o ébano...

Alguns meses depois, o desejo da rainha foi atendido. Ela deu à luz uma menina de cabelos bem pretos, pele branca e lábios vermelhos. O nome dado à princesinha foi Branca de Neve.

Mas quando nasceu a menina, a rainha morreu. Passado um ano, o rei se casou novamente. Sua esposa era lindíssima, mas muito vaidosa, invejosa e cruel.

Um certo feiticeiro lhe dera um espelho mágico, ao qual todos os dias ela perguntava, com vaidade:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o espelho respondia:

— Em todo o mundo, minha querida rainha, não existe beleza maior.

O tempo passou. Branca de Neve cresceu, a cada ano mais linda... E um dia o espelho deu outra resposta à rainha.

— A sua enteada, Branca de Neve, é agora a mais bela.

Invejosa e ciumenta, a rainha chamou um de seus guardas e lhe ordenou que levasse a enteada para a mata e lá a matasse. E que trouxesse o coração de Branca de Neve, como prova de que a missão fora cumprida.


O guarda obedeceu. Mas, quando chegou à mata, não teve coragem de enfiar a faca naquela lindíssima jovem inocente que, afinal, nunca fizera mal a ninguém. Deixou-a fugir. Para enganar a rainha, matou um veadozinho, tirou o coração e entregou-o a ela, que quase explodiu de alegria e satisfação.

Enquanto isso, Branca de Neve fugia, penetrando cada vez mais na mata, ansiosa por se distanciar da madrasta e da morte.

Os animais chegavam bem perto, sem a atacar; os galhos das árvores se abriam para que ela passasse.

Ao anoitecer, quando já não se aguentava mais em pé de tanto cansaço, Branca de Neve viu numa clareira uma casa bem pequena e entrou para descansar um pouquinho.





Olhou em volta e ficou admirada: havia uma mesinha posta com minúsculos sete pratinhos, sete copinhos, sete colherezinhas e sete garfinhos. No cômodo superior estavam alinhadas sete caminhas, com cobertas muito brancas.

Branca de Neve estava com fome e sede. Experimentou, então, uma colher da sopa de cada pratinho, tomou um gole do vinho de cada copinho e deitou-se em cada caminha, até encontrar a mais confortável. Nela se ajeitou e dormiu profundamente.

Os donos da casa voltaram tarde da noite; eram sete anões que trabalhavam numa mina de diamantes, dentro da montanha.

Logo que entraram, viram que faltava um pouco de sopa nos pratos, que os copos não estavam cheios de vinho... Estranho.

Lá em cima, nas camas, as cobertas estavam mexidas... E na última cama — surpresa maior! — estava adormecida uma linda donzela de cabelos pretos, pele branca como a neve e lábios vermelhos como o sangue.

— Como é linda! — murmuraram em coro.

— E como deve estar cansada — disse um deles —, já que dorme assim.

Decidiram não incomodar; o anão dono da caminha onde dormia a donzela passaria a noite numa poltrona.

Na manhã seguinte, quando despertou, Branca de Neve se viu cercada pelos sete anões barbudinhos e se assustou. Mas eles logo a acalmaram, dizendo-lhe que era muito bem-vinda.

— Como se chama? — perguntaram.

— Branca de Neve.

— Mas como você chegou até aqui, tão longe, no coração da floresta?

Branca de Neve contou tudo. Falou da crueldade da madrasta, da sua ordem para matá-la, da piedade do caçador que a deixara fugir, desobedecendo à rainha, e de sua caminhada pela mata até encontrar aquela casinha.

— Fique aqui, se gostar... — propôs o anão mais velho.

— Você poderia cuidar da casa, enquanto nós estamos na mina, trabalhando. Mas tome cuidado enquanto estiver sozinha. Cedo ou tarde, sua madrasta descobrirá onde você está, e se ela a encontrar... Não deixe que ninguém entre! É mais seguro.

Assim começou uma vida nova para Branca de Neve, uma vida de trabalho.

E a madrasta? Estava feliz, convencida de que beleza de mulher alguma superava a sua. Mas, um dia, teve por acaso a ideia de interrogar o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o espelho respondeu com voz grave:

— Na mata, na casa dos mineiros, querida rainha, está Branca de Neve, mais bela que nunca!

A rainha entendeu que tinha sido enganada pelo guarda: Branca de Ne-

ve ainda vivia! Resolveu agir por si mesma, para que não houvesse no mundo inteiro mulher mais linda do que ela.

Pintou o rosto, colocou um lenço na cabeça e, irreconhecível, disfarçada de velha mercadora, procurou pela mata a casinha dos anões. Quando achou, bateu à porta e Branca de Neve, ingenuamente, foi atender. A malvada ofereceu-lhe suas mercadorias, e a princesa apreciou um lindo cinto colorido.

— Deixe-me ajudá-la a experimentar o cinto. Você ficará com uma cintura fininha, fininha — disse a falsa vendedora, com uma risada irônica e estridente, apertando cada vez mais o cinto.

E apertou tanto, tanto que Branca de Neve se sentiu sufocada e desmaiou, caindo como morta. A madrasta fugiu.

Pouco depois, chegaram os anões. Assustaram-se ao ver Branca de Neve estirada e imóvel. O anão mais jovem percebeu o cinto apertado demais e imediatamente o cortou. Branca de Neve voltou a respirar e a cor, aos poucos, começou a voltar a sua face; melhorou e pôde contar o ocorrido.

— Aquela velha vendedora ambulante era a rainha disfarçada — disseram logo os anões. — Você não deveria tê-la deixado entrar. Agora, seja mais prudente.

Enquanto isso, a perversa rainha, já no castelo, consultava o espelho mágico e se surpreendeu ao ouvi-lo dizer:

— No bosque, na casa dos anões, minha querida rainha, há Branca de Neve, mais bela que nunca.

Seu plano fracassara! Tentaria novamente.

No dia seguinte, Branca de Neve viu chegar uma camponesa de aspecto gentil, que lhe colocou na janela uma apetitosa maçã, sem dizer nada, apenas sorrindo um sorriso desdentado. A princesinha nem suspeitou de que se tratava da madrasta, numa segunda tentativa.

Branca de Neve, ingênua e gulosa, mordeu a maçã. Antes de engolir a primeira mordida, caiu imóvel.

Dessa vez, devia estar morta, pois o socorro dado pelos anões, quando regressaram da mina, nada resolveu. Não acharam cinto apertado, nem ferimento algum, apenas o corpo caído.

Branca de Neve parecia dormir; estava tão linda que os bons anõezinhos não quiseram enterrá-la.

— Vamos construir um caixão de cristal para a nossa Branca de Neve, assim poderemos admirá-la sempre.

O esquife de cristal foi construído e levado ao topo da montanha. Na tampa, em dourado, escreveram: “Branca de Neve, filha de rei”.

Os anões guardavam o caixão dia e noite, e também os animaizinhos da mata – veadinhos, esquilos e lebres — todos choravam por Branca de Neve.

Lá no castelo, a malvada rainha interrogava o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.





A resposta era invariável.

— Em todo o mundo, não existe beleza maior.

Branca de Neve parecia dormir no caixão de cristal: o rosto branco como a neve, de lábios vermelhos como sangue, emoldurado pelos cabelos negros como ébano. Continuava tão linda como enquanto vivia.

Um dia, um jovem príncipe que caçava por ali passou no topo da montanha. Bastou ver o corpo de Branca de Neve para se apaixonar, apesar de a donzela estar morta. Pediu permissão aos anões para levar consigo o caixão de cristal.

Havia tanta paixão, tanta dor e tanto desespero na voz do príncipe que os anões ficaram comovidos e consentiram.

— Está bem. Nós o ajudaremos a transportá-la para o vale. A donzela Branca de Neve será sua.

Com o caixão nas costas, puseram-se a caminho. Enquanto desciam por um caminho íngreme, um anão tropeçou numa pedra e quase caiu. Reequilibrou-se a tempo.

O abalo do caixão, porém, fez com que o pedaço da maçã envenenada, que Branca de Neve trazia ainda na boca, caísse. Assim a donzela se reanimou.

Abrindo os olhos e suspirando, sentou-se e, admirada, quis saber:

— O que aconteceu? Onde estou?

O príncipe e os anões, felizes, explicaram tudo.

O príncipe declarou-se a Branca de Neve e pediu-a em casamento. Branca de Neve aceitou, felicíssima. Foram para o palácio real, onde toda a corte os recebeu.

Foram distribuídos os convites para a cerimônia nupcial. Entre os convidados estava a rainha madrasta — mas ela mal sabia que a noiva era sua enteada.

Vestiu-se a megera suntuosamente, pôs muitas jóias e, antes de sair, interrogou o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o fiel espelho:

— No seu reino, a mais bela é você; mas a noiva Branca de Neve é a mais bela do mundo.

Louca de raiva, a rainha saiu apressada para a cerimônia. Lá chegando, ao ver Branca de Neve, sofreu um ataque: o coração explodiu e o corpo estourou, tamanha era sua ira. Mas os festejos não cessaram um só instante.

E os anões, convidados de honra, comeram, cantaram e dançaram três dias e três noites. Depois, retornaram para sua casinha e sua mina, no coração da mata.

RUMPELTICHEN

Irmãos Grimm

Era uma vez um moleiro muito pobre, que tinha uma filha linda. Um dia ele se encontrou com o rei e, para se dar importância, disse que sua filha sabia fiar palha, transformando-a em ouro.

— Esta é uma habilidade que me encanta — disse o rei. — Se é verdade o que diz, traga sua filha amanhã cedo ao castelo. Eu quero pô-la à prova.

No dia seguinte, quando a moça chegou, o rei levou-a para um quartinho cheio de palha, entregou-lhe uma roca e algumas bobinas e disse:

— Agora, ponha-se a trabalhar. Se até amanhã cedo não tiver fiado toda esta palha em ouro, você morrerá! — Depois saiu, trancou a porta e deixou a filha do moleiro sozinha.

A pobre moça sentou-se num canto e, por muito tempo, ficou pensando no que fazer. Não tinha a menor ideia de como fiar palha em ouro e não via jeito de escapar da morte. O pavor tomou conta da jovem, que começou a chorar desesperadamente. De repente, a porta se abriu e entrou um anãozinho muito esquisito.

— Boa tarde, minha linda menina! — disse ele. — Por que chora tanto?

— Ah! — respondeu a moça entre soluços. — O rei me mandou fiar toda esta palha em ouro. Não sei como fazer isso!

— E se eu fiar para você? O que me dará em troca?

— Dou-lhe o meu colar.

O anãozinho pegou o colar, sentou-se diante da roca e zum-zum-zum: girou-a três vezes e a bobina ficou cheia de ouro. Então começou de novo, girou a roca três vezes e a segunda bobina ficou cheia também. Varou a noite trabalhando assim e, quando acabou de fiar toda a palha e as bobinas ficaram cheias de ouro, sumiu.

No dia seguinte, mal o sol apareceu, o rei chegou e arregalou os olhos, assombrado e feliz ao ver todo aquele ouro. Contudo, seu ambicioso coração não se satisfaz.

Levou a filha do moleiro para outro quarto um pouco maior, também cheio de palha, e ordenou-lhe que enchesse as bobinas de ouro, caso quisesse continuar viva.


A pobre moça ficou sentada olhando a palha, sem saber o que fazer. “Ah... se o anãozinho voltasse...”, pensou, querendo chorar. Nesse instante a porta se abriu e ele entrou.

— O que você me dá, se eu fiar a palha? — perguntou.

— Dou-lhe meu anel.

Ele pegou o anel e se pôs a trabalhar. A cada três voltas da roca, uma bobina se enchia de ouro.





No outro dia, quando o rei chegou e viu as bobinas reluzindo de ouro, ficou mais radiante. Mas ainda dessa vez não se contentou. Levou a moça para outro quarto ainda maior, também cheio de palha, e disse:

— Você vai fiar esta noite. Se puder repetir essa maravilha, quero que seja minha esposa.

O rei saiu, pensando: “Será que ela é mesmo filha do moleiro? Bah! O que importa é que vou me casar com a mulher mais rica do mundo!”.

Quando a moça ficou sozinha, o anãozinho apareceu pela terceira vez e perguntou:

— O que você me dá, se ainda dessa vez eu fiar a palha?

— Eu não tenho mais nada...

— Se é assim, prometa que me dará seu primeiro filho, se você se tornar rainha.

“Isso nunca vai acontecer”, pensou a filha do moleiro. E, não tendo saída, prometeu ao anãozinho o que ele quis. Imediatamente ele se pôs a trabalhar, girando a roca a noite inteira.

De manhãzinha, quando o rei entrou no quarto, encontrou prontinho o que havia exigido. Cumprindo sua palavra, casou-se com a bela filha do moleiro, que assim se tornou rainha.

Um ano depois, ela deu à luz uma linda criança. Já nem se lembrava mais do misterioso anãozinho. Mas naquele mesmo dia, a porta se abriu repentinamente e ele entrou.

— Vim buscar o que você me prometeu — disse.

A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino, se ele a deixasse ficar com a criança. Mas ele não quis.

— Não! Uma coisa viva vale muito mais para mim que todos os tesouros do mundo!

A rainha ficou desesperada; tanto chorou e se lamentou que o anãozinho acabou ficando com pena.

— Está bem — disse. — Vou lhe dar três dias. Se no fim desse prazo você adivinhar o meu nome, poderá ficar com a criança.

A rainha passou a noite lembrando os nomes que conhecia e mandou um mensageiro percorrer o reino em busca de novos nomes.

Na manhã seguinte, quando o anãozinho chegou, ela foi dizendo:

— Gaspar, Melquior, Baltazar — e assim continuou, falando todos os nomes anotados. Mas a cada um deles o anão respondia balançando a cabeça:

— Não é esse meu nome!

No segundo dia, a rainha pediu às pessoas da vizinhança que lhe dessem seus apelidos, e fez uma lista dos nomes mais esquisitos, como: João das Lonjuras, Carabelassim, Pernil-mal-assado e outros. Mas a todos a resposta do anão era a mesma:

— Não é esse meu nome!
No terceiro dia, o mensageiro que andava pelo reino à cata de novos nomes voltou e disse:
— Não descobri um só nome novo. Mas eu estava andando por um bosque no alto de um monte, onde raposas e coelhos dizem boa-noite uns aos outros, quando vi uma cabana. Diante da porta ardia uma fogueirinha e um anão muito esquisito, pulando num pé só ao redor do fogo, cantava:
— *Hoje eu frito! Amanhã eu cozinho!
Depois de amanhã será meu o filho da rainha!
Coisa boa é ninguém saber
Que meu nome é
Rumpelstichen!*
Pode-se imaginar a alegria da rainha quando ouviu esse nome. E quando um pouco mais tarde o anãozinho veio e perguntou:
— Então, senhora rainha, qual é meu nome?
Ela disse antes:
— Será Fulano?
— Não!
— Será Beltrano?
— Não!
— Será por acaso Rumpelstichen?
— Foi o diabo que te contou! — gritou o anãozinho furioso.
E bateu o pé direito com tanta força no chão que afundou até a virilha.
Depois, tentando tirar o pé do buraco, agarrou com ambas as mãos o pé esquerdo e puxou-o para cima com tal violência que seu corpo se rasgou em dois. Então, desapareceu.





O GATO DE BOTAS

Irmãos Grimm

Um lavrador trabalhara muito, durante a vida toda, ganhando sempre o suficiente para o sustento da família. Quando faleceu, deixou sua herança para os filhos: um sítio, um burrinho e um gato.

Ao filho mais velho coube o sítio; ao segundo, o burrinho; e o caçula ficou com o gato.

Este último, nada satisfeito com o que lhe coubera, resmungou: “Meus irmãos sobreviverão honestamente. Mas e eu? O que vou fazer? Talvez possa jantar o gato e com o couro fazer um tamborim. Mas e depois?”.

O gato logo endireitou as orelhas, querendo ouvir melhor um assunto de tamanho interesse. Então, percebendo que precisava agir, foi dizendo:

— Não se desespere, patrãozinho, pois eu tenho um plano. Consiga-me um par de botas e um saco de pano e deixe o resto comigo.

O jovem achou que valeria a pena tentar; afinal, o gato parecia inteligente e astuto. Deu-lhe então um saco e um par de botas, desejou-lhe muito boa sorte e deixou-o partir.

O gato dirigiu-se a uma mata na qual sabia que viviam coelhos de carne deliciosa. Mas eram bichos difíceis de apanhar. O esperto bichano enfiou no saco um punhado de farelo e outro de capim. Deixou o saco no chão e ficou bem pertinho, imóvel, à espera de que algum coelho jovem e inexperiente caísse na arapuca.

Nosso gato esperou pacientemente. Por fim, viu suas esperanças se tornarem realidade: um coelhinho se enfiou no saco, atraído pelo cheiro do farelo, e começou a comer tranquila e gostosamente.

Rápido como um relâmpago, o felino passou um cordão na abertura do saco e prendeu o coelho. Com a caça nas costas, dirigiu-se ao palácio real.

— Quero falar com o rei — disse aos guardas, com ares de muita importância.

Foi conduzido à presença real. Afinal, não era sempre que aparecia um gato pedindo audiência.

Na presença do soberano, o gato se curvou em respeitoso cumprimento.

— Majestade! Meu patrão, o marquês de Sacobotas, encarregou-me de oferecer-lhe este coelho, caçado nas matas de propriedade dele.

O rei, que apreciava muito carne de coelho, alegrou-se com o presente:

— Diga a seu patrão que agradeço muito a gentileza.

Alguns dias depois, o gato apanhou duas grandes rolinhas numa emboscada, num campo de milho. Guardou as aves no saco e foi logo levá-las ao rei.

O rei aceitou com todo prazer essa segunda oferta, pois adorava carne de rolinha!

Nos meses seguintes, o gato continuou indo à corte para levar caças ao rei, sempre agradando muito ao paladar do soberano. A cada novo presente, afirmava que as carnes vinham das terras de seu patrão, o marquês de Sacobotas.

Um dia, quando estava saindo do palácio, escutou a conversa de dois criados:

— Amanhã o rei passará de carruagem pelas margens do rio, junto com sua filha, a mais bela moça de todo o reino.

O gato correu logo ao patrão, dizendo:

— Patrãozinho, se seguir meus conselhos poderá se tornar rico, nobre e feliz.

— E o que deverei fazer? — perguntou o jovem patrão, confiante no gato que herdara.

— Amanhã você deverá ir ao rio e tomar banho no lugar exato em que eu indicar. O resto, deixe comigo.


No dia seguinte, enquanto se banhava nas águas do rio, o rapaz viu se aproximar o rei, acompanhado pela princesa e por alguns nobres. O gato, que lá estava à espera, saiu de trás de uma moita e começou a gritar, com todo o fôlego:

— Socorro! Socorro! Ajudem o marquês de Sacobotas, ele está se afogando no rio! Ajudem!

O rei escutou os gritos e reconheceu o gato que tantas vezes lhe levara carnes deliciosas. Imediatamente deu ordem aos guardas para que corressem e acudissem o marquês de Sacobotas.

Enquanto o jovem estava sendo retirado do rio, nosso gato se aproximou da carruagem real dizendo, com o ar mais entristecido do mundo:





— Majestade, meu patrão estava tomando banho no rio e chegaram uns ladrões, que levaram toda a roupa dele. E agora, como ele poderá apresentar-se a Vossa Majestade inteiramente nu?

Na verdade, o gato, muito vivo, havia escondido os trapos do moço embaixo de umas pedras... Mas o rei, penalizado, ordenou a um de seus guardas que corresse ao palácio e pegasse umas roupas para o pobre marquês espoliado.

A roupa trazida era esplêndida. Com ela, o falso marquês, que aliás era um jovem bem bonito, ficou com ótima aparência. Logo a princesa se apaixonou pelo jovem, e o rei convidou-o a subir na carruagem, para juntos continuarem o passeio.

Mas e o gato?

O gato, contente com o sucesso inicial de seu projeto, correu na frente da carruagem, que avançava lentamente.

Um pouco adiante, viu um grupo de lavradores capinando. O gato fez uma careta bem feia e gritou com um vozeirão ameaçador:

— Atenção! O rei passará aqui já, já! Se vocês não disserem que esse campo pertence ao marquês de Sacobotas, serão todos demitidos!

Assustadíssimos, os coitados juraram que obedeceriam. Quando o rei, curioso, perguntou aos lavradores a quem pertencia aquele belo campo, estes responderam a uma só voz:

— Ao senhor marquês de Sacobotas!

E o rei parabenizou seu convidado pela beleza e fertilidade de suas terras.

Enquanto isso, nosso gato, sempre bem à frente da comitiva real, parou num canal em que camponeses ceifavam.

— Atenção! Daqui a pouco o rei passará por aqui. Vocês vão dizer a ele que este canal pertence ao marquês de Sacobotas. Se não disserem, serão todos presos.

Assustados, os cortadores de cana prometeram obedecer.

E assim fizeram também os criadores de porcos, os vaqueiros, os cultivadores de uvas e tantos mais que o gato encontrou em seu caminho.

Tudo pertencia ao marquês de Sacobotas! E a estima do rei pelo novo nobre crescia a cada quilômetro percorrido.

Sempre à frente, o gato chegou a um castelo no qual vivia um terrível mago, muito rico. A ele pertenciam todas as terras que o esperto gato atribuía ao marquês de Sacobotas!

O gato sem dúvida precisava, com urgência, de uma nova ideia brilhante. Como ideias não lhe faltavam, pensou um pouquinho e pediu para ser levado à presença do mago.

Assim que chegou ao salão, curvou-se respeitosamente e começou a fazer elogios:

— Eu estava passando por estas bandas, meu senhor, e achei que era

meu dever homenagear o mais poderoso mago da região. Ouvi falar que o senhor pode se transformar em qualquer animal. Mas eu duvido que isto seja verdade.

— Quer ver? — respondeu o mago, irritado com a provocação.

Em um instante, no lugar do mago estava um leão rugindo, com sua grande boca aberta. O gato levou tamanho susto que por pouco não caiu para trás!

— E agora, está convencido, seu gato?

— Bem, senhor, até certo ponto... Não deve ter sido tão difícil, grandalhão como é, transformar-se em um animal enorme. Eu só queria ver se conseguia se transformar em um animal pequeno, como um ratinho, por exemplo. Que tal? Consegue?

— Eu consigo me transformar em qualquer animal, ouviu bem? — gritou o mago.

E logo ele virou um ratinho, que começou a correr veloz pela sala toda. Com toda a sua astúcia, o gato devorou-o numa só bocada.

A carruagem real já estava chegando ao castelo. O rei, curioso, quis visitá-lo.

O marquês de Sacobotas nem sabia o que fazer. Por sorte, o gato logo apareceu, cumprimentando:

— Bem-vindo, majestade, ao castelo do marquês de Sacobotas.

O rei ficou admirado.

— Oh! Não me diga, marquês, que também este belo castelo lhe pertence? E não falava nada, heim?

O rei entrou no castelo, acompanhado pelo marquês e pela princesa. No salão principal do luxuoso castelo havia uma comprida mesa, na qual já estava servido um maravilhoso banquete. Os recém-chegados, inclusive o gato, comeram e beberam a fartar, satisfazendo a fome após tão longo passeio.

No final da refeição, o rei, que já estava percebendo os olhares apaixonados da filha para o jovem marquês, tão rico e tão belo, disse:

— Meu caro marquês, vejo que minha filha tem por você muita simpatia. Se sentir o mesmo por ela, então ofereça-lhe sua mão.

Não cabendo em si de felicidade, o jovem logo respondeu que sim.

Naquele mesmo dia foram celebradas as bodas, e o filho do lavrador se tornou príncipe.

E o gato, autor de tanta fortuna? Ele se tornou um senhor... E, se de vez em quando caçava algum rato, era por pura diversão.



RAPUNZEL

Irmãos Grimm

Era uma vez um casal que havia muito tempo desejava ter um filho. Contudo, os anos se passavam e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouviu suas preces. Ela ia ter uma criança!

Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

— O que está acontecendo contigo, querida?

— Ah! — respondeu ela. — Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo!

O marido, que a amava muito, pensou: “Não posso deixar minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!”.

Ao anoitecer, ele encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou para a mulher. Mais que depressa, ela preparou uma salada que comeu imediatamente, deliciada.

Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom que no dia seguinte seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco. Quando a noite chegou, pulou novamente o muro mas, mal pisou no chão do outro lado, levou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

— Como se atreve a entrar no meu quintal como um ladrão, para roubar meus rabanetes? — perguntou ela com os olhos chispando de raiva. — Vai ver só o que te espera!



— Oh! Tenha piedade! — implorou o homem. — Só fiz isso porque fui obrigado! Minha mulher viu seus rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade que na certa morrerá se eu não levar alguns!

A feiticeira se acalmou e disse:

— Se é assim como diz, deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar a criança que sua mulher vai ter. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe e nada lhe faltará.

O homem estava tão apavorado que concordou. Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.

Rapunzel cresceu e se tornou a mais linda criança sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio de uma floresta.

A torre não possuía nem escada, nem porta: apenas uma janelinha, no lugar mais alto. Quando a velha desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava:

— Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha, abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças caíam vinte metros abaixo, e por elas a feiticeira subia.

Alguns anos depois, o filho do rei estava cavalgando pela floresta e passou perto da torre. Ouviu um canto tão bonito que parou, encantado. Rapunzel, para espantar a solidão, cantava para si mesma com sua doce voz.

Imediatamente o príncipe quis subir, procurou uma porta por toda parte, mas não encontrou. Inconformado, voltou para casa. Mas o maravilhoso canto tocara seu coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez.

Em uma dessas vezes, o príncipe estava descansando atrás de uma árvore e viu a feiticeira aproximar-se da torre e gritar: “Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!”. E viu quando a feiticeira subiu pelas tranças.

“É essa a escada pela qual se sobe?”, pensou o príncipe. “Pois eu vou tentar a sorte...”

No dia seguinte, quando escureceu, ele se aproximou da torre e, bem embaixo da janelinha, gritou:


— Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

As tranças caíram pela janela abaixo, e ele subiu.

Rapunzel ficou muito assustada ao vê-lo entrar, pois jamais tinha visto um homem. Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse.

Rapunzel foi se acalmando e, quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: “Ele é mil vezes preferível à velha senhora...”. E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:





— Sim! Eu quero ir com você! Mas não sei como descer... Sempre que vier me ver, traga uma meada de seda. Com ela vou trançar uma escada e, quando ficar pronta, eu desço e você me leva no seu cavalo.

Combinaram que ele sempre viria ao cair da noite, porque a velha costumava vir durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel, sem querer, perguntou a ela:

— Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, enquanto o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?

— Ah, menina ruim! — gritou a feiticeira. — Pensei que tinha isolado você do mundo, e você me engana!

Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelo cabelos e esbofeteou-a. Depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e — tec, tec! — cortou as belas tranças, largando-as no chão. Não contente, a malvada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.

Na tarde do mesmo dia em que Rapunzel foi expulsa, a feiticeira prendeu as longas tranças num gancho da janela e ficou esperando. Quando o príncipe veio e chamou: “Rapunzel! Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!”, ela deixou as tranças caírem para fora e ficou esperando.

Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível feiticeira. Com um olhar chamejante de ódio, ela gritou zombeteira:

— Ah, ah! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! O gato apanhou-a, levou-a, e agora vai arranhar os seus olhos! Nunca mais você verá Rapunzel! Ela está perdida para você!

Ao ouvir isso, o príncipe ficou fora de si e, em seu desespero, atirou-se pela janela. O jovem não morreu, mas caiu sobre espinhos que furaram seus olhos e ele ficou cego.

Desesperado, ficou perambulando pela floresta, alimentando-se apenas de frutos e raízes, sem fazer outra coisa que se lamentar e chorar a perda da esposa tão querida.

Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na maior tristeza, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali.

Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar.

Duas das lágrimas da moça caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes.

Então, levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram muito felizes.

CINDERELA

Irmãos Grimm

Há muito tempo, aconteceu que a esposa de um rico comerciante adoeceu gravemente e, sentindo seu fim se aproximar, chamou sua única filha e disse:

— Querida filha, continue piedosa e boa menina que Deus a protegerá sempre. Lá do céu olharei por você, e estarei sempre a seu lado. — Mal acabou de dizer isso, fechou os olhos e morreu.

A jovem ia todos os dias visitar o túmulo da mãe, sempre chorando muito.

Veio o inverno, e a neve cobriu o túmulo com seu alvo manto. Chegou a primavera, e o sol derreteu a neve. Foi então que seu pai resolveu se casar outra vez.

A nova esposa trouxe suas duas filhas, ambas louras e bonitas — mas só exteriormente. As duas tinham a alma feia e cruel.

A partir desse momento, dias difíceis começaram para a pobre enteada.

— Essa imbecil não vai ficar no quarto conosco! — reclamaram as moças. — O lugar dela é na cozinha! Se quiser comer pão, que trabalhe!

Tiraram-lhe o vestido bonito que ela usava obrigaram-na a vestir outro, velho e desbotado, e a calçar tamancos.

— Vejam só como está toda enfeitada a orgulhosa princesinha de antes! — disseram a rir, levando-a para a cozinha.

A partir de então, ela foi obrigada a trabalhar, da manhã à noite, nos serviços mais pesados. Era obrigada a se levantar de madrugada, para ir buscar água e acender o fogo. Só ela cozinhava e lavava para todos.

Como se tudo isso não bastasse, as irmãs caçoavam dela e a humilhavam. Espalhavam lentilhas e feijões nas cinzas do fogão e obrigavam-na a catar um a um.

À noite, exausta de tanto trabalhar, a jovem não tinha onde dormir e era obrigada a se deitar nas cinzas do fogão. E, como andasse sempre suja e cheia de cinza, só a chamavam de Cinderela.

Uma vez, o pai resolveu ir a uma feira. Antes de sair, perguntou às enteadas o que desejavam que ele trouxesse.

— Vestidos bonitos — disse uma.

— Pérolas e pedras preciosas — disse a outra.

— E você, Cinderela, o que vai querer? — perguntou o pai.

— No caminho de volta, pai, quebre o primeiro ramo que bater no seu chapéu e traga-o para mim.





Ele partiu para a feira, comprou vestidos bonitos para uma das enteada-das, pérolas e pedras preciosas para a outra e, de volta para casa, quando cavalgava por um bosque, um ramo de aveleira bateu no seu chapéu. Ele quebrou o ramo e levou-o. Chegando em casa, deu às enteadas o que haviam pedido e à Cinderela o ramo de aveleira.

Ela agradeceu, levou o ramo para o túmulo da mãe, plantou-o ali, e chorou tanto que suas lágrimas regaram o ramo. Ele cresceu e se tornou uma aveleira linda. Três vezes, todos os dias, a menina ia chorar e rezar embaixo dela.

Sempre que a via chegar, um passarinho branco voava para a árvore e, se a ouvia pedir baixinho alguma coisa, jogava-lhe o que ela havia pedido.

Um dia, o rei mandou anunciar uma festa, que duraria três dias. Todas as jovens bonitas do reino seriam convidadas, pois o filho dele queria escolher entre elas aquela que seria sua esposa.

Quando souberam que também deveriam comparecer, as duas filhas da madrasta ficaram contentíssimas.

— Cinderela! — gritaram. — Venha pentear nosso cabelo, escovar nossos sapatos e nos ajudar a vestir, pois vamos a uma festa no castelo do rei!

Cinderela obedeceu chorando, porque ela também queria ir ao baile. Perguntou à madrasta se poderia ir, e esta respondeu:

— Você, Cinderela! Suja e cheia de pó, está querendo ir à festa? Como vai dançar, se não tem roupa nem sapatos?

Mas Cinderela insistiu tanto que, afinal, ela disse:

— Está bem. Eu despejei nas cinzas do fogão um tacho cheio de lentilhas. Se você conseguir catá-las todas em duas horas, poderá ir.

A jovem saiu pela porta dos fundos, correu para o quintal e chamou:

— *Mansas pombinhas e rolinhas!*

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o seu papo!

Logo entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas.

As pombas abaixavam a cabecinha e — pic, pic, pic — apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. As outras avezinhas faziam o mesmo. Não levou nem uma hora, o tacho ficou cheio e as aves todas voaram para fora.

Cheia de alegria, a menina pegou o tacho e levou para a madrasta, certa de que agora poderia ir à festa. Porém a madrasta disse:

— Não, Cinderela. Você não tem roupa e não sabe dançar. Só serviria de caçoada para os outros.

Como a menina começasse a chorar, ela propôs:

— Se você conseguir catar dois tachos de lentilhas nas cinzas em uma hora, poderá ir conosco.

Enquanto isso, pensou consigo mesma: “Isso ela não vai conseguir...”.

Assim que a madrasta acabou de espalhar os grãos nas cinzas, Cinderela correu para o quintal e chamou:

— *Mansas pombinhas e rolinhas!*

Passarinhos do céu inteiro!

Venham me ajudar a catar lentilhas!

As boas vão para o tacho!

As ruins para o seu papo!

E entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas; a seguir, vieram as rolinhas e, por último, todos os passarinhos do céu chegaram numa revoada e pousaram nas cinzas.

As pombas abaixavam a cabecinha e — pic, pic, pic — apanhavam os grãos bons e deixavam cair no tacho. Os outros pássaros faziam o mesmo. Não passou nem meia hora e os dois tachos ficaram cheios. As aves se foram voando pela janela.

Então, a menina levou os dois tachos para a madrasta, certa de que, desta vez, poderia ir à festa.

Porém, a madrasta disse:

— Não adianta, Cinderela! Você não vai ao baile! Não tem vestido, não sabe dançar e só nos faria passar vergonha!

E, dando-lhe as costas, partiu com suas orgulhosas filhas.

Quando ficou sozinha, Cinderela foi ao túmulo da mãe e embaixo da aveleira, disse:

— *Balance e se agite,*

árvore adorada,

cubra-me toda

de ouro e prata!

Então o pássaro branco jogou para ela um vestido de ouro e prata e sapatos de seda bordada de prata. Cinderela se vestiu a toda a pressa e foi para a festa.

Estava tão linda, no seu vestido dourado, que nem as irmãs, nem a madrasta a reconheceram. Pensaram que fosse uma princesa estrangeira — para elas, Cinderela só poderia estar em casa, catando lentilhas nas cinzas.


Logo que a viu, o príncipe veio a seu encontro e, pegando-lhe a mão, levou-a para dançar. Só dançou com ela, sem largar de sua mão por um instante.

Quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

— Ela é minha dama.

Dançaram até altas horas da noite e, afinal, Cinderela quis voltar para casa.





— Eu a acompanho — disse o príncipe. Na verdade, ele queria saber a que família ela pertencia.

Mas Cinderela conseguiu escapar dele, correu para casa e se escondeu no pombal. O príncipe esperou o pai dela chegar e contou-lhe que a jovem desconhecida tinha saltado para dentro do pombal.

“Deve ser Cinderela...”, pensou o pai. E mandou vir um machado para arrancar a porta do pombal. Mas não havia ninguém lá dentro.

Quando chegaram em casa, encontraram Cinderela com suas roupas sujas, dormindo nas cinzas, à luz mortiça de uma lamparina.

A verdade é que, assim que entrou no pombal, a menina saiu pelo lado de trás e correu para a aveleira. Ali, rapidamente tirou seu belo vestido e deixou-o sobre o túmulo. Veio o passarinho, apanhou o vestido e levou-o. Ela vestiu novamente seu vestidinho velho e sujo, correu para casa e se deitou nas cinzas da cozinha.

No dia seguinte, o segundo dia da festa, quando os pais e as irmãs partiram para o castelo, Cinderela foi até a aveleira e disse:

— *Balance e se agíte,
árvore adorada,
cubra-me toda
de ouro e prata!*

E o pássaro atirou para ela um vestido ainda mais bonito que o da véspera. Quando ela entrou no salão assim vestida, todos ficaram pasmados com sua beleza.

O príncipe, que a esperava, tomou-lhe a mão e só dançou com ela. Quando alguém convidava a jovem para dançar, ele dizia:

— Ela é minha dama.

Já era noite avançada quando Cinderela quis ir embora. O príncipe seguiu-a, para ver em que casa entraria.

A jovem seguiu seu caminho e, inesperadamente, entrou no quintal atrás da casa. Ágil como um esquilo, subiu pela galharia de uma frondosa pereira carregada de frutos que havia ali. O príncipe não conseguiu descobri-la e, quando viu o pai dela chegar, disse:

— A moça desconhecida escondeu-se nessa pereira.

“Deve ser Cinderela”, pensou o pai. Mandou buscar um machado e derubou a pereira. Mas não encontraram ninguém na galharia.

Como na véspera, Cinderela já estava na cozinha dormindo nas cinzas, pois havia escorregado pelo outro lado da pereira, correr para a aveleira e devolver o lindo vestido ao pássaro. Depois, vestiu o feio vestidinho de sempre e correu para casa.

No terceiro dia, assim que os pais e as irmãs saíram para a festa, Cinderela foi até o túmulo da mãe e pediu à aveleira:

— *Balance e se agite,*

*árvore adorada,
cubra-me toda
de ouro e prata!*

E o pássaro atirou-lhe o vestido mais suntuoso e brilhante jamais visto, acompanhado de um par de sapatinhos de puro ouro.

Ela estava tão linda, tão linda que, quando chegou ao castelo, todos emudeceram de assombro. O príncipe só dançou com ela e, como das outras vezes, dizia a todos que vinham tirá-la para dançar:

— Ela é minha dama.

Já era noite alta quando Cinderela quis voltar para casa. O príncipe tentou segui-la, mas ela escapuliu tão depressa que ele não pode alcançá-la.

Dessa vez, porém, o príncipe usara um estratagema: untou com piche um degrau da escada e, quando a moça passou, o sapato do pé esquerdo ficou grudado. Ela deixou-o ali e continuou correndo.

O príncipe pegou o sapatinho: era pequenino, gracioso e todo de ouro. No outro dia, de manhã, ele procurou o pai e disse:

— Só me casarei com a dona do pé que couber neste sapato.

As irmãs de Cinderela ficaram felizes e esperançosas quando souberam disso, pois tinham pés delicados e bonitos.

Quando o príncipe chegou à casa delas, a mais velha foi para o quarto acompanhada da mãe e experimentou o sapato. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia meter dentro dele o dedo grande do pé. Então, a mãe deu-lhe uma faca, dizendo:

— Corte fora o dedo. Quando você for rainha, vai andar muito pouco a pé.

Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. Ele recebeu-a como sua noiva e levou-a na garupa do seu cavalo.

Quando passavam pelo túmulo da mãe de Cinderela, que ficava bem no caminho, duas pombas pousaram na aveleira e cantaram:

— *Olhe para trás! Olhe para trás!*


*Há sangue no sapato,
que é pequeno demais!
Não é a noiva certa
que vai sentada atrás!*

O príncipe virou-se, olhou o pé da moça e logo viu o sangue escorrendo do sapato. Fez o cavalo voltar e levou-a para a casa dela.

Chegando lá, ordenou à outra filha da madrasta que calçasse o sapato. Ela foi para o quarto e calçou-o. Os dedos do pé entraram facilmente, mas o calcanhar era grande demais e ficou de fora. Então, a mãe deu-lhe uma faca dizendo:

— Corte fora um pedaço do calcanhar. Quando você for rainha, vai andar muito pouco a pé.





Assim fez a moça. O pé entrou no sapato e, disfarçando a dor, ela foi ao encontro do príncipe. Ele aceitou-a como sua noiva e levou-a na garupa do seu cavalo.

Quando passavam pela aveleira, duas pombinhas pousaram num dos ramos e cantaram:

— Olhe para trás! Olhe para trás!

*Há sangue no sapato,
que é pequeno demais!
Não é a noiva certa
que vai sentada atrás!*

O príncipe olhou o pé da moça, viu o sangue escorrendo e a meia branca vermelha de sangue. Então virou seu cavalo, levou a falsa noiva de volta para casa e disse ao pai:

— Esta também não é a verdadeira noiva. Vocês não têm outra filha?

— Não — respondeu o pai —, a não ser a pequena Cinderela, filha de minha falecida esposa. Mas é impossível que seja ela a noiva que procura.

O príncipe ordenou que fossem buscá-la.

— Oh, não! Ela está sempre muito suja! Seria uma afronta trazê-la a vossa presença! — protestou a madrasta.

Porém o príncipe insistiu, exigindo que ela fosse chamada. Depois de lavar o rosto e as mãos, ela veio, curvou-se diante do príncipe e pegou o sapato de ouro que ele lhe estendeu.

Sentou-se num banquinho, tirou do pé o pesado tamanco e calçou o sapato, que lhe serviu como uma luva. Quando ela se levantou, o príncipe viu seu rosto e reconheceu logo a linda jovem com quem havia dançado.

— É esta a noiva verdadeira! — exclamou, feliz.

A madrasta e as filhas levaram um susto e ficaram brancas de raiva. O príncipe ergueu Cinderela, colocou-a na garupa do seu cavalo e partiram. Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas brancas cantaram:

— Olhe para trás! Olhe para trás!

*Não há sangue no sapato,
que serviu bem demais!
Essa é a noiva certa.
Pode ir em paz!*

E, quando acabaram de cantar, elas voaram e foram pousar, uma no ombro direito de Cinderela, outra no esquerdo; ali ficaram.

Quando o casamento de Cinderela com o príncipe se realizou, as falsas irmãs foram à festa. A mais velha ficou à direita do altar, e a mais nova, à esquerda.

Subitamente, sem que ninguém pudesse impedir, a pomba pousada no ombro direito da noiva voou para cima da irmã mais velha e furou-lhe os olhos. A pomba do ombro esquerdo fez o mesmo com a mais nova, e ambas ficaram cegas para o resto da vida.

OS SETE CORVOS

Irmãos Grimm

Era uma vez um homem que tinha sete filhos, todos meninos, e vivia suspirando por uma menina. Afinal, um dia, a mulher anunciou-lhe que estava mais uma vez esperando criança.

No tempo certo, quando ela deu à luz, veio uma menina. Foi imensa a alegria deles. Mas, ao mesmo tempo, ficaram muito preocupados, pois a recém-nascida era pequena e fraquinha, e precisava ser batizada com urgência.

Então, o pai mandou um dos filhos ir bem depressa até a fonte e trazer água para o batismo. O menino foi correndo e, atrás dele, seus seis irmãos. Chegando lá, cada um queria encher o cântaro primeiro; na disputa, o cântaro caiu na água e desapareceu.

Os meninos ficaram sem saber o que fazer. Em casa, como eles estavam demorando muito, o pai disse, impaciente:

— Na certa, ficaram brincando e se esqueceram da vida!

E, cada vez mais angustiado, exclamou com raiva:

— Queria que todos eles se transformassem em corvos!

Nem bem falou isso, ouviu um ruflar de asas por cima de sua cabeça e, quando olhou, viu sete corvos pretos como carvão passando a voar por cima da casa.

Os pais fizeram de tudo para anular a maldição, mas nada conseguiram; ficaram tristíssimos com a perda dos sete filhos. Mas, de alguma forma, consolaram-se com a filhinha, que logo ficou mais forte e foi crescendo, cada dia mais bonita.

Passaram-se anos. A menina nunca soube que tinha irmãos, pois os pais jamais falaram deles. Um dia, porém, escutou acidentalmente algumas pessoas falando dela:

— A menina é muito bonita, mas foi por culpa dela que os irmãos se desgraçaram...

Com grande aflição, ela procurou os pais e perguntou-lhes se tinha irmãos e onde eles estavam. Os pais não puderam mais guardar segredo. Disseram que havia sido uma predestinação do céu, mas que o batismo dela fora a inocente causa.

A partir desse momento, não se passou um dia sem que a menina se culpasse pela perda dos irmãos, pensando no que fazer para salvá-los. Não tinha mais paz nem sossego.

Um dia, ela fugiu de casa, decidida a encontrar os irmãos onde quer que eles estivessem nesse vasto mundo, custasse o que custasse.

Levou consigo apenas um anel de seus pais como lembrança, um pão grande para quando tivesse fome, um cantil de água para matar a sede e um banquinho para quando quisesse descansar.





Foi andando, andando, afastando-se cada vez mais... e assim chegou ao fim do mundo.

Então, foi falar com o sol. Mas ele era assustador, quente demais e comia crianças.

A menina fugiu e foi falar com a lua. Ela era horrorosa, mais fria que o gelo, e também comia crianças. Quando viu a menina, disse com um sorriso mau:

— Hum, hum... que cheirinho bom de carne humana!

A menina se afastou correndo e foi falar com as estrelas. Encontrou-as sentadas, cada uma na sua cadeirinha. Todas elas foram bondosas e amáveis com ela. A Estrela d'Alva ficou em pé e lhe deu um ossinho de frango, dizendo:

— Sem este ossinho, você não poderá abrir a Montanha de Cristal, e é na Montanha de Cristal que estão seus irmãos.

A menina pegou o ossinho, embrulhou-o num pedaço de pano e de novo pôs-se a andar.

Andou, andou e, afinal, chegou à Montanha de Cristal. O portão estava fechado; quando desembulhou o paninho para pegar o osso, ele estava vazio! Ela havia perdido o presente da estrela...

E agora, o que fazer? Queria salvar os irmãos, mas não tinha mais a chave da Montanha de Cristal.

Sem pensar muito, meteu o dedo indicador dentro do buraco da fechadura e girou-o, mas o portão continuou fechado.

Então, pegou uma faca em sua trouxinha, cortou fora um pedaço do dedo mindinho, meteu o pedaço do dedo na fechadura: felizmente, o portão se abriu.

Assim que ela entrou, um anãozinho veio a seu encontro:

— O que está procurando, minha menina?

— Procuo meus irmãos, os sete corvos.

— Os senhores Corvos não estão em casa e vão se demorar bastante.

Mas se quiser esperar, entre e fique à vontade.

Assim dizendo, o anãozinho foi para dentro e voltou trazendo a comida dos corvos em sete pratinhos e a bebida em sete copinhos. A menina comeu um bocadinho de cada prato e bebeu um golinho de cada copo, mas deixou cair o anel que trouxera dentro do último copinho.

Nesse momento, ouviu-se um zunido e um bater de asas no ar.

— São os senhores Corvos que vêm vindo — explicou o anãozinho.

Eles entraram, quiseram logo comer e beber e se dirigiram para seus pratos e copos. Então um disse para o outro:

— Alguém comeu no meu prato! Alguém bebeu no meu copo! E foi boca humana!

E quando o sétimo corvo acabou de beber a última gota de seu copo, o anel rolou até seu bico. Ele reconheceu o anel de seus pais e exclamou:

— Queira Deus que nossa irmãzinha esteja aqui! Então, estaremos salvos!

Ao ouvir esse pedido, a menina, que estava atrás da porta, saiu e foi ao encontro deles. Imediatamente, os corvos recuperaram a forma humana.

Abraçaram-se e beijaram-se na maior alegria e, muito felizes, voltaram todos para casa.





CHAPEUZINHO VERMELHO

Irmãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó. Ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina! — disse com voz doce.

— Bom dia! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.
 — Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?
 — Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.
 — Muito bem! E onde mora sua avó?
 — Mais além, no interior da mata.
 — Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.
 — Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta, enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:





— Puxe o trinco e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

— Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bemquentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa salvá-la!”

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho; na segunda, uma cabecinha loura; na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador, que arrumou tudo bem direitinho dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, esconderam-se entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho”.





CHAPEUZINHO VERMELHO

Charles Perrault

Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia; era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda. A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu assentou-lhe tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, tendo feito alguns bolos, sua mãe disse-lhe:

— Vá ver como está passando a sua avó, pois fiquei sabendo que ela está um pouco adoentada. Leve-lhe um bolo e este potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa da avó, que morava numa aldeia vizinha. Ao atravessar a floresta, ela encontrou o senhor Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo, respondeu:

— Vou à casa da minha avó, para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou.

— Ela mora muito longe? — quis saber o Lobo.

— Mora, sim! — falou Chapeuzinho Vermelho. — Mora depois daquele moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da aldeia.

— Muito bem — disse o Lobo. — Eu também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher ave-lãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Ele bate: toc, toc.

— Quem é? — pergunta a avó.

— É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho — falou o Lobo, disfarçando a voz. — Trouxe para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que minha mãe mandou.

A boa avozinha, que estava acamada porque não se sentia muito bem, gritou-lhe:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

O Lobo fez isso e a porta se abriu. Ele lançou-se sobre a boa mulher e a devorou num segundo, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho. Passado algum tempo ela bateu à porta: toc, toc.

— Quem é?

Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grossa do Lobo, a princípio ficou

com medo; mas, supondo que a avó estivesse rouca, respondeu:

— É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que mamãe mandou.

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz:

— Levante a aldaba, que o ferrolho sobe.

Chapeuzinho Vermelho fez isso e a porta se abriu.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondido sob as cobertas:

— Ponha o bolo e o potezinho de manteiga sobre a arca e venha deitar aqui comigo.

Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como a avó estava esquisita, em seu traje de dormir. Disse a ela:

— Vovó, como são grandes os seus braços!

— É para melhor te abraçar, minha filha!

— Vovó, como são grandes as suas pernas!

— É para poder correr melhor, minha netinha!

— Vovó, como são grandes as suas orelhas!

— É para ouvir melhor, netinha!

— Vovó, como são grandes os seus dentes!

— É para te comer!

E assim dizendo, o malvado Lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.





O PEQUENO POLEGAR

Charles Perrault

Era uma vez um casal de lenhadores muito, muito pobres, com sete filhos pequenos. Um deles, o caçula, era magro e fraco, mas esperto e inteligente; era conhecido como Polegar, por ser muito pequeno ao nascer.

Naquele ano difícil, faltava tudo, praticamente não havia o que comer.

Os dois lenhadores, desesperados com tanta miséria e tantas bocas para alimentar, encontraram uma triste solução: iriam se livrar dos sete filhos esfomeados.

Enquanto os filhos dormiam, pai e mãe planejaram como agiriam para abandonar as crianças.

— Vamos levar as crianças para a floresta — disse o lenhador. — Lá, enquanto juntam lenha, nós as abandonaremos e fugiremos sem que percebam.

Quando o pai pronunciou a última palavra, seus olhos e os de sua esposa estavam cheios de lágrimas.

— Coitadinhos dos meus filhos — disse a mãe, soluçando. — Ficarão sozinhos, sentindo frio, fome e medo das feras do mato...

— Prefere, então, que morram de fome aqui mesmo conosco, sob nossas vistas? — perguntou o pai, também chorando.

Não havia solução. As crianças morreriam, em casa ou na floresta. Então, era melhor que fosse longe, para os pais sofrerem menos. Combinaram o que fariam no dia seguinte e foram dormir.

Pela manhã, o casal chamou os filhos e foram todos para a floresta. Enquanto as crianças estavam ocupadas em apanhar bastante lenha, os pais foram se afastando, afastando, até ficarem bem longe.

Quando os sete irmãos perceberam que estavam sozinhos, os seis maiores começaram a chorar. Mas Polegar não desanimou. Encorajou os irmãos propondo que, juntos, procurassem o caminho de casa.

Começaram a caminhar pela floresta mas, infelizmente, quanto mais caminhavam, parecia que estavam mais perdidos e não sabiam que rumo seguir.

Chegou a noite, começou a chover e a fazer muito frio; ao longe, os lobos uivavam. Os seis maiores estavam desesperados, amedrontados e desanimados.

Mas Polegar, sempre muito ativo, subiu em uma grande árvore e, lá do alto, viu uma luz brilhar ao longe. Imaginou que seria a luz de uma casa.

Sem hesitar, o garoto desceu da árvore e, guiando os irmãos, começou a andar na direção daquela luzinha distante.

Andaram e andaram, até chegar a uma casa imensa e assustadora.

Polegarzinho bateu à porta e uma mulher veio abrir.

— Quem são vocês, crianças, e o que querem?

— Estamos perdidos na mata. Tenha pena de nós, minha senhora. Estamos com fome e precisamos de um lugar para dormir. Poderia nos abrigar?

— Coitados! Vocês estão sem sorte. Esta é a casa de meu marido, o Gigante, verdadeiro devorador de crianças.

Polegar logo respondeu, sem demonstrar medo:

— Se ficarmos na mata, com certeza seremos devorados pelos lobos. Então, já que estamos aqui, preferimos ser devorados pelo Gigante. Aliás, quem sabe ele não se comoverá e nos deixará viver? Já com os lobos, não haverá conversa alguma.

A mulher do Gigante tinha coração mole e se deixou convencer: permitiu que os sete irmãos entrassem. Mal tinham acabado de entrar, ouviram fortes golpes na porta: era o Gigante que regressava!

A mulher escondeu as crianças embaixo do armário e correu para abrir a porta.

O Gigante entrou. Era um ser enorme, de aspecto horrível. Logo que passou pela porta, começou a farejar de um lado e de outro, desconfiado, cheirando com prazer e apetite:

— Cozida ou ensopada. Aqui tem cheiro de deliciosa criançada!

Dizia isso e lambia os beiços.

— Imagine, nada disso! É o cheiro da janta — disse a esposa, tremendo de pavor.

Mas o Gigante não se deixava enganar, pois conhecia bem demais o cheiro da carne humana.

— Assadinhas ou fritinhas. Aqui tem o cheiro de crianças!

E lambia os beiços.

Guiando-se pelo faro, foi em direção ao armário e, com as enormes mãos, arrancou de lá os sete irmãos, um por um, mais mortos do que vivos pelo medo.

— Muito bem! Aqui tem uma ótima refeição para amanhã.

E começou a afiar o facão.

Já tinha agarrado o pescoço do irmão mais velho quando a mulher falou:

— Por que você quer matá-los nesta noite? A janta já está pronta!

— Tem razão, minha velha — resmungou o Gigante. É melhor economizar, portanto deixá-los-ei para amanhã, é melhor que descansem um pouco.

A mulher do Gigante suspirou aliviada. Levou as crianças para dormir no quarto em que estavam suas sete filhas, sete meninas muito feias e cruéis, como o pai.

Assim, dormiriam em uma larga cama as sete garotinhas. E em uma cama igual, ao lado, os sete irmãozinhos. Polegar reparou que as filhas do Gigante usavam suas coroas de ouro mesmo enquanto dormiam.

Receando que o malvado mudasse de ideia e decidisse matá-los naquela mesma noite, o pequeno pegou seu gorrinho e os de seus irmãos e os colocou





com cuidado na cabeça das garotas adormecidas, após tirar as coroazinhas de ouro, que colocou na sua cabeça e na dos queridos irmãos. Estava feita a troca.

A certa altura o Gigante acordou, arrependido por ter adiado a matança. Agarrou o facão e foi ao quarto das filhas, no escuro.

Tateando, aproximou-se da cama em que dormiam os sete irmãos. Polegar sentiu a enorme mão do Gigante tocar em seus cabelos e na coroazinha e, em seguida, o horroroso exclamou:

— Meu Deus! O que estava para fazer? Por pouco quase degolei minhas próprias filhotas!

Aproximou-se da outra cama, estendeu a mão, sentiu os gorrinhos de lã rústica e riu.

E, sem dó, cortou de uma vez só as sete gargantas. Depois voltou para a cama, para continuar o sono interrompido. Bastaram alguns minutos, e já estava roncando forte.

Com muito cuidado, o Pequeno Polegar acordou os irmãos e contou-lhes o que acontecera. Falou da troca dos gorros com as coroas para enganar o Gigante, e concluiu:

— Devemos fugir imediatamente, antes que seja tarde!

Silenciosamente, os coitadinhos saíram daquela casa e foram para a floresta. Andaram a noite toda, sem saber bem para onde ir. Caminhavam rapidamente, para escapar da fúria do terrível Gigante.

Na manhã seguinte o Gigante acordou e, antes de mais nada, foi pegar suas vítimas para cozinhá-las.

Imaginem só como ficou, ao perceber que havia degolado suas amadas filhinhas e que os sete guris tinham desaparecido!

Cego de raiva, calçou suas botas mágicas, que a cada passo alcançavam sete léguas, e partiu para a perseguição. Dali a pouco já estava bem próximo dos fugitivos.

Polegarzinho, sempre alerta, viu que ele estava chegando e, sem perder a calma, mandou os irmãos se esconderem em uma caverna ali pertinho.

E lá vinha o Gigante, cada vez mais perto dos indefesos meninos.

Andara muito, e já começava a se cansar. Precisou, então, parar e resolveu dar uma cochiladinha. E sabem onde? Bem na frente da caverna em que estavam escondidos os irmãos.

Polegar pensou rápido e, aproveitando o sono do inimigo, mandou os outros seis fugirem. Depois, aproximou-se do Gigante e, com muito cuidado para não acordar o guloso, descalçou-lhe as botas mágicas.

Eram imensos aqueles calçados do Gigante, mas, por serem mágicos, logo se ajustaram aos pés pequenininhos do novo dono.

— Agora sim! — disse decidido. — Andarei pelo mundo até encontrar um modo de melhorar nossas vidas.

Partiu, calçado com as botas que, a cada passo, percorriam sete léguas. Andou muito, muito mesmo, mais que o próprio Gigante. Após algumas horas, chegou a um reino distante, que estava em guerra.

Logo soube que o rei dali recompensaria com uma fortuna a pessoa que lhe trouxesse qualquer informação sobre as tropas e as batalhas. Esperto como era, Polegar foi para a região do combate, auxiliado pelas botas velozes.

Quando retornou, levou excelentes informações para o rei que, muito satisfeito, pagou-lhe o combinado. E ainda lhe deu mais algumas centenas de moedas.

No dia seguinte, Polegarzinho calçou de novo as botas mágicas e, em um piscar de olhos, alcançou a cabana dos pais, onde foi acolhido com enorme alegria por todos, inclusive pelos seus irmãos, que tinham conseguido voltar.

Assim, graças ao pequeno e inteligente Polegar, todos viveram felizes desde aquele dia, com muita fartura.





O SOLDADINHO DE CHUMBO

Hans Christian Andersen

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era pernetá: como fora o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna. Mas o soldadinho pernetá logo aprendeu a ficar em pé sobre a única perna e não fazia feio, ao lado dos irmãos.

Esses soldadinhos de chumbo eram muito bonitos e elegantes, cada qual com seu fuzil ao ombro, a túnica escarlate, calça azul e uma bela pluma no chapéu. Além disso, tinham feições de soldados corajosos e cumpridores do dever.

Os valorosos soldadinhos de chumbo aguardavam o momento em que passariam a pertencer a algum menino.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. Foi o presente de que ele mais gostou:

— Que lindos soldadinhos! — exclamou maravilhado. E os colocou em fileirados sobre a mesa, ao lado dos outros brinquedos. O soldadinho de uma perna só era o último da fileira.

Ao lado do pelotão de chumbo se erguia um lindo castelo de papelão, um bosque de árvores verdinhas e, em frente, havia um pequeno lago feito de um pedaço de espelho.

A maior beleza, porém, era uma jovem que estava em pé na porta do castelo. Ela também era de papel, mas vestia uma saia de tule bem franzida e uma blusa bem justa. Seu lindo rostinho era emoldurado por longos cabelos negros, presos por uma tiara enfeitada com uma pequenina pedra azul.

A atraente jovem era uma bailarina, por isso mantinha os braços erguidos em arco sobre a cabeça, com uma das pernas dobrada para trás, tão dobrada, mas tão dobrada que acabava escondida pela saia de tule.

O soldadinho a olhou longamente e logo se apaixonou, pensando que, tal como ele, aquela jovem tão linda tivesse uma perna só.

“Mas é claro que ela não vai me querer para marido”, pensou entristecido o soldadinho, suspirando. “Tão elegante, tão bonita... Deve ser uma princesa. E eu? Nem cabo sou, vivo numa caixa de papelão, junto com meus vinte e quatro irmãos.”

À noite, antes de deitar, o menino guardou os soldadinhos na caixa, mas não percebeu que aquele de uma perna só caíra atrás de uma grande cigarreira.

Quando os ponteiros do relógio marcaram meia-noite, todos os brinquedos se animaram e começaram a aprontar mil e uma. Uma enorme bagunça!

As bonecas organizaram um baile, enquanto o giz da lousa desenhava bonequinhos nas paredes. Os soldadinhos de chumbo, fechados na caixa, golpeavam a tampa para sair e participar da festa, mas continuavam prisioneiros.

Mas o soldadinho de uma perna só e a bailarina não saíram do lugar em que haviam sido colocados. Ele não conseguia parar de olhar aquela maravilhosa criatura. Queria ao menos tentar conhecê-la, para ficarem amigos.

De repente, ergueu-se da cigarreira um homenzinho muito mal-encarado. Era um gênio ruim, que só vivia pensando em maldades. Assim que ele apareceu, todos os brinquedos pararam amedrontados, pois já sabiam de quem se tratava.

O geniozinho olhou a sua volta e viu o soldadinho, deitado atrás da cigarreira.

— Ei, você aí, por que não está na caixa, com seus irmãos? — gritou o monstrinho.

Fingindo não escutar, o soldadinho continuou imóvel, sem desviar os olhos da bailarina.

— Amanhã vou dar um jeito em você, você vai ver! — gritou o geniozinho enfezado. — Pode esperar.

Depois disso, pulou de cabeça na cigarreira, levantando uma nuvem que fez todos espirrarem.

Na manhã seguinte, o menino tirou os soldadinhos de chumbo da caixa, recolheu aquele de uma perna só, que estava caído atrás da cigarreira, e os arrumou perto da janela. O soldadinho de uma perna só, como de costume, era o último da fila.

De repente, a janela se abriu, batendo fortemente as venezianas. Teria sido o vento, ou o geniozinho maldoso? E o pobre soldadinho caiu de cabeça na rua.

O menino viu quando o brinquedo caiu pela janela e foi correndo procurá-lo na rua. Mas não o encontrou. Logo se consolou: afinal, tinha ainda os outros soldadinhos, e todos com duas pernas.

Para piorar a situação, caiu um verdadeiro temporal. Quando a tempestade foi cessando, e o céu limpou um pouco, chegaram dois moleques. Eles se divertiam, pisando com os pés descalços nas poças de água. Um deles viu o soldadinho de chumbo e exclamou:

— Olhe! Um soldadinho! Será que alguém jogou fora porque ele está quebrado?

— É, está um pouco amassado. Deve ter vindo com a enxurrada.

— Não, ele está só um pouco sujo.

— O que nós vamos fazer com um soldadinho só? Precisaríamos pelo menos de meia dúzia para organizar uma batalha.

— Sabe de uma coisa? — Disse o primeiro garoto. — Vamos colocá-lo num barco e mandá-lo dar a volta ao mundo.

E assim foi. Construíram um barquinho com uma folha de jornal, colocaram o soldadinho dentro dele e soltaram o barco para navegar na água que corria pela sarjeta.





Apoiado em sua única perna, com o fuzil ao ombro, o soldadinho de chumbo procurava manter o equilíbrio. O barquinho dava saltos e esbarrões na água lamacenta, acompanhado pelos olhares dos dois moleques que, entusiasmados com a nova brincadeira, corriam pela calçada ao lado.



Lá pelas tantas, o barquinho foi jogado para dentro de um bueiro e continuou seu caminho, agora subterrâneo, em uma imensa escuridão. Com o coração batendo fortemente, o soldadinho voltava todos seus pensamentos para a bailarina, que talvez nunca mais pudesse ver.

De repente, viu chegar em sua direção um enorme rato de esgoto, olhos fosforescentes e um horrível rabo fino e comprido, que foi logo perguntando:

— Você tem autorização para navegar? Então? Ande, mostre-a logo, sem discutir.

O soldadinho não respondeu, e o barquinho continuou seu incerto caminho, arrastado pela correnteza. Os gritos do rato do esgoto exigindo a autorização foram ficando cada vez mais distantes.

Enfim, o soldadinho viu ao longe uma luz, e respirou aliviado; aquela viagem no escuro não o agradava nem um pouco. Mal sabia ele que, infelizmente, seus problemas não haviam acabado.

A água do esgoto chegara a um rio, com um grande salto; rapidamente, as águas agitadas viraram o frágil barquinho de papel.

O barquinho virou, e o soldadinho de chumbo afundou. Mal tinha chegado ao fundo, apareceu um enorme peixe que, abrindo a boca, engoliu-o.

O soldadinho se viu novamente numa imensa escuridão, espremido no estômago do peixe. E não deixava de pensar em sua amada: “O que estará fazendo agora a linda bailarina? Será que ainda se lembra de mim?”.

E, se não fosse tão destemido, teria chorado lágrimas de chumbo, pois seu coração sofria de paixão.

Passou-se muito tempo — quem poderia dizer quanto? E, de repente, a escuridão desapareceu e ele ouviu quando falavam:

— Olhe! O soldadinho de chumbo que caiu da janela!

Sabem o que aconteceu? O peixe havia sido fígado por um pescador, levado ao mercado e vendido a uma cozinheira. E, por cúmulo da coincidência, não era qualquer cozinheira, mas sim a que trabalhava na casa do menino que ganhara o soldadinho no aniversário. Ao limpar o peixe, a cozinheira encontrou dentro dele o soldadinho, do qual se lembrava muito bem, por causa daquela única perna.

Levou-o para o garotinho, que fez a maior festa ao revê-lo. Lavou-o com água e sabão, para tirar o fedor de peixe, e endireitou a ponta do fuzil, que amassara um pouco durante aquela aventura.

Limpinho e lustroso, o soldadinho foi colocado sobre a mesma mesa em que estava antes de voar pela janela. Nada estava mudado. O castelo de papel, o pequeno bosque de árvores muito verdes, o lago reluzente feito de espelho. E, na porta do castelo, lá estava ela, a bailarina: sobre uma perna só, com os braços erguidos acima da cabeça, mais bela do que nunca.

O soldadinho olhou para a bailarina, ainda mais apaixonado; ela olhou para ele, mas não trocaram palavra alguma. Ele desejava conversar, mas não ousava. Sentia-se feliz apenas por estar novamente perto dela e poder contemplá-la.

Se pudesse, ele contaria toda a sua aventura; com certeza a linda bailarina iria apreciar sua coragem. Quem sabe até se casaria com ele...

Enquanto o soldadinho pensava em tudo isso, o garotinho brincava tranquilo com o pão.

De repente — como foi, como não foi, é caso de se pensar se o geniozinho ruim da cigarreira não metera seu nariz —, o garotinho agarrou o soldadinho de chumbo e atirou-o na lareira, onde o fogo ardia intensamente.

O pobre soldadinho viu a luz intensa e sentiu um forte calor. A única perna estava amolecendo e a ponta do fuzil envergava para o lado. As belas cores do uniforme, o vermelho escarlata da túnica e o azul da calça perdiam suas tonalidades.

O soldadinho lançou um último olhar para a bailarina, que retribuiu com silêncio e tristeza. Ele sentiu então que seu coração de chumbo começava a derreter — não só pelo calor, mas principalmente pelo amor que ardia nele.

Naquele momento, a porta escancarou-se com violência, e uma rajada de vento fez voar a bailarina de papel diretamente para a lareira, bem junto ao soldadinho. Bastou uma labareda e ela desapareceu. O soldadinho também se dissolveu completamente.

No dia seguinte, a arrumadeira, ao limpar a lareira, encontrou no meio das cinzas um pequenino coração de chumbo: era tudo que restara do soldadinho, fiel até o último instante ao seu grande amor.

Da pequena bailarina de papel só restou a minúscula pedra azul da tiara, que antes brilhava em seus longos cabelos negros.





O PATINHO FEIO

Hans Christian Andersen

A mamãe pata tinha escolhido um lugar ideal para fazer seu ninho: um cantinho bem protegido no meio da folhagem, perto do rio que contornava o velho castelo. Mais adiante estendiam-se o bosque e um lindo jardim florido.

Naquele lugar sossegado, a pata agora aquecia pacientemente seus ovos. Por fim, após a longa espera, os ovos se abriram um após o outro, e das cascas rompidas surgiram, engraçadinhos e miúdos, os patinhos amarelos que, imediatamente, saltaram do ninho.

Porém um dos ovos ainda não se abriu; era um ovo grande, e a pata pensou que não o chocara o suficiente. Impaciente, deu umas bicadas no ovão e ele começou a se romper.

No entanto, em vez de um patinho amarelinho, saiu uma ave cinzenta e desajeitada. Nem parecia um patinho.

Para ter certeza de que o recém-nascido era um patinho, e não outra ave, a mãe-pata foi com ele até o rio e o obrigou a mergulhar junto com os outros.

Quando viu que ele nadava com naturalidade e satisfação, suspirou aliviada. Era só um patinho muito, muito feio. Tranquilizada, levou sua numerosa família para conhecer os outros animais que viviam nos jardins do castelo.

Todos parabenizaram a pata: a sua ninhada era realmente bonita. Exceto um. O horroroso e desajeitado das penas cinzentas!

— É grande e sem graça! — falou o peru.

— Tem um ar abobalhado — comentaram as galinhas.

O porquinho nada disse, mas grunhiu com ar de desaprovação.

Nos dias que se seguiram, as coisas pioraram. Todos os bichos, inclusive os patinhos, perseguiram a criaturinha feia. A pata, que no princípio defendia aquela sua estranha cria, agora também sentia vergonha e não queria tê-lo em sua companhia.

O pobre patinho crescia só, malcuidado e desprezado. Sofria. As galinhas o bicavam a todo o instante, os perus o perseguiram com ar ameaçador e até a empregada, que diariamente levava comida aos bichos, só pensava em enxotá-lo.

Um dia, desesperado, o patinho feio fugiu. Queria ficar longe de todos que o perseguiram.

Caminhou, caminhou e chegou perto de um grande brejo, onde viviam alguns marrecos. Foi recebido com indiferença: ninguém ligou para ele. Mas não foi maltratado nem ridicularizado; para ele, que até agora só sofrera, isso já era o suficiente.

Infelizmente, a fase tranquila não durou muito. Numa certa madrugada, a quietude do brejo foi interrompida por um tumulto e vários disparos: tinham chegado os caçadores!

Muitos marrequinhos perderam a vida. Por um milagre, o patinho feio conseguiu se salvar, escondendo-se no meio da mata.

Depois disso, o brejo já não oferecia segurança; por isso, assim que cessaram os disparos, o patinho fugiu de lá.

Novamente caminhou, caminhou, procurando um lugar onde não sofresse.

Ao entardecer, chegou a uma cabana.

A porta estava entreaberta, e ele conseguiu entrar sem ser notado. Lá dentro, cansado e tremendo de frio, encolheu-se num cantinho e logo dormiu.

Na cabana morava uma velha, em companhia de um gato, especialista em caçar ratos, e de uma galinha, que todos os dias botava o seu ovo. Na manhã seguinte, quando a dona da cabana viu o patinho dormindo no canto, ficou toda contente.

— Talvez seja uma patinha. Se for, cedo ou tarde botará ovos, e eu poderei preparar cremes, pudins e tortas, pois terei mais ovos. Estou com muita sorte!

Mas o tempo passava, e nenhum ovo aparecia. A velha começou a perder a paciência. A galinha e o gato, que desde o começo não viam com bons olhos o recém-chegado, foram ficando agressivos e briguentos.

Mais uma vez, o coitadinho preferiu deixar a segurança da cabana e se aventurar pelo mundo. Caminhou, caminhou e achou um lugar tranquilo perto de uma lagoa, onde parou.

Enquanto durou a boa estação, o verão, as coisas não foram muito mal. O patinho passava boa parte do tempo dentro da água e lá mesmo encontrava alimento suficiente.

Mas chegou o outono. As folhas começaram a cair, bailando no ar e pou-sando no chão, formando um grande tapete amarelo. O céu se cobriu de nuvens ameaçadoras e o vento esfriava cada vez mais. Sozinho, triste e esfomeado, o patinho pensava, preocupado, no inverno que se aproximava.

Num final de tarde, viu surgir entre os arbustos um bando de grandes e lindíssimas aves. Tinham as plumas alvas, as asas grandes e um longo pes-coço, delicado e sinuoso: eram cisnes, emigrando na direção de regiões quen-tes. Lançando estranhos sons, bateram as asas e levantaram voo, bem alto.

O patinho ficou encantado, olhando a revoada, até que ela desapareces-se no horizonte. Sentiu uma grande tristeza, como se tivesse perdido amigos muito queridos.

Com o coração apertado, lançou-se na lagoa e nadou durante longo tempo. Não conseguia tirar o pensamento daquelas maravilhosas criaturas, gra-ciosas e elegantes. Foi se sentindo mais feio, mais sozinho e mais infeliz do que nunca.

Naquele ano, o inverno chegou cedo e foi muito rigoroso. O patinho feio precisava nadar ininterruptamente, para que a água não congelasse em volta de seu corpo, criando uma armadilha mortal. Mas era uma luta contínua e



Com um leve toque das asas, abaixou-se até o pequeno lago e pousou tranquilamente na água.

— Podem matar-me, se quiserem — disse, resignado, o infeliz.

E abaixou a cabeça, aguardando a morte. Ao fazer isso, viu a própria imagem refletida na água, e seu coração entristecido deu um pulso. O que via não era a criatura desengonçada, cinzenta e sem graça de outrora. Enxergava as penas brancas, as grandes asas e um pescoço longo e sinuoso. Ele era um cisne! Um cisne, como as aves que tanto admirava.

— Bem-vindo entre nós! — disseram-lhe os três cisnes, curvando os pescoços, em sinal de saudação.

Aquele que num tempo distante tinha sido um patinho feio, humilhado, desprezado e atormentado sentia-se agora tão feliz que se perguntava se não era um sonho! Mas não! Não estava sonhando. Nadava em companhia de outros, com o coração cheio de felicidade.

Mais tarde, chegaram ao jardim três meninos, para dar comida aos cisnes. O menorzinho disse, surpreso:

— Tem um cisne novo! E é o mais belo de todos! E correu para chamar os pais.

— É mesmo uma esplêndida criatura! — disseram os pais.

E jogaram pedacinhos de biscoito e de bolo. Tímido diante de tantos elogios, o cisne escondeu a cabeça embaixo da asa.

Talvez um outro, em seu lugar, tivesse ficado envaidecido. Mas não ele. Seu coração era muito bom, e ele sofrera muito antes de alcançar a sonhada felicidade.





O ROUXINOL DO IMPERADOR

Hans Christian Andersen

O palácio do imperador da China era uma das coisas mais bonitas que existiam no mundo. Construído em mármore branco, possuía torres de marfim, paredes revestidas com tecidos de cores variadas e quartos decorados com ouro e prata. Era realmente uma maravilha!

O jardim também era de enorme beleza; nele cresciam flores raras e belas. Havia inúmeros rios e lagos, onde nadavam peixes de todas as espécies e tamanhos.

Para além do jardim, estendia-se uma mata, que chegava até o mar. No interior dessa mata, vivia um rouxinol de canto único. De sua pequenina garganta saíam melodias tão emocionantes que faziam chorar quem as escutasse.

Turistas do mundo todo iam admirar o palácio do imperador chinês e ficavam maravilhados diante de tanta beleza. Mas quando ouviam o canto do rouxinol, todos admitiam que aquilo, sim, era a coisa mais bonita e rara do grande império.

Entre os visitantes havia escritores que, ao retornarem a suas pátrias, escreviam livros a respeito do prodigioso pássaro que vivia no centro da mata, próximo ao palácio imperial. E dedicavam a ele os maiores elogios, muito mais do que à maravilhosa casa do imperador chinês.

Um dia, um daqueles livros chegou às mãos do imperador. Depois de lê-lo, o soberano ficou, ao mesmo tempo, surpreso e enfurecido. Mandou logo chamar o primeiro-ministro.

— Incrível! No bosque que faz divisa com os jardins imperiais vive um rouxinol cujo canto é incomparável, e eu o desconheço! Tive de ler um livro estrangeiro para aprender que a maior maravilha de meu país é um pássaro de voz de ouro, e não este meu soberbo palácio! Diga-me, por que não fui informado?

— Eu também ignorava o fato, meu senhor — respondeu o primeiro-ministro, assustado com a ira do imperador. — Mas vou descobri-lo.

— E que seja muito breve. Nesta noite mesmo o rouxinol deverá cantar somente para mim.

O primeiro-ministro iniciou as buscas. Interrogou príncipes e nobres, guardas e cavaleiros. Ninguém sabia da existência de tal ave. Sem nada descobrir, o primeiro-ministro voltou ao imperador:

— Meu senhor, não se consegue encontrar o rouxinol. Talvez não exista, talvez seja apenas invenção do autor do livro.

Mas o imperador não quis explicações. Exigia o prodigioso rouxinol! Ou naquela noite o rouxinol cantava para a corte, ou o primeiro-ministro seria punido.

O pobre homem recomeçou a percorrer ruas e praças, perguntando a todos sobre o tal pássaro.

Por fim, encontrou na cozinha imperial uma serviçal que comentou:
— O rouxinol... Conheço-o, sim. Às vezes, à noite, paro no bosque para ouvir seu canto maravilhoso. Tem uma voz tão bela e harmoniosa que chego a chorar de emoção.

— Poderia me ajudar a procurá-lo?

— Claro que sim, Excelência.

Imediatamente, ele mandou organizar uma comitiva de cavaleiros e cortesãos para, sob orientação da serviçal, ir procurar o rouxinol na mata.

Estavam andando já há algum tempo, quando ouviram um mugido. Os cavaleiros pararam, curiosos.

— Deve ser o rouxinol cantando. Que voz agradável!

— Esse foi o mugido de uma vaca — riu a mulher. — O rouxinol vive mais longe.

Após longa caminhada, a serviçal parou em frente a uma árvore e mostrou uma ave minúscula, de plumas acastanhadas, que saltitava entre os galhos.

— Ali está, aquele é o rouxinol, o pássaro de canto comovente.

O primeiro-ministro e seu séquito ficaram desapontados com o aspecto modesto do rouxinol. Nem de longe sua aparência era comparável à beleza do palácio. Porém, quando escutaram sua voz, todos ficaram encantados. E convidaram-no para ir à corte.

O rouxinol aceitou o convite.

Foram feitos grandes preparativos para sua chegada: flores por toda a parte, assoalhos encerados e brilhantes, e uma gaiola toda de ouro, no meio da sala do trono, para o pequeno e ilustre cantor. Sentado no trono, o imperador aguardava com impaciência o momento em que escutaria as maravilhosas melodias que todos comentavam.

Assim que chegou, o rouxinol pousou sobre a gaiola, olhou com respeito o ilustre anfitrião — o imperador da China — e começou a cantar. Seu canto era tão comovente que o imperador chorou, emocionado. Terminado o concerto, ele disse para o rouxinol:

— Fique comigo para sempre, para minha felicidade. Em troca, terá tudo que pedir, tudo que mais o agradar! Tudo que quiser.

— Majestade — respondeu o passarinho. — Enquanto eu cantava, vi lágrimas em seus olhos. Isto, para mim, é a recompensa maior, não peço mais nada. Se Vossa Majestade assim o deseja, estou pronto para abandonar a mata e alegrar sua vida com minha voz, sempre que quiser.

E assim, o rouxinol ficou no palácio, abrigado na gaiola de ouro pendurada nos aposentos do imperador.

Cantava frequentemente para seu amo e uma vez por dia dava um passeio no jardim — mas preso pela patinha a um fio de seda conduzido pelo primeiro-ministro.





Um dia, o imperador da China recebeu um presente de seu amigo, o imperador do Japão: um maravilhoso rouxinol mecânico, todo de ouro. Suas asas eram enfeitadas com diamantes, a cauda exibia safiras e os olhos, rubis.

Bastava girar uma pequena chave e o rouxinol mecânico cantava uma linda melodia. Porém, o rouxinol verdadeiro cantava com o coração e o outro, com molas e cilindros de aço.

As duas vozes não combinavam, e o imperador se aborreceu:

— Que o rouxinol mecânico cante sozinho! — ordenou.

Trinta vezes em seguida o belo brinquedo repetiu a mesma melodia sem mudar uma nota sequer, entre aplausos e elogios da corte que o ouvia.

Na trigésima primeira apresentação, o imperador disse que já era o bastante.

— E agora, que cante o rouxinol verdadeiro! — ordenou.

Mas o passarinho não foi encontrado. Aproveitando-se do descuido geral, tinha voado pela janela aberta em direção à mata, onde sempre vivera em total liberdade. Mas o imperador não ficou triste, pois afinal estava satisfeito com o rouxinol mecânico.

Para que todos os súditos admirassem seu rouxinol, permitiu um espetáculo público. Muitos se deslumbraram. Mas quem já ouvira a voz do rouxinol verdadeiro, na mata, não se convenceu:

— Há enorme diferença entre os dois...

Não importava a opinião dos outros. O imperador, a cada dia que passava, ficava mais animado com aquele extraordinário brinquedo. O aparelhinho repousava em uma almofada de seda, ao lado da cama do soberano, que a cada momento lhe dava corda, contente com aquele canto sempre igual.

Certa noite, o delicado mecanismo se rompeu, produzindo um ruído estranho. O imperador mandou chamar um experiente relojoeiro, que encontrou uma mola quebrada e trocou-a.

Mas avisou ao imperador que o mecanismo já estava bem gasto, e que o rouxinol mecânico só poderia cantar uma vez por ano, para evitar que quebrasse definitivamente.

O imperador ficou muito triste com isso, mas foi obrigado a seguir o conselho do relojoeiro.

Passaram-se os anos, e um dia o imperador adoeceu gravemente. Repousava entre seus lençóis de cetim e as cobertas de seda bordadas, mas, apesar de tanto luxo, estava só.

Nobres e ministros discutiam a sucessão ao trono, médicos pesquisavam novos remédios para receitar ao ilustre doente, a criadagem dormia. Ninguém fazia companhia ao enfermo.

Em certo momento, o imperador abriu os olhos e viu a Morte sentada a seu lado, em seu assustador manto negro, encarando-o silenciosamente.

Entendeu que chegara sua hora, e então se virou para o rouxinol mecânico e sussurrou:

— Cante, suplico-lhe. Cante, quero escutar sua voz mais uma vez, antes de morrer.

Mas o rouxinol permaneceu calado. Não havia ninguém que lhe desse corda, e ele, sozinho, não podia cantar.

De repente, uma melodia muito doce, enternecedora ressoou nos aposentos. No parapeito da janela, estava o rouxinol verdadeiro. O passarinho soubera da morte inevitável do imperador e viera trazer-lhe seu consolo musical, ainda que sem ouro, brilhantes, safiras e rubis.

A Morte também se pôs a escutar aquele doce canto e, quando o rouxinol se calou, pediu para que continuasse. A música se espalhou pelo amplo aposento e, a cada nota, o imperador se sentia melhor. Enquanto isso, dona Morte foi se afastando devagar.

— Repouse, agora, Majestade — disse com carinho o rouxinol. — Amanhã acordará curado.

E ficou ali, com seus gorjeios, entoando uma suave canção de ninar.

No dia seguinte, ao despertar, o imperador se sentia bem e se levantou. O rouxinol ainda estava no parapeito da janela.

— Meu salvador! — disse-lhe o imperador. — Fui ingrato com você, ao preferir o rouxinol mecânico. Mas agora pretendo me desculpar. Vou destruir aquele tolo brinquedo, se quiser, mas peço-lhe que nunca mais me abandone.

— Não me peça isso — respondeu o rouxinol. — Vou ficar com muito gosto junto de Vossa Majestade, mas com a condição de não me prender mais na gaiola. Deixe-me livre, permita que eu viva nos bosques. Virei cantar sempre que quiser, e também lhe contarei tudo o que vejo no seu império. Assim, saberá das injustiças que devem ser punidas e das boas ações que merecem recompensa. Seu povo poderá ser bem mais feliz.

O imperador concordou, e o rouxinol foi embora. Mais tarde, na hora em que os cortesãos, médicos e empregados entraram no aposento do doente, temendo encontrá-lo morto, viram-no em pé, alegre, feliz e bem-disposto. E nunca souberam, nem sequer imaginaram, o motivo de tal prodígio.





AS ROUPAS NOVAS DO IMPERADOR

Hans Christian Andersen

Há muito, muito tempo, vivia em um reino distante um imperador vaidossíssimo.

Seu único interesse eram as roupas. Pensava apenas em trocar de roupas, várias vezes ao dia; desfilava vestes belíssimas, luxuosas e muito caras para a corte.

Um belo dia, chegaram à capital do reino dois pilantras, muito habilidosos em viver à custa do próximo.

Assim que os dois souberam da fraqueza do imperador por belas roupas, espalharam a notícia de que eles eram especialistas em tecer um pano único no mundo, de cores e padrões deslumbrantes. E o mais impressionante, segundo eles: as roupas confeccionadas com aquele tecido tinham o poder de ser invisíveis para as pessoas tolas ou que ocupassem um cargo sem merecê-lo.

O imperador logo se entusiasmou com a ideia de ter roupas não só bonitas, mas também úteis para desmascarar os bobos e os que não mereciam cargos na corte. E tratou de mandar chamar tão habilidosos tecelões.

— Ponham-se logo a meu serviço. Quero uma roupa sob medida, a mais linda que já tenham feito.

— Majestade, necessitamos de uma sala, de um tear, de fios de seda e de ouro e, principalmente, de que ninguém nos incomode.

Foram logo atendidos. Uma hora depois estavam diante do tear, fingindo tecer sem parar. E assim continuaram por muitos dias, pedindo cada vez mais seda, mais ouro... e mais dinheiro, é claro!

O imperador estava curioso e um dia resolveu enviar seu velho primeiro-ministro para inspecionar a obra dos tecelões.

“É ele um ministro sábio e fiel”, pensou o rei. “Com certeza, conseguirá ver esse tecido tão extraordinário e nada me esconderá.”

Mas, quando o velho ministro chegou em frente ao tear, nada viu. Preocupou-se. Ficou em dúvida.

— Mas isso não significa que eu não seja digno do cargo que ocupo — disse a si mesmo, aflito.

Aos tecelões, porém, que lhe perguntavam com insistência se o padrão do tecido era de seu agrado, se as cores se harmonizavam, ele respondeu entusiasmado:

— Mas claro! É magnífico. Nunca vi coisa igual.

O ministro levou ao conhecimento do imperador os progressos da confecção e, por precaução, elogiou o extraordinário bom gosto dos dois profissionais. Por nada neste mundo admitiria ter olhado para um tear vazio.

Na cidade já não se falava em outra coisa, senão da nova roupa do imperador e de seus poderes mágicos. Dizia-se que custaria uma fortuna, mas que bem valia o preço: poderia desmascarar ministros e secretários!

Na corte, em compensação, muitos impostores e aproveitadores do cofre do reino não dormiam tranquilos e aguardavam com temor o momento em que o imperador iria, enfim, vestir a tão famosa e denunciadora roupa.

Transcorreram mais cinco ou seis dias, e o imperador, que não aguentava mais esperar, resolveu ir em pessoa visitar os tecelões.

Com uma comitiva de guardas e escudeiros, e acompanhado por seu fiel primeiro-ministro, que tremia de medo, foi ver o trabalho dos dois impostores, sendo recebido com enorme solenidade e muitas explicações.

— Nunca teríamos ousado esperar tanto, Majestade. Sua visita e sua satisfação são o maior reconhecimento ao nosso trabalho... Aprovando Vossa Majestade nosso humilde trabalho, ficaremos extremamente lisonjeados. Será muita honra.

Após tanta bajulação, o imperador e sua comitiva foram conduzidos à sala do tear.

— Majestade, observe a extraordinária beleza e perfeição do desenho — disse o velho ministro com voz trêmula.

O imperador permanecia calado: estava assombrado! Ele não via nada, apenas o tear vazio, totalmente vazio! Isto queria dizer que era um bobo ou não era digno de ser imperador.

“Coitado de mim!”, pensou. “Nada poderia ser pior, tenho que dar um jeito para não descobrirem a verdade.”

Resolveu reagir e afastar o perigo de um possível desmascaramento. Aproximou-se do tear, segurando seu monóculo, fingindo admirar o tecido invisível.

— Hein?... Sim, é claro... É realmente uma beleza. Um trabalho e tanto. E a comitiva toda fez um coro de elogios e mais elogios.

Nenhum membro do séquito iria confessar não estar vendo nada de nada, pois ninguém queria passar por tonto, ou ser considerado indigno do cargo que ocupava.

Os espertos tecelões sorriam, satisfeitos. O temor dos poderosos representava mais seda, mais ouro e mais dinheiro.

— Vossa Majestade, então, aprova o nosso trabalho? — perguntaram eles, com malícia e ironia.

O imperador disse que estava satisfeito e, para demonstrar seu reconhecimento, presenteou os dois pilantras com um saco cheio de ouro.

Mas continuava preocupado e perplexo. Seria indigna sua realeza? Seria ele um incompetente?

— Majestade — falou o primeiro-ministro. — Por que com esse tecido não manda confeccionar uma roupa especial para o torneio do próximo domingo?





— Sim, sim, claro — resmungou o imperador. — Estou mesmo querendo uma roupa nova para o torneio.

Foi dada nova incumbência aos tecelões, que pegaram a fita métrica e tiraram as medidas do rei, fingindo entender do ofício.

— A cauda, Majestade, deverá ser muito longa?

— Claro que sim, muito comprida. Arrastando-se por metros atrás de mim.

— E o laço? Prefere de veludo ou de cetim?

— Podem sugerir, confio no gosto de vocês.

O imperador voltou ao palácio transtornado, e os dois impostores continuaram a trabalhar na frente do tear vazio. Nem sequer pararam durante a noite. Empenhados na farsa, trabalhavam à luz de vela.

Alguém que, por curiosidade, foi espiar por uma fresta da porta, viu-os atarefados, cortando o ar com uma grande tesoura e costurando com uma agulha sem linha.

Dois dias depois, na manhã do domingo, os tecelões se apresentaram na corte, levando a roupa para o torneio. Mantinham os braços levantados, como se estivessem segurando algo muito delicado e volumoso. Ninguém via nada — pois nada havia para ser visto —, mas ninguém, também, ousou confessar. Quem assumiria ser tolo ou incompetente?

Os dois charlatões correram ao encontro do imperador, assim que este apareceu na porta do salão.

— Vossa Majestade gostaria de vestir suas roupas novas agora? — perguntou, irônico, o primeiro.

O imperador disse que queria vesti-las logo. Foi para a frente de um grande espelho e tirou as roupas que vestia. Os tecelões fingiram entregar ao imperador primeiro a túnica, depois a calça e, enfim, a capa com sua longa cauda.

O imperador, meio despido, sentia muito frio. Até espirrou, mas não podia nem pensar em perguntar se continuava em trajes íntimos.

— Não é um pouco leve demais este tecido? — arriscou.

— Majestade, a leveza é uma de suas qualidades mais apreciadas. Nem uma aranha poderia tecer uma tela tão impalpável, apesar de termos empregado muitos fios de ouro.

E o imperador se convenceu de que estava vestindo uma roupa fabulosa, embora o espelho refletisse apenas a imagem de um homem de cueca e camiseta.

Em volta dele, os cortesãos se desmanchavam em elogios à nova roupa. Finalmente, a toailete terminou: tomara banho, perfumara-se, penteara-se e vestira a tão falada roupa.

No pátio do palácio já estavam a postos quatro soldados em trajes de gala, segurando um dossel sob o qual o imperador se protegeria até a praça dos torneios.

— Vossa Majestade está pronto? A roupa é do seu agrado?

— perguntou um dos charlatões.

— Não deseja mais nenhuma mudança? — perguntou o outro trapaceiro.

O imperador deu mais uma olhada no espelho, perplexo e desconfiado, e respondeu:

— Claro. Podemos ir.

Os criados de quarto ficaram fingindo recolher do chão a cauda do manto real, os soldados seguraram bem alto o dossel, e o cortejo começou a caminhar.

Ao longo das ruas uma multidão estava à espera do cortejo, a fim de admirar as fabulosas roupas do imperador. Nas janelas e nas sacadas, os curiosos se espremiavam, e os comentários eram intermináveis.

— É a roupa mais linda de todo o guarda-roupa imperial.

— Que luxo, que elegância!

Naturalmente, ninguém via a roupa tão comentada, mas não iria confessar isso, pois correria o risco de passar por bobo ou incompetente.

O cortejo já tinha atravessado meia cidade, chegando próximo à praça dos torneios.

De repente, um menininho que conseguira um lugar bem na frente, gritou, desapontado:

— O imperador não está vestido. Como é ridículo, assim quase pelado! Cadê as roupas novas?

Muitos o escutaram, alguém repetiu o comentário.

— Um garotinho está gritando que o imperador está sem roupas...

— Oh! É a voz da inocência! Criança diz tudo que vê.

As palavras, primeiro murmuradas, aumentaram de volume e agora eram ditas aos brados pela gente do povo, que ria até não poder mais.

O imperador escutou e ficou corado como um tomate, pois a cada passo que dava se convencera de que aquela gente tinha razão: ele tinha sido redondamente enganado e, na verdade, a tão elogiada roupa não existia. Mas e agora? Faria o quê?

Continuou a caminhar, todo orgulhoso, como se nada de estranho ocorresse, acompanhado pelas gargalhadas cada vez mais intensas de seus súditos.

Os dois charlatões nunca mais foram vistos. Fugiram com todo o ouro, e o imperador aprendeu que a vaidade era a pior inimiga do reino.





JOÃOZINHO-SEM-MEDO

Ítalo Calvino

Era uma vez um menino chamado Joãozinho-sem-medo, pois não tinha medo de nada. Andando pelo mundo, pediu abrigo em uma hospedaria.

— Aqui não tem lugar — disse o dono. — Mas se você não tem medo, posso mandá-lo para um palácio.

— Por que eu sentiria medo?

— Porque ali todo mundo sente. Ninguém saiu de lá, a não ser morto. De manhã, a Companhia leva o caixão para carregar quem teve a coragem de passar a noite lá.

Imaginem Joãozinho! Levou um candeeiro, uma garrafa, uma linguixa, e lá se foi.

À meia-noite, estava comendo sentado à mesa quando ouviu uma voz saindo da chaminé:

— Jogo?

E Joãozinho respondeu:

— Jogue logo!

Da chaminé desceu uma perna de homem. Joãozinho bebeu um copo de vinho.

Depois a voz tornou a perguntar:

— Jogo?

E Joãozinho:

— Jogue logo!

E desceu outra perna de homem. Joãozinho mordeu a linguixa. De novo:

— Jogo?

— Jogue logo!

E desceu um braço. Joãozinho começou a assobiar.

— Jogo?

— Jogue logo!

Outro braço.

— Jogo?

— Jogue!

E caiu um corpo, que se colou nas pernas e nos braços, ficando em pé um homem sem cabeça.

— Jogo?

— Jogue!

Caiu a cabeça e pulou em cima do corpo. Era um homenzarrão gigantesco, e Joãozinho levantou o copo dizendo:

— À saúde!

O homenzarrão disse:

— Pegue o candeeiro e venha.

Joãozinho pegou o candeeiro, mas não se mexeu.
 — Passe na frente! — disse Joãozinho.
 — Você! — disse o homem.
 — Você! — disse Joãozinho.

Então, o homem se adiantou e, de sala em sala, atravessou o palácio, com Joãozinho atrás, iluminando o caminho. Embaixo de uma escadaria havia uma portinhola.
 — Abra! — disse o homem a Joãozinho.
 E Joãozinho:
 — Abra você!
 E o homem abriu com um empurrão. Havia uma escada em caracol.
 — Desça — disse o homem.
 — Primeiro você — disse Joãozinho.
 Desceram a um subterrâneo, e o homem indicou uma laje no chão.
 — Levante!
 — Levante você! — disse Joãozinho. E o homem a ergueu como se fosse uma pedrinha.
 Embaixo da laje havia três tigelas cheias de moedas de ouro.
 — Leve para cima! — disse o homem.
 — Leve para cima você! — disse Joãozinho. E o homem levou uma de cada vez para cima.
 Quando foram de novo para a sala da chaminé, o homem disse:
 — Joãozinho, quebrou-se o encanto!
 E arrancou-se uma perna, que saiu esperneando pela chaminé.
 — Destas tigelas, uma é sua.
 Arrancou-se um braço, que trepou pela chaminé.
 — Outra é para a Companhia, que virá buscá-lo pensando que está morto.
 Arrancou-se também o outro braço, que acompanhou o primeiro.
 — A terceira é para o primeiro pobre que passar.
 Arrancou-se outra perna e ele ficou sentado no chão.
 — Pode ficar com o palácio também.
 Arrancou-se o corpo e ficou só a cabeça no chão.
 — Porque se perdeu para sempre a estirpe dos proprietários deste palácio.
 E a cabeça se ergueu e subiu pelo buraco da chaminé.
 Assim que o céu clareou, ouviu-se um canto:
 — *Miserere mei, miserere mei.*
 Era a Companhia com o caixão, que vinha recolher Joãozinho morto. E o virem na janela, fumando cachimbo.
 Joãozinho-sem-medo ficou rico com aquelas moedas de ouro e morou feliz no palácio. Até um dia em que, ao se virar, viu sua sombra e levou um susto tão grande que morreu.



No dia seguinte, bem cedinho, lá se foi Ali Babá com seus cestos vazios, disposto a enchê-los de tâmaras e damascos.

Estava no alto de uma tamareira quando ouviu um rumoroso tropel de cavalos. “Muito estranho esse barulho de patas de cavalos”, refletiu. “Sempre vejo passarem camelos por aqui.” O ruído, cada vez mais forte, indicava que os cavaleiros estavam se aproximando.

Ali Babá continuava curioso. “Quem será que vem chegando? Parecem muitos... E para onde será que vão? Entrar no deserto a cavalo é impossível! Esses animais não aguentariam o calor.”

Não demorou muito, Ali Babá avistou os cavaleiros. Eram, de fato, muitos. Do alto da tamareira, o bom homem contou exatamente quarenta.

“Puxa! Eles parecem estar com pressa... E estão bem carregados. Todos os cavalos levam arcas, cofres e sacos... Devem ser mercadores da cidade. Bem, vou tratar do meu trabalho, pois o dia passa depressa.”

Mais ou menos uma hora depois, os homens voltaram com seus cavalos ruidosos.

Ali Babá, que arrumava seus cestos, tratou de se esconder, com medo de que o vissem. Afinal, não conhecia aqueles homens, nem sabia exatamente o que faziam.

“Lá vão eles. Não são mesmo homens do deserto. Estão voltando para o lado da cidade. O mais curioso é que já descarregaram os cavalos. Onde terá ficado toda aquela bagagem?”

Os cavaleiros logo sumiram por entre a mata, pois os cavalos, agora aliviados da carga, corriam muito mais.

O dia passou. Ali Babá, contente com seus cestos de frutas, foi para casa descansar.

— Pai, consegui vender todas as tâmaras no bazar. Pena que Ben, Omar e Hassan não foram comigo. Teríamos nos espalhado por lá, cada um com um cesto, e vendido as frutas mais depressa.

— Então, amanhã vão os quatro. Hoje eu trouxe muito mais do que ontem. Vejam se conseguem vender tudo. Enquanto forem ao bazar, irei outra vez para a floresta e pegarei mais frutas.

— Está bem, papai.

Na manhã seguinte, lá se foi novamente Ali Babá. Que calor fazia! Ele nem se lembrava mais dos homens a cavalo que vira na véspera. Tanto se esquecera que nem comentara o fato com Samira.

Ali Babá começou logo a apanhar suas frutas. Por volta do meio-dia, já cansado, sentou-se à sombra de uma palmeira, para comer o lanche.

De repente, ouviu ao longe o mesmo barulho da véspera. Apurou o ouvido e teve certeza: eram cavalos que se aproximavam. Seriam os mesmos homens do dia anterior? Se fossem, estavam passando um pouco mais tarde.





Quando Ali Babá percebeu que o tropel estava próximo, subiu rapidamente na palmeira e constatou: eram os mesmos quarenta homens. Para onde iriam?

“Hoje vou atrás deles. Quero ver para onde vão. Não devem ir muito longe daqui... Estão carregados outra vez.”

Ali Babá teve sorte. Enquanto descia da palmeira para tomar a estrada e seguir o rastro dos cavalos, o chefe dos cavaleiros resolveu parar, para os animais beberem água. Quando Ali Babá chegou, os homens estavam começando a se levantar para continuar o caminho.

“Agora posso vê-los de perto”, pensou Ali Babá. “Que gente esquisita... São tão mal-encarados... E todos armados com facas e cimitarras...”

— Vamos, vamos! Chega de folga! Temos de descarregar tudo isso que roubamos hoje e voltar logo para a cidade. Amanhã é outro dia! — disse o chefe.

“Por Alá! Eles são ladrões!”, concluiu Ali Babá. “Que perigo! Se me descobrirem, certamente me matarão. Estão armados até os dentes! Mas, agora que já estou aqui, vou continuar atrás deles. Quero ver para onde vão.”

Refeitos, os cavalos puseram-se a galopar, Ali Babá teve de correr muito, para não perdê-los de vista. Conseguiu chegar ao lugar em que haviam parado e viu que somente o chefe descera do cavalo.

Era uma clareira na floresta, no fundo da qual havia uma pedreira, não muito alta.

Os trinta e nove ladrões continuavam montados, dispostos em semicírculo, voltados de frente para a pedreira. O chefe, em pé, segurando as rédeas do cavalo, ficou bem no meio. Com ar solene, deu uma ordem:

— Abre-te, Sésamo!

Ali Babá não conseguia entender o que estava acontecendo. Por que os ladrões estavam ali, num lugar deserto, onde não havia nada e ninguém? Por que ficavam dispostos daquela maneira? E que significado tinha aquela frase que o chefe falara?

Ele esperou apenas alguns segundos para obter as respostas a todas essas perguntas. Logo depois da ordem dada pelo chefe, uma grande rocha da pedreira se moveu, abrindo a entrada de uma gruta. Os quarenta ladrões entraram em fila e, atrás do último, a pedreira se fechou.

“Não acredito no que estou vendo... Agora compreendo tudo! Eles devem guardar os objetos roubados dentro dessa gruta que se abre e se fecha. Por isso, ontem, os cavalos voltaram descarregados. Vou ficar escondido atrás desta árvore. Eles terão de sair daí de dentro, pois acho que voltarão à cidade”, decidiu Ali Babá.

E esperou, esperou, esperou, até que ouviu o barulho da pedra se movendo.

“Aí vem eles!”, agitou-se Ali Babá. “Já devem estar de saída. Vou prestar atenção para ver como fazem para fechar a entrada da gruta.”

Os ladrões saíram em fila. Dessa vez, o último foi o chefe.

— Bem, já estão todos prontos? Então, vamos!

E, voltando-se para a grande pedra, falou:

— Fecha-te, Sésamo!

A pedra rolou direitinho, fechando a entrada do esconderijo. Os ladrões pegaram a mesma picada e, rapidamente, com seus cavalos a galope, desapareceram entre as árvores da floresta.

Ali Babá esperou assentar a poeira levantada pelos animais e saiu de trás da árvore.

“Agora, vou entrar lá. Direi as mesmas palavras do chefe dos ladrões. Sésamo deve ser o nome dessa pedreira. Será que ela me obedecerá, ou será que só atende às ordens dele? Bem, vou experimentar. Vamos ver o que acontece!”

Colocando-se na mesma posição do ladrão, arriscou:

— Abre-te, Sésamo!

A grande pedra rolou, abrindo a entrada da gruta. Ali Babá entrou imediatamente e ficou maravilhado com o tesouro que lá havia.

“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.

Quando já estava de saída, lembrou-se de que tinha, preso na cintura, o saquinho de pano, onde trouxera uns pedaços de pão para o almoço.

“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”

Depois, pensando na vida difícil da mulher e dos filhos, encheu seu saquinho com pesadas moedas de ouro e foi embora. Na saída, repetiu as palavras mágicas:

— Fecha-te, Sésamo!

Ali Babá voltou ao lugar onde estivera colhendo frutas, pegou os cestos e foi para casa. No caminho, pensava nas moedas. Que iria fazer com elas?

Onde poderia guardá-las? Quando nada possuía, não tinha medo de ser roubado. Agora, de posse das moedas, já começava a temer os assaltantes.

“Acho que vou conversar com meu irmão Ali Mansur. Ele é rico... Saberá me dizer o que posso fazer com as moedas...”

Ali Mansur, o único irmão de Ali Babá, era um rico comerciante de tapetes. Sua loja era a maior e a melhor da cidade. Mas Ali Mansur era um homem mesquinho e ambicioso. Quanto mais tinha, mais queria. E nunca ajudava o pobre irmão, nem seus filhos.

Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.





Ao ouvir a história da gruta que se abria, Ali Mansur pensou que o irmão estivesse brincando. Depois, como Ali Babá insistisse, começou a achar que ele estava com febre. Só acreditou em tudo aquilo quando o irmão lhe mostrou o saquinho com as moedas de ouro. Os olhos de Ali Mansur reluziam de cobiça, avaliando o peso de cada uma.

— Ali Babá, diga-me exatamente onde é esse lugar e o que se deve dizer para abrir e fechar a pedra. Amanhã vou até lá!

— Não, Mansur, não vá. É perigoso. Os ladrões podem aparecer a qualquer momento. Nunca mais ponho meus pés naquele lugar horrível. Já estou arrependido por ter tirado essas moedas. Dinheiro que não vem do trabalho não é honesto.

— Deixe de ser bobo, Ali Babá. Se não quiser as moedas, deixe-as comigo. Sei muito bem como e onde usá-las.

Ali Babá foi para casa. Naquela noite nem conseguiu dormir, tamanha era sua preocupação.

— Que aconteceu, Ali Babá? Por que está tão nervoso? — perguntou Samira, percebendo a apreensão do marido.

O bom homem contou tudo à mulher, inclusive a conversa que tivera com o irmão. Samira então lhe respondeu:

— Ora, meu marido, você não seria desonesto pegando um pouquinho daquela fortuna. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...

Na manhã seguinte, bem cedo, Ali Mansur saiu de sua rica casa, com dez mulas e vinte cestos, e tomou o caminho da pedreira. Lá chegando, ordenou que a gruta se abrisse e entrou.

“Que maravilha! Vou encher os vinte cestos com jóias, ouro, pedras e moedas. Amanhã virei buscar mais!”

Como Ali Mansur estava sozinho, demorou muito para carregar as mulas. Demorou tanto que os ladrões chegaram e...

— Fomos descobertos! A porta de Sésamo está aberta. Saquem as espadas! — gritou o chefe dos ladrões.

E eles não perdoaram o ambicioso homem, que foi morto com vários golpes.

Os ladrões descarregaram seus cavalos mas, como já era tarde, nem retiraram os cestos dos lombos das mulas de Ali Mansur, trancando-as dentro da pedreira.

Quando anoiteceu, a cunhada de Ali Babá foi à casa dele. Estava muito preocupada com o marido, que saía cedo e ainda não voltara.

— Amanhã vou procurá-lo, Salima, não se preocupe — disse Ali Babá, pois já sabia para onde seu irmão tinha ido.

No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico.

— Abre-te, Sésamo! — ordenou Ali Babá.

Dentro da pedreira, o bom homem chorou ao encontrar o irmão morto, todo ensanguentado. Vendo as mulas carregadas de riquezas, Ali Babá logo percebeu o que havia acontecido. Arrastou o corpo do irmão para fora, enterrou-o na floresta e voltou a Sésamo para pegar as mulas e entregá-las a Salima.

Estava começando a aliviá-las dos cestos cheios de riquezas quando se lembrou das palavras de sua mulher: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...”.

“Sou tão pobre...”, pensou. “Nem casa tenho. Meus filhos e minha mulher não têm roupas para se agasalhar. Há dias em que não temos o que comer... Acho que Alá me perdoaria, se eu levasse apenas dois destes cestos que meu irmão encheu...”

Assim pensando, Ali Babá saiu de Sésamo com dez mulas, dezoito cestos vazios e dois cheios. À tarde, quando os ladrões voltaram a pedreira, perceberam tudo.

— Alguém mais conhece nosso segredo, companheiros! — disse o chefe. — Estiveram aqui, levaram o homem morto, as mulas e ainda pegaram algumas das nossas jóias e moedas. Pois, a partir de hoje, fiquem de olho! Quero vingança! Logo vamos notar se alguém ficou rico de uma hora para outra. É muito fácil identificar os novos ricos...

Um mês depois, Ali Babá comprou uma casa na cidade, dois belos cavalos, pôs os filhos na escola e adquiriu móveis, roupas e utensílios novos. Em sua casa não faltava mais comida e, uma vez por semana, ele distribuía pão e leite para os pobres.

Um dos ladrões, encarregado de fiscalizar a vida dos moradores daquele lado da cidade, percebeu a generosidade de Ali Babá e perguntou a um vizinho:

— De onde veio esse homem tão bom?

— Ah, chama-se Ali Babá. Era um pobre coitado que cuidava dos camelos das caravanas e vendia frutas no bazar. De repente, apareceu com moedas de ouro, colares de esmeraldas e pulseiras de rubi. Ele vendeu as jóias e comprou a casa, os cavalos, as roupas, tudo! Ninguém sabe onde arranjou tanta riqueza. Acho que ganhou de algum mercador, por ser muito honesto...

O ladrão correu para seu chefe e disse:

— Achei o homem! Chama-se Ali Babá ! Agora o senhor poderá se vingar.

No dia seguinte, o chefe dos ladrões se disfarçou de mercador, preparou vinte mulas, cada uma carregando dois enormes jarros de barro, e foi bater na casa de Ali Babá.

— Boa tarde, meu bom homem. Sou um mercador de azeite. Acabei de atravessar o deserto. Será que posso descansar um pouco em sua casa com minhas mulas?



— Sim, entre, por favor! — disse Ali Babá. — Deixe as mulas no pátio para tomarem água.

— Obrigado! Vou descarregá-las para que descansem até amanhã. Tenho de levar todo o azeite que está nestes quarenta jarros até a cidade de Bagdá, que é bem longe daqui.

— Amanhã o senhor pensará nisso. Agora, venha. Quero que tome um banho e jante com minha família, antes de dormir.

Ali Babá pediu para Samira preparar carne com azeitonas e salada com trigo para o visitante. Apresentou-lhe seus quatro filhos e ficaram conversando animadamente.

Na cozinha, Samira percebeu que não tinha mais azeite para temperar a salada.

— Anuar, venha cá! — chamou a mulher. — Vá comprar azeite.

— Mas, mãe, agora é tarde. Já está tudo fechado.

— Por Alá! E o que vou fazer? Com que vou temperar a salada para o mercador?

— Ora, mãe, ele não está carregando azeite naqueles jarros enormes? Pois é muito fácil: desça até o pátio e pegue um pouquinho.

— Bem, não há outro jeito. É o que vou fazer.

Samira desceu até o pátio de sua casa. As mulas já estavam todas recolhidas ao estábulo. Os quarenta jarros permaneciam no meio da área, iluminados por uma grande lua cheia.

Ao chegar perto de um deles, Samira ficou estupefata. Uma voz, vinda de dentro do jarro, perguntou:

— Já está na hora de matarmos Ali Babá e sua família?

Samira não sabia o que fazer. Se se afastasse bruscamente, poderia levantar suspeitas. Chegou então perto do outro jarro, esperando nova pergunta, mas nada!

Tudo ficou em silêncio. O segundo jarro estava mesmo cheio de azeite. Então, a conclusão de Samira foi rápida: ela sabia que os ladrões de Sésamo eram quarenta. Ora, em trinta e nove daqueles quarenta jarros enormes havia homens escondidos e apenas um deles continha azeite. E o visitante que estava dentro de sua casa era, sem dúvida, o chefe dos ladrões. Ele trouxera azeite num dos jarros porque, se alguém lhe pedisse, ele poderia provar que era um mercador.

Samira saiu de casa na mesma hora e foi chamar os guardas do palácio do sultão, que não ficava muito longe dali.

Depois, voltou depressa para casa, foi à cozinha e preparou um sonífero perfumado, à base de ervas do oásis. Em seguida, desceu novamente ao pátio e despejou um pouco do sonífero em cada um dos trinta e nove jarros.

Quando terminou, viu que os guardas já haviam chegado. Mandou-os en-



trar e ficar aguardando do lado de fora da sala, onde Ali Babá conversava com o chefe dos ladrões.

Esperou mais alguns minutos e, ao ter certeza de que todos os ladrões dormiam profundamente dentro dos jarros, entrou na sala e disse:

— Ali Babá ! Tenha cuidado! Este homem é o chefe dos ladrões de Sésamo!

— Mas... mas — balbuciou o marido, incrédulo.

— Sim, sou eu! — disse o ladrão. E, tirando um punhal da cintura, acrescentou:

— Agora, vocês vão morrer!

Nesse momento, os guardas entraram na sala, desarmaram e prenderam o homem.

Enquanto descia, já preso, o chefe dos ladrões viu todos os seus companheiros amarrados e amontoados no chão, dormindo que dava gosto.

Ali Babá e Samira foram ao palácio do sultão e contaram toda a história de Sésamo, pedindo a ele que distribuísse aquela riqueza aos pobres da cidade.

O sultão concordou com o casal, mas fez questão de dar a Ali Babá um terço de tudo que havia dentro da pedreira.

Assim, graças à bondade de Ali Babá e à inteligência de Samira, nunca mais houve pobres naquela cidade.

(Versão de Suely M. Brazão)





O BICHO MANJALÉU

Contos brasileiros

Uma vez existia um velho casado, que tinha três filhas muito bonitas; o velho era muito pobre e vivia de fazer gamelas para vender. Quando foi um dia, chegou à sua porta um moço muito formoso, montado num belo cavalo e lhe falou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que, se não lha vendesse, o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavaleiro, o pai da família não quis mais trabalhar nas game-las, por julgar que não o precisava mais, de então em diante; mas a mulher instou com ele para que não largasse o seu trabalho de costume, e ele obedeceu.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um outro moço, ainda mais bonito, montado num cavalo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar uma de suas filhas. O pai ficou incomodado; contou-lhe o que tinha sucedido no dia antecedente, e recusou-se ao negócio. O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quis continuar a fazer as gamelas e a mulher o aconselhou, até ele continuar. Pela tarde seguinte, apareceu outro cavaleiro ainda mais bonito, e melhor montado, e, pela mesma forma, carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A família cá ficou muito rica; depois apareceu a velha pejada e deu à luz a um filho, que foi criado com muito luxo e mimo.

Quando chegou o tempo de o menino ir para a escola, um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse:

— Ah! Tu cuidas que teu pai foi sempre rico!... Ele hoje está assim, por-que vendeu tuas irmãs!...

O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas quan-do foi moço, lá num dia se armou de um alfanje e foi ao pai e à mãe e lhes dis-se que lhe contassem a história de suas três irmãs, senão os matava. O pai lhe teve mão, e contou o que se tinha passado antes de ele nascer. O moço então pediu que queria sair pelo mundo para encontrar suas irmãs, e partiu. Chegando em um caminho, viu numa casa três irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Ele chegou e perguntou o que era aqui-lo, e para que prestavam aquelas coisas.

Os três irmãos responderam que àquela bota se dizia "Bota, me bota em tal parte!" e a bota botava; à carapuça se dizia: "Esconde-me, carapuça!" e ela escondia a pessoa que ninguém a via; e a chave *abria* qualquer porta.

O moço ofereceu bastante dinheiro pelos objetos, os irmãos aceitaram,



Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: “Aqui me fede a sangue real!” do que a rainha o dissuadia; até que ele tomou banho e se desencantou num belo moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe:

— Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?

— Tratava e venerava como a você mesma; e se está aí, apareça.

Foi a resposta do rei. O moço apareceu e foi muito considerado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar ali, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restava uma irmã a visitar.

Na despedida, o *rei dos carneiros* deu ao cunhado uma lâzinha, dizendo:

— Quando estiver em perigo, diga: “Valha-me o *rei dos carneiros*”.

Também disse, depois de saber a virtude da bota:

— Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela.

O moço foi reparando nisto e formou-se logo consigo o plano de ir vê-la. Saiu, e pela mesma forma foi à casa de sua irmã mais moça. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que os outros dois. O que lá sucedeu foi o mesmo do que nos palácios das suas irmãs mais velhas. Era o palácio do *rei dos pombos*, e este, na despedida, deu ao cunhado uma pena, com as palavras:

— Quando se vir nalgum perigo, diga: “Valha-me o *rei dos pombos*”.

Na despedida, sabendo o rei do préstimo da bota, mostrou também desejos de ir visitar a rainha de Castela.

Logo que o moço se viu longe do palácio, disse: “Bota, bota-me agora na terra da rainha de Castela”. Assim foi. Chegado lá, ele indagou e soube que “era uma princesa que o pai queria casar, e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palácio que não olhasse logo para cima para vê-la na janela; mas a princesa tinha dito ao rei que só casava com o homem que passasse sem levantar a vista”.

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distância sem olhar, e a princesa casou com ele.

Depois de casados, ela indagou pela significação daqueles objetos que seu marido sempre trazia consigo; ele tudo lhe contou, e a princesa prestou muita atenção ao prestígio da chave.

O rei, seu pai, tinha em palácio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era proibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléu, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia.

A moça tinha muita curiosidade de o ver e, aproveitando a saída do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo: “A ti mesmo é que eu queria!...” e fugiu com ela para as brenhas.

Quando voltaram, os caçadores deram por falta da princesa, e ficaram muito aflitos. O rei foi ao quarto do Manjaléu, e achou-o aberto e vazio, e o novo prínci-

pe conheceu a sua chave... Ao depois valeu-se de sua bota e foi ter aonde estava sua mulher. Esta, quando o viu, estando ausente o Manjaléu, ficou muito alegre, e quis ir-se embora com ele. Mas o marido o não consentiu, dizendo que ela ficasse para indagar do monstro onde estava a sua vida, para assim dar cabo dele.

O príncipe foi-se embora. Quando o Manjaléu voltou, conheceu que ali tinha estado *bicho homem*; a moça o dissuadiu, e quando ele se acalmou, ela lhe perguntou onde estava a sua vida. O monstro zangou-se muito, e disse:

— Ah! Tu queres saber de minha vida mais o teu marido, para darem cabo de mim!... Não te digo, não...

Passaram-se dias, sempre a moça instando. Afinal, ele foi amolar um alfanje, dizendo:

— Eu te digo onde está minha vida; mas se eu sentir qualquer incômodo, conheço que ela vai em perigo e, antes que me matem, mato a ti primeiro, queres?!

A princesa respondeu que sim. O Manjaléu amolou o alfanje, e disse-lhe:

— Minha vida está no mar; dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar, eu morro.

O bicho saiu e foi procurar frutas; chegou o príncipe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléu veio e deitou-se no colo da moça com o alfanje ali perto. O príncipe chegou com sua bota à praia do mar num instante; lá pegou na escama que tinha, e disse: “Valha-me o *rei dos peixes!*”. De repente uma multidão de peixes apareceu, indagando o que ele queria.

O príncipe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu:

— Neste instante dei uma encontroada nele.

Todos os peixes foram e botaram o caixão para fora. O príncipe o abriu e deu com a pedra; aí pegou na lãzinha e disse: “Valha-me o *rei dos carneiros!*”. De repente apareceram muitos carneiros e entraram a dar marradas na pedra.

O Manjaléu lá começou a sentir-se doente, e dizia:

— Minha vida, princesa, corre perigo!

E pegou no alfanje; a moça o foi dissuadindo e engambelando. Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O príncipe pegou na pena e disse: “Valha-me o *rei dos pombos!*”. Chegaram muitos pombos e correram atrás da pomba, até que a pegaram. O príncipe abriu-a e achou o ovo.

Quando estava nisto, lá o Manjaléu estava muito desfalecido, pegou no alfanje e ia dando um golpe na princesa. Foi quando cá o príncipe quebrou o ovo, e apagou a vela; aí o bicho caiu sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ela, e levou-a para o palácio, onde houve muitas festas.

(Versão de Sergipe, coletada por Silvio Romero)





O MACACO E O RABO (1)

Contos brasileiros

Um macaco uma vez pensou em fazer fortuna. Para isso foi-se colocar por onde tinha de passar um carreiro com seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as rodeiras do carro. O carreiro, vendo isso, disse:

— Macaco, tira teu rabo do caminho, eu quero passar.

— Não tiro! — respondeu o macaco.

O carreiro tangeu os bois, e o carro passou por cima do rabo do macaco, e cortou-o fora. O macaco, então, fez um barulho muito grande:

— Eu quero meu rabo, ou então dê-me uma navalha...

O carreiro lhe deu uma navalha, e o macaco saiu muito alegre a gritar:

— Perdi meu rabo! Ganhei uma navalha!... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!...

Seguiu. Chegando adiante, encontrou um negro velho, fazendo cestas e cortando os cipós com o dente.

O macaco:

— Oh, amigo velho, coitado de você! Ora, está cortando os cipós com o dente... tome esta navalha.

O negro aceitou, e quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar:

— Eu quero minha navalha, ou então me dê um cesto!

O negro velho lhe deu um cesto e ele saiu muito contente gritando:

— Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!

Seguiu. Chegando adiante, encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia.

— Ora, minha sinhá, fazendo pão e botando na saia! Aqui está um cesto.

A mulher aceitou, e, quando foi botando os pães dentro, caiu o fundo do cesto. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar:

— Eu quero o meu cesto, quero o meu cesto, senão me dê um pão!

A mulher deu-lhe o pão, e ele saiu muito contente a dizer:

— Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi meu cesto, ganhei um pão... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!

Seguiu. Chegando adiante, encontrou um violeiro. O violeiro estava com fome e o macaco lhe deu o pão. O violeiro comeu todo o pão e o macaco pôs-se a gritar: “Eu quero o meu pão, quero o meu pão, senão me dá a sua viola!”. O violeiro deu a viola para o macaco e dessa vez ele saiu cantando satisfeito: “Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi um cesto, ganhei um pão, perdi um pão ganhei uma viola... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!... Seguiu e, pelo tempo que passou, já deve ter chegado lá!

(Versão de Sergipe, coletada por Sílvia Romero)

O MACACO E O RABO (2)

Contos brasileiros

Uma ocasião achavam-se na beira da estrada um macaco e uma cutia e vinha passando na mesma estrada um carro de bois cantando. O macaco disse para a cutia:

— Tira o teu rabo da estrada, senão o carro passa e corta.

Embebido nesta conversa, não reparou o macaco que ele é que corria o maior risco, e veio o carro e passou em riba do rabo dele e cortou. Estava um gato escondido dentro de uma moita, saltou no pedaço do rabo do macaco e correu. Correu também o macaco atrás, pedindo o seu pedaço de rabo. O gato disse:

— Só te dou, se me deres leite.

— Onde tiro leite? — disse o macaco.

Respondeu o gato:

— Pede à vaca.

O macaco foi à vaca e disse:

— Vaca, dá-me leite para dar ao gato, para o gato dar-me o meu rabo.

— Não dou; só se me deres capim! — disse a vaca.

— Donde tiro capim?

— Pede à velha.

— Velha, dá-me capim, para eu dar à vaca, para a vaca dar-me leite, o leite para o gato me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres uns sapatos.

— Donde tiro sapatos?

— Pede ao sapateiro.





— Sapateiro, dá-me sapatos, para eu dar à velha, para a velha me dar capim, para eu dar à vaca, para a vaca me dar leite, para eu dar ao gato, para o gato me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres cerda.

— Onde tiro cerda?

— Pede ao porco.

— Porco, dá-me cerda, para eu dar ao sapateiro, para me dar sapatos, para eu dar à velha, para me dar capim, para eu dar à vaca, para me dar leite, para eu dar ao gato, para me dar o meu rabo.

— Não dou; só se me deres chuva.

— Onde tiro chuva?

— Pede às nuvens.

— Nuvens, dai-me chuva, para o porco, para dar-me cerda para o sapateiro, para dar-me sapatos para dar à velha, para me dar capim para dar à vaca, para dar-me leite para dar ao gato, para dar meu rabo...

— Não dou; só se me deres fogo.

— Onde tiro fogo?

— Pede às pedras.

— Pedras, dai-me fogo, para as nuvens, para a chuva para o porco, para cerda para o sapateiro, para sapatos para a velha, para capim para a vaca, para leite para o gato, para me dar meu rabo.

— Não dou; só se me deres rios.

— Onde tiro rios?

— Pede às fontes.

— Fontes, dai-me rios, os rios ser para as pedras, as pedras me dar fogo, o fogo ser para as nuvens, as nuvens me dar chuvas, as chuvas ser para o porco, o porco me dar cerda, a cerda ser para o sapateiro, o sapateiro fazer os sapatos, os sapatos ser para a velha, a velha me dar capim, o capim ser para a vaca, a vaca me dar o leite, o leite ser para o gato, o gato me dar meu rabo.

Alcançou o macaco todos os seus pedidos. O gato bebeu o leite, entregou o rabo. O macaco não quis mais, porque o rabo estava podre.

(Versão de Pernambuco, coletada por Sílvio Romero)

A ONÇA, O MACACO E O BONECO DE CERA

Contos brasileiros

A onça tinha sido ludibriada pelo macaco tantas e tantas vezes que já estava cansada. Certo dia, tomou uma decisão:

— A partir de agora, chega! Esse macaco vive me passando a perna. Todos os outros bichos me admiram e me respeitam. Todos têm medo de mim. Só esse danado desse macaco é que vive debochando da minha cara, me enganando. E sempre arruma um jeito de escapar, subindo pelo alto das árvores com aquele rabo comprido, rindo de mim igual a uma hiena. Mas a alegria dele vai acabar, desta vez ele não me escapa.

Aí foi para o mato e encontrou um poço grande, com a água limpinha, uma beleza. A onça falou:

— Pois é aqui mesmo que esse macaco espertinho vai me pagar. Vou cercar esse poço e tomar conta dele. Quem quiser beber vai ter que passar pertinho de mim.

E assim o fez. Construiu uma cerca enorme em volta de todo o poço e deixou só uma entrada estreitinha. Daí se plantou lá, sentada. Mandou dizer a toda a bicharada que agora ela era a dona de um poço muito bom, de água fresca e limpa. Quem quisesse experimentar, era só aparecer, porque ela queria muito bem a todos os bichos. E que ia ficar sentadinha lá na entrada para cumprimentar os amigos e bater um papinho amistoso. Só tinha um bicho que ela não queria por lá: o macaco.

— Estou de relações cortadas com ele. Por mim, pode morrer seco com a família toda, que da minha água ele não bebe.

A notícia se espalhou depressa e o macaco foi se arranjando do jeito que podia. Mas o verão foi chegando, o calor apertando. Os rios estavam secos. O macaco pulava de galho em galho, daqui para lá. Arranjava um taquarucu, furava e chupava a água, mas aquilo não matava a sede. Um dia, ele falou:

— Chega! Eu vou lá tomar água naquele poço. Quem essa onça pensa que é? Por que todo mundo pode e só eu não posso? Eu vou conferir direito como é esse negócio...

Foi por dentro do mato, pulando de galho em galho, lá pela copa das árvores. Quando estava a uns dez metros do poço, ficou olhando o movimento. A pintada estava lá, sentada. Enorme! Cada pata medonha e uma boca de meter medo a leão. O macaco pensou:

— Ai! tadinho de mim. Uma patada daquelas e era uma vez um pobre macaquinho sedento! O que é que eu vou fazer?!

Continuou a olhar. Daqui a um bocadinho, ouviu:

— Bom dia, comadre onça!

— Bom dia, comadre raposa! Como vai?





— Ah, comadre! Minha língua está pegando fogo de tanto calor. A senhora dá licença de beber um pouquinho da sua água?

— Claro! Pode passar, comadre.

A raposa bebeu até se fartar. Bateu um papinho e foi embora.

— Muito obrigada, comadre onça!

— Apareça sempre!

Passou um pouquinho e o macaco ouviu:

— Ô comadre onça, dá licença?

— Quem é? — perguntou a onça.

— Sou eu, a cutia. Tá tudo seco por aí, comadre. Eu sou bicho que gosta de água, mas por onde eu ando não há nadica de nada, nem uma gota. Eu vim pedir à senhora para deixar eu beber um pouco do seu poço.

— Ah, comadre cutia! O poço é seu. Pode passar.

A cutia se fartou. Bebeu, mergulhou, nadou. Agradeceu e foi embora. Daí a pouco, novamente:

— Ô de casa!

— Como vai, compadre tatu?

— Comadre, a senhora permite que eu beba um bocadinho da sua água e molhe meu casco? Está tudo tão seco, o chão está tão duro que é difícil de furar. Debaixo da terra parece um braseiro e eu preciso terminar a minha toca antes que a cachorrada me pegue.

— Mas é claro que sim, compadre. Só, por favor, toma cuidado para não sujar a água.

O tatu bebeu, bebeu. Molhou o casco. Agradeceu e foi embora. Daí a pouco, novamente:

— Muuuito bom dia, comadre onça! Dá licença?

— Comadre vaca! Que bom vê-la por aqui. Mas será que a senhora passa nessa entradinha que eu fiz aqui? Deixa eu afastar um pedaço da cerca para a senhora não se machucar. Eu fiz essa passagem tão estreitinha para poder pegar aquele safado daquele macaco. Mas ele não aparece mesmo. É um covardão!

— Ah, comadre onça. Ele está andando por aí. Agora mesmo eu estava pastando e vi o rabo dele pendurado no alto de uma árvore.

— Não diga!

— Vi, sim senhora. Não leva muuuito tempo e ele chega aqui para tentar tomar água.

A onça levantou, olhando ao redor:

— Está rondando, né? Deixa estar! Ele aqui não põe os pés sem virar comida de onça.

A vaca foi embora. Veio o coelho, o tamanduá, a paca, a ema, a capivara, o lagarto, o veado, e assim foram vindo todos os bichos. Sempre muito bem recebidos pela “simpática” onça.

O macaco já não se aguentava de tanta sede e sem coragem de se arriscar. Nisso, ia passando um homem com um carrinho cheio de mel. Um dos garrafões estava meio aberto e o mel ia entornando pelo caminho. O macaco teve uma ideia. Correu até lá e rolou naquele mel até se lambuzar bem. Depois se encheu de folha de tudo que é tipo e tamanho. Ficou todo coberto. Falou:

— Não é que eu fiquei parecido com um lagarto?

E foi ter no poço. Afinou a voz:

— Dá licença, comadre querida!

— Quem é você?

— Sou comadre lagarta. Ah, querida comadre, estou tão cansada, com tanta sede que quase nem posso andar direito. Estou me arrastando!

— É, comadre. A senhora não me parece muito bem mesmo. Pode entrar e ficar à vontade, que hoje está fazendo muito calor. Eu estou aqui na modorra.

O macaco se fartou. Bebeu até a barriga estufar. Quando se satisfez, passou pela onça sonolenta e disse, sem disfarçar a voz:

— Tchau, queridinha!

A onça pulou, reconhecendo o logro. Tentou alcançar o macaco, mas este foi mais esperto e saiu rindo da cara da onça:

— Quiá, quiá, quiá, quiá! Desta vez matei a minha sede. Acho que agora vai ser difícil voltar a beber desse poço, mas eu insisto, persisto e não desisto e vou tentar novamente, ora se vou...

Enquanto isso, a onça resmungava entre dentes:

— Miserável! Sem-vergonha! Biltre! Cocosinho! Bem que eu achei que aquele bicho tinha alguma coisa estranha. Lagarta é comprida, mas não é tão gorda. Eu me vingou. Vou lá na casa daquele homem que vende mel de abelha. Ele tem um bocado de cera. Eu vou lá. Macaco desgraçado...

Foi. Inventou uma história que queria fazer um jarro de cera para guardar água em casa. O homem pegou um bolão de uns cinco quilos de cera. Deu à onça.

A onça pegou a cera, pôs no sol para amolecer e começou a amassar em cima de uma pedra. Amassou, amassou. A sujeira da pedra foi grudando na cera e ela foi escurecendo. Quando estava bem macia, a onça começou a moldar. Fez uma cabeça, colocou os olhos e a boca. Fez o corpo, as pernas e os braços. Ficou um boneco grande. Pegou um galho de árvore e fincou o boneco lá na entrada do poço. Arranjou umas pálpebras postiças e pôs na cara dele. Conforme o vento dava, parecia que ele piscava os olhos. Aquilo dava a impressão de ser uma pessoa de verdade, ou melhor, um menino negro, pois a cera ficou pretinha de tanta sujeira que pegou.

Enquanto isso, o macaco pensava:

— Estou com muita sede de novo. Preciso arrumar um jeito de beber a “minha aguinha” lá naquele poço. Como é que eu vou fazer? Ah, já sei. Vou lá naquele barreiro vermelho.





Chegou lá e espalhou o barro pelo corpo todo. Espalhou pelo rabo até ele ficar grudadinho, como se não existisse. Passou bastante no pelo, até não restar nem um pouquinho de fora. Saiu com as quatro patas no chão, meio manquitolando. Quando estava perto, viu aquele negócio parado na entrada do poço.

— Eta!, que a pintada arrumou um ajudante e o pôs de vigia. Mas não passa de um moleque. Já sei que jeito eu vou dar nele.

Foi andando. O sol estava quente. A cera começava a amolecer com o calor. O macaco foi se aproximando. O vento batia e o moleque piscava os olhos, lá parado. O macaco falou:

— Ô, seu moleque, sai da frente que eu quero passar!

O boneco parado, sacudindo as pálpebras.

— Moleque, sai da frente senão eu te meto a mão. Tô avisando...

O moleque continuava piscando.

— Vou te encher de bolacha. Para de ficar piscando para mim e sai logo desse caminho.

E *slapt!* O macaco meteu um tabefe na cara do boneco de cera. A cera estava grudenta e a mão dele agarrou. Ele falou:

— Moleque atrevido, solta a minha mão ou eu te meto a outra mão na cara que você vai se arrepender de tanto atrevimento.

O moleque piscava. O macaco estava nervoso, com medo de a onça estar ali por perto. Não conversou: *slapt!* Meteu com a outra mão na cara do boneco. Ficou preso.

— Solta as minhas mãos, moleque! Larga! Eu tô mandando. Vou te meter o pé, heim?!

Meteu um pé. Agora o macaco tinha as duas mãos e um pé presos ao boneco. Insistiu:

— Mas você é muito abusado mesmo. Fica só piscando sem parar. Me larga senão eu vou te chutar com o outro pé que você vai parar lá na China. Me solta, moleque!

Meteu. Grudou. Apavorado, com medo de a comadre onça chegar, fez mais uma tentativa:

— Eu te meto a barriga, moleque de uma figa! Te meto a barriga que a cara eu não vou meter que preciso vigiar comadre onça.

Desta vez, o macaco ficou completamente agarrado ao boneco. A onça, que estava escondida assistindo a tudo, saiu de seu esconderijo e falou:

— Peguei! Finalmente te peguei, seu cretino! Vive me enganando, se disfarçando de bicho. Olha só que ridículo todo coberto de lama. Desta vez você vinha disfarçado de quê?

— Ah, eu ia te enganar novamente se não fosse este moleque aqui. Eu não estou parecido com uma capivara?

— Capivara? Capivara você vai ver é no meu bucho. Meu jantar hoje vai ser macaco.

O macaco falou:

— Olha, dona onça, a senhora pode até me comer, não tiro sua razão. Mas desta vez eu não vim aqui beber água, vim dar um recado que eu recebi de São Pedro.

A onça, atônita, exclamou:

— Hã?!

— É, sim senhora. Pode acreditar em mim. São Pedro me pediu e tornou a pedir que avisasse a todos os bichos que ele vai mandar uma grande tempestade, com muita ventania, que vai varrer a floresta toda. Ele me disse que é para eu amarrar todos os bichos, um por um, em árvores bem fortes para que eles possam escapar com vida. Eu vim aqui dizer que se comadre onça quiser, eu posso amarrá-la também.

A onça era medrosa, acreditou na conversa do macaco e pediu:

— Ai! compadre, então me amarra primeiro. Me amarra logo que eu não quero morrer *soprada*. Como você vai me amarrar?

— Eu já separei uns cipós bem grossos. Assim não vai haver vento que a carregue.

O macaco deu sorte que o tempo começou a fechar e umas nuvens cobriram o sol.

— A senhora tá vendo, dona onça. A tempestade já vem por aí...

— Corre, compadre. Amarra logo esta pobre oncinha. Eu perdoo tudo o que o senhor me fez até hoje. Salva minha vida, compadre. Me amarra bem amarradinha.

O macaco amarrou a onça. Apertou, apertou. A onça reclamou. Ele disse que se não apertasse daquele jeito, a tempestade poderia levá-la, o vento poderia desamarrá-la. Depois dela bem amarrada, o macaco falou:

— Está ouvindo a trovoada, comadre?

— Ih, compadre, estou ouvindo uma coisa, sim. É trovão?

O macaco disfarçava e fazia: *caaaaabrummm!*

— É trovão, sim, compadre. O aguaceiro já está para cair.

O macaco foi pegar umas varas de mamona que ele tinha separado e escondido. Daí, sapecou a lenha no lombo da pintada: *chulap!*

— Vai chuva, comadre!

— Pode vir, compadre.

Lepo! Lepo! Chulap!

— Ai! É chuva de granizo, compadre. As pedras tão caindo no meu lombo. Ai, que dor!

Depois de muito apanhar, a onça percebeu que aquela chuva não estava molhando. Como estava amarrada, não pôde reagir. O macaco bateu até





cansar e largou a onça lá, desmaiada. Então, foi dormir no galho mais alto da árvore.

No dia seguinte, a onça tinha sumido. Daí, o macaco pegou a família, se mudou dali e nunca mais voltou àquela parte da floresta.

Entrou por uma perna de pinto.

Saiu por uma perna de pato.

Quem quiser que conte quatro.

[Versão de Lisaldina Paixão, publicada em *Contos populares fluminenses*, de Ana Rita Paixão (org.). Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Cultura/Inepac, s/d. v. 1]

FÁBULAS

O RATINHO, O GATO E O GALO

Monteiro Lobato

Certa manhã, um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos. Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida, notou no terreiro um certo animal de belo pelo, que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o, sem receio nenhum. Nisto, aparece um galo, que bate as asas e canta. O ratinho, por um triz, não morreu de susto.

Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele. — Mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um de pelo macio e ar bondoso seduziu-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me de cumprimentá-lo. O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentemente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho que quase caí de costas. Fugí. Fugí com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato, que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal. As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que:

Quem vê cara não vê coração.





O CORVO E O JARRO

Esopo

Um corvo, quase morto de sede, foi a um jarro, onde pensou encontrar água. Quando meteu o bico pela borda do jarro, verificou que só havia um resquinho no fundo. Era difícil alcançá-la com o bico, pois o jarro era muito alto.

Depois de várias tentativas, precisou desistir, desesperado. Surgiu, então, uma ideia em seu cérebro. Apanhou um seixo e jogou-o no fundo do jarro. Jogou mais um e muitos outros.

Com alegria verificou que a água vinha, aos poucos, se aproximando da borda. Jogou mais alguns seixos e conseguiu matar a sede, salvando a vida.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

A GANSA DOS OVOS DE OURO

Esopo

Um homem e sua mulher tinham a sorte de possuir uma gansa que todos os dias punha um ovo de ouro.

Mesmo com toda essa sorte, eles acharam que estavam enriquecendo muito devagar, que assim não dava...

Imaginando que a gansa devia ser de ouro por dentro, resolveram matá-la e pegar aquela fortuna toda de uma vez. Só que, quando abriram a barriga da gansa, viram que por dentro ela era igualzinha a todas as outras.

Foi assim que os dois não ficaram ricos de uma vez só, como tinham imaginado, nem puderam continuar recebendo o ovo de ouro que todos os dias aumentava um pouquinho sua fortuna.

Não tente forçar demais a sorte.

O CÃO E O OSSO

Esopo

Um dia, um cão ia atravessando uma ponte, carregando um osso na boca.

Olhando para baixo, viu sua própria imagem refletida na água. Pensando ver outro cão, cobiçou-lhe logo o osso e pôs-se a latir. Mal, porém, abriu a boca, seu próprio osso caiu na água e se perdeu para sempre.

Mais vale um pássaro na mão que dois voando.

O VENTO E O SOL

Esopo

O vento e o sol estavam disputando qual dos dois era o mais forte. De repente, viram um viajante que vinha caminhando.

— Sei como decidir nosso caso. Aquele que conseguir fazer o viajante tirar o casaco será o mais forte. Você começa — propôs o sol, retirando-se para trás de uma nuvem.

O vento começou a soprar com toda força. Quanto mais soprava, mais o homem ajustava o casaco ao corpo. Desconsolado, o vento se retirou.

O sol saiu de seu esconderijo e brilhou com todo seu esplendor sobre o homem, que logo sentiu calor e despiu o paletó.

O amor constrói, a violência arruína.

O LEÃO E O RATINHO

Esopo

Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado à sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou.

Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu embaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora.

Algum tempo depois, o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguia se soltar, e fazia a floresta inteira tremer com seus urros de raiva.

Nisso, apareceu o ratinho. Com seus dentes afiados, roeu as cordas e soltou o leão.

Uma boa ação ganha outra.





A RÃ E O TOURO

Esopo

Um grande touro passeava pela margem de um riacho. A rã ficou com muita inveja de seu tamanho e de sua força.

Então, começou a inchar, fazendo enorme esforço, para tentar ficar tão grande quanto o touro.

Perguntou às companheiras do riacho se estava do tamanho do touro. Elas responderam que não.

A rã tornou a inchar e inchar, mas, ainda assim, não alcançou o tamanho do touro.

Pela terceira vez, a rã tentou inchar. Mas fez isso com tanta força que acabou explodindo.

A inveja é a origem de todas as desgraças.

O GALO E A RAPOSA

Esopo

O galo e as galinhas viram que lá longe vinha uma raposa. Empoleiraram-se na árvore mais próxima, para escapar da inimiga.

Com sua esperteza, a raposa chegou perto da árvore e se dirigiu a eles:

— Ora, meus amigos, podem descer daí. Não sabem que foi decretada a paz entre os animais? Desçam e vamos festejar esse dia tão feliz!

Mas o galo, que também não era tolo, respondeu:

— Que boas notícias! Mas estou vendo daqui de cima alguns cães que estão chegando. Decerto eles também vão querer festejar.

A raposa mais que depressa foi saindo:

— Olha, é melhor que eu vá andando. Os cães podem não saber da novidade e querer me atacar.

É preciso ter cuidado com amizades repentinas.

A RAPOSA E AS UVAS

Esopo

Uma raposa passou embaixo de uma parreira carregada de lindas uvas. Ficou com muita vontade de comer aquelas uvas.

Deu muitos saltos, tentou subir na parreira, mas não conseguiu. Depois de muito tentar, foi-se embora dizendo:

— Eu nem estou ligando para as uvas. Elas estão verdes mesmo...

Quem desdenha quer comprar.



O LEÃO E O JAVALI

Esopo

Num dia muito quente, um leão e um javali chegaram juntos a um poço. Estavam com muita sede e começaram a discutir para ver quem beberia primeiro.

Nenhum cedia a vez ao outro. Já iam atracar-se para brigar, quando o leão olhou para cima e viu vários urubus voando.

— Olhe lá! — disse o leão. — Aqueles urubus estão com fome e esperam para ver qual de nós dois será derrotado.

— Então, é melhor fazermos as pazes — respondeu o javali. — Prefiro ser seu amigo a ser comida de urubus.

Diante de um perigo maior, é melhor esquecer as pequenas rivalidades.

O LOBO E O CÃO

La Fontaine

Um lobo e um cão se encontraram num caminho. Disse o lobo:

— Companheiro, você está com ótimo aspecto: gordo, o pelo lustroso... Estou até com inveja!

— Ora, faça como eu — respondeu o cão. — Arranje um bom amo. Eu tenho comida na hora certa, sou bem tratado... Minha única obrigação é latir à noite, quando aparecem ladrões. Venha comigo e você terá o mesmo tratamento.

O lobo achou ótima ideia e se puseram a caminho.

Mas, de repente, o lobo reparou numa coisa.

— O que é isso no seu pescoço, amigo? Parece um pouco esfolado... — observou ele.

— Bem — disse o cão — isso é da coleira. Sabe? Durante o dia, meu amo me prende com uma coleira, que é para eu não assustar as pessoas que vêm visitá-lo.

O lobo se despediu do amigo ali mesmo:

— Vamos esquecer — disse ele. — Prefiro minha liberdade à sua fartura.

Antes faminto, mas livre, do que gordo, mas cativo.

LENDAS E MITOS

OXÓSSI

Lenda africana

Olofin era um rei africano da terra de Ifé, lugar de origem de todos os iorubás. Cada ano, na época da colheita, Olofin comemorava, em seu reino, a Festa dos Inhames.

Ninguém no país podia comer dos novos inhames antes da festa. Chegando o dia, o rei se instalava no pátio do seu palácio. Suas mulheres sentavam à sua direita, seus ministros, atrás dele, agitando leques e espanta-moscas, e os tambores soavam para saudá-lo.

As pessoas reunidas comiam inhame pilado e bebiam vinho de palma. Elas comemoravam e brincavam. De repente, um enorme pássaro voou sobre a festa.

O pássaro voava à direita e voava à esquerda... Até que veio pousar no teto do palácio. A estranha ave fora enviada pelas feiticeiras, furiosas porque não haviam sido convidadas para a festa.

O pássaro causava espanto a todos! Era tão grande que o rei pensou ser uma nuvem cobrindo a cidade.

Sua asa direita cobria o lado esquerdo do palácio, sua asa esquerda cobria o lado direito do palácio, as penas do seu rabo varriam o quintal, e sua cabeça cobria o portal de entrada.

As pessoas, assustadas, comentavam:

— Ah! Que esquisita surpresa?

— Eh! De onde veio esse desmancha-prazer?

— Ih! O que veio fazer aqui?

— Oh! Bicho feio de dar dó!

— Uh! Sinistro que nem urubu!

— Como nos livraremos dele?

— Vamos rápido chamar os caçadores mais hábeis do reino.

De Idô, trouxeram Oxotogun, o “Caçador das Vinte Flechas”.

O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas vinte flechas e Oxotogun exclamou:

— Que me cortem a cabeça, se eu não o matar!

E lançou suas vinte flechas, mas nenhuma atingiu o enorme pássaro. O rei mandou prendê-lo.

De Morê, chegou Oxotogi, o “Caçador das Quarenta Flechas”.

O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas quarenta flechas e Oxotogi exclamou:

— Que me condenem à morte, se eu não o matar!





E lançou suas quarenta flechas, mas nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prendê-lo.

De Ilarê, apresentou-se Oxotadotá, o “Caçador das Cinquenta Flechas”. O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas cinquenta flechas e Oxotadotá afirmou:

— Que exterminem toda minha família, se eu não o matar.

Lançou suas cinquenta flechas e nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prendê-lo.

De Iremã, chegou finalmente Oxotokanxoxô, o “Caçador de Uma Só Flecha”.

O rei lhe ordenou matar o pássaro com sua única flecha e Oxotokanxoxô exclamou:

— Que me cortem em pedaços, se eu não o matar!

Ouvindo isso, a mãe de Oxotokanxoxô, que não tinha outros filhos, foi rapidamente consultar um babalaô, o adivinho, para saber como ajudar seu único filho.

— Ah! — disse-lhe o babalaô. — Seu filho está a um passo da morte ou da riqueza.

E ensinou-lhe como fazer uma oferenda que agradasse às feiticeiras. A mãe sacrificou então uma galinha, abrindo-lhe o peito, e foi rápido colocá-la na estrada, gritando três vezes:

— Que o peito do pássaro aceite este presente!

Isso aconteceu no momento exato em que Oxotokanxoxô atirava sua única flecha. O feitiço pronunciado pela mãe do caçador chegou ao grande pássaro.

Ele quis receber a oferenda e relaxou o encanto que o protegera até então. A flecha de Oxotokanxoxô o atingiu em pleno peito. O pássaro caiu pesadamente, se debateu e morreu.

A notícia se espalhou:

— Foi Oxotokanxoxô, o “Caçador de Uma Só Flecha”, que matou o pássaro! O rei lhe fez uma promessa: se ele conseguisse, ganharia metade de sua fortuna! Todas as riquezas do reino serão divididas ao meio, e uma metade será dada a Oxotokanxoxô!!

Os três caçadores foram soltos da prisão e, como recompensa, Oxotogun, o “Caçador das Vinte Flechas”, ofereceu a Oxotokanxoxô vinte sacos de búzios; Oxotogi, “Caçador das Quarenta Flechas”, ofereceu-lhe quarenta sacos; Oxotadotá, o “Caçador das Cinquenta Flechas”, ofereceu-lhe cinquenta. E todos cantaram para Oxotokanxoxô.

O babalaô também se juntou a eles, cantando e batendo em seu agogô:

— Oxóssi! Oxóssi!! Oxóssi!!! O caçador Oxé é popular!

E assim é que Oxotokanxoxô foi chamado Oxóssi.

— Oxóssi! Oxóssi!! Oxóssi!!!

MARIA PAMONHA

Lenda latino-americana

Certo dia apareceu na porta da casa grande da fazenda uma menina suja e faminta. Nesse dia, deram-lhe de comer e de beber. E no dia seguinte também. E no outro, e no outro, e assim sucessivamente.

Sem que as pessoas da casa se dessem conta, a menina foi ficando, ficando, sempre calada e de canto em canto.

Uma tarde, os garotos da fazenda perguntaram-lhe como se chamava e ela respondeu com um fiozinho de voz:

— Maria.

E os garotos, às gargalhadas, fecharam-na numa roda e começaram a debochar dela:

— Maria, Maria Pamonha, Maria, Maria Pamonha...

Uma noite de lua cheia, o filho da patroa estava se arrumando para ir a um baile, quando Maria Pamonha apareceu no seu quarto:

— Me leva no baile? — pediu-lhe.

O jovem ficou duro de espanto.

— Quem você pensa que é para ir dançar comigo? — gritou. — Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma cintada?

Quando o rapaz saiu para o baile, Maria Pamonha foi até o poço que havia no mato, banhou-se e perfumou-se com capim-cheiroso e alfazema. Voltou para casa, pôs um lindo vestido da filha da patroa e prendeu os cabelos.

Quando a jovem apareceu no baile, todos ficaram deslumbrados com a beleza da desconhecida. Os homens brigavam para dançar com ela, e o filho da patroa não tirava os olhos de cima da moça.

— De onde é você? — perguntou-lhe, por fim.

— Ah, eu venho de muito, muito longe. Venho da Cidade de Cintada — respondeu a garota. Mas o rapaz a olhava tão embasbacado que não percebeu nada.

Quando voltou para casa, o jovem não parava de falar para a mãe da beleza daquela garota desconhecida que ele vira no baile. Nos dias que se seguiram, procurou-a por toda a fazenda e pelos povoados vizinhos, mas não conseguiu encontrá-la. E ficou muito triste.

Uma noite sem lua, dez dias depois, o jovem foi convidado para outro baile. Como da primeira vez, Maria Pamonha apareceu no seu quarto e disse-lhe com sua vozinha:

— Me leva no baile?

E o jovem voltou a gritar-lhe:

— Quem você pensa que é, para ir dançar comigo? Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma espetada?



Enquanto tomava o mingau, o jovem suspirava:
 — Que delícia de mingau, mãe!
 De repente, ao encontrar o anel, perguntou surpresa:
 — Mãe, quem foi que fez este mingau?
 — Foi Maria Pamonha. Mas por que você está me perguntando isso?
 E antes mesmo que o jovem pudesse responder, Maria Pamonha apareceu no quarto, com um lindo vestido, limpa, perfumada e com os cabelos presos. E o rapaz sarou na hora. E casou-se com ela. E foram muito felizes.

COMO A NOITE APARECEU

Lenda tupi

No princípio não havia noite — dia somente havia em todo tempo. A noite estava adormecida no fundo das águas. Não havia animais; todas as coisas falavam.

A filha da Cobra Grande – contam – casara-se com um moço.

Esse moço tinha três fâmulos fiéis. Um dia, ele chamou os três fâmulos e disse-lhes:

— Ide passear, porque minha mulher não quer dormir comigo.

Os fâmulos foram-se, e então ele chamou sua mulher para dormir com ele. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe:

— Ainda não é noite.

O moço disse-lhe

— Não há noite, somente há dia.

A moça falou:

— Meu pai tem noite. Se queres dormir comigo, manda buscá-la lá, pelo grande rio.

O moço chamou os três fâmulos; a moça mandou-os à casa de seu pai, para trazerem um caroço de tucumã.

Os fâmulos foram, chegaram à casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroço de tucumã muito bem fechado e disse-lhes:

— Aqui está; levai-o. Eia! Não o abrais, senão todas as coisas se perderão.

Os fâmulos foram-se, e estavam ouvindo barulho dentro do coco de tucumã, assim: tem, tem, tem... xi... Era o barulho dos grilos e dos sapinhos que cantam de noite.

Quando já estavam longe, um dos fâmulos disse a seus companheiros:

— Vamos ver que barulho será este?

O piloto disse:

— Não, do contrário nos perderemos. Vamos embora, eia, remai!

Eles foram e continuaram a ouvir aquele barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era.





Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canoa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o coco e abriram-no. De repente, tudo escureceu.

O piloto então disse:

— Nós estamos perdidos; e a moça, em sua casa, já sabe que abrimos o coco de tucumã!

Eles seguiram viagem.

A moça, em sua casa, disse então a seu marido:

— Eles soltaram a noite; vamos esperar a manhã.

Então, todas as coisas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animais e pássaros.

As coisas que estavam espalhadas pelo rio se transformaram em patos e em peixes. Do painho gerou-se a onça; o pescador e sua canoa se transformaram em pato; de sua cabeça nasceram a cabeça e o bico do pato; da canoa, o corpo do pato; dos remos, as pernas do pato.

A filha da Cobra Grande, quando viu a estrela-d'alva, disse a seu marido:

— A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite.

Então, ela enrolou um fio e disse-lhe:

— Tu serás kujubim.

Assim ela fez o kujubim; pintou a cabeça do kujubim de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucum e, então, disse-lhe:

— Cantarás para todo o sempre, quando a manhã vier raiando.

Ela enrolou o fio, sacudiu cinza em riba dele, e disse:

— Tu serás inhambu, para cantar nos diversos tempos da noite e de madrugada.

De então pra cá todos os pássaros cantaram em seus tempos, e de madrugada para alegrar o princípio do dia.

Quando os três fâmulos chegaram, o moço disse-lhes:

— Não fostes fiéis – abristes o caroço de tucumã, soltastes a noite e todas as coisas se perderam, e vós também, que vos metamorfoseastes em macacos, andareis para todo o sempre pelos galhos dos paus.

(A boca preta e a risca amarela que eles têm no braço, dizem que são ainda o sinal do breu que fechava o caroço de tucumã e que escorreu sobre eles quando o derreteram.)

(General Couto de Magalhães, O selvagem)

PANDORA

Mitologia grega

Num tempo distante, os homens dominaram a dádiva do fogo, graças a Prometeu, tornando melhor a vida na Terra.

Mas diante daquela afronta, a ira de Zeus não teve limites, e ele resolveu então punir os homens.

Ordenou a Hefesto que moldasse uma mulher de barro, tão linda quanto uma verdadeira deusa, que lhe desse voz e movimento e que seus olhos inspirassem um encanto divino.

A deusa Atena teceu-lhe uma belíssima roupa, as três Graças a cobriram com jóias e as Horas a coroaram com uma tiara de perfumadas flores brancas. Por isso a jovem recebeu o nome de Pandora, que em grego significa “todas as dádivas”.

No dia seguinte, Zeus deu instruções secretas a seu filho Hermes que, obedecendo às ordens do pai, ensinou Pandora a contar suaves mentiras. Com isso, a mulher de barro passou a ter uma personalidade dissimulada e perigosa.

Feito isso, Zeus ordenou a Hermes que entregasse a mulher de presente a Epimeteu, irmão de Prometeu, um homem ingênuo e lento de raciocínio.

Ao ver Pandora, Epimeteu esqueceu-se de que Prometeu lhe havia recomendado muitas vezes para não aceitar presentes de Zeus; e aceitou-a de braços abertos.

Certo dia, Pandora viu uma ânfora muito bem lacrada, e assim que se aproximou dela Epimeteu alertou-a para se afastar, pois Prometeu lhe recomendara que jamais a abrisse, caso contrário, os espíritos do mal recairiam sobre eles.

Mas, apesar daquelas palavras, a curiosidade da mulher de barro aumentava; não mais resistindo, esperou que o marido saísse de casa e correu para abrir o jarro proibido.

Mal ergueu a tampa, Pandora deu um grito de pavor e do interior da ânfora saíram monstros horríveis: o Mal, a Fome, o Ódio, a Doença, a Vingança, a Loucura e muitos outros espíritos maléficos...

Quando voltou a lacrar a jarra, conseguiu prender ali um único espírito, a Esperança.

Assim, então, tudo aconteceu exatamente conforme Zeus havia planejado. Usou a curiosidade e a mentira de Pandora para espalhar o mal sobre o mundo, tornando os homens duros de coração e cruéis, castigando Prometeu e toda a humanidade.





NARCISO

Mitologia grega

Há muito tempo, na floresta passeava Narciso, o filho do sagrado rio Kiphissos. Era lindo, porém tinha um modo frio e egoísta de ser, era muito convencido de sua beleza e sabia que não havia no mundo ninguém mais bonito que ele.

Vaidoso, a todos dizia que seu coração jamais seria ferido pelas flechas de Eros, filho de Afrodite, pois não se apaixonava por ninguém.

As coisas foram assim até o dia em que a ninfa Eco o viu e imediatamente se apaixonou por ele.

Ela era linda, mas não falava; o máximo que conseguia era repetir as últimas sílabas das palavras que ouvia.

Narciso, fingindo-se de desentendido, perguntou:

— Quem está se escondendo aqui perto de mim?

— ... de mim — repetiu a ninfa assustada.

— Vamos, apareça! — ordenou — Quero ver você!

— ... ver você! — repetiu a mesma voz em tom alegre.

Assim, Eco aproximou-se do rapaz. Mas nem a beleza e nem o misterioso brilho nos olhos da ninfa conseguiram amolecer o coração de Narciso.

— Dê o fora! — gritou, de repente. — Por acaso pensa que eu nasci para ser um da sua espécie? Sua tola!

— Tola! — repetiu Eco, fugindo de vergonha.

A deusa do amor não poderia deixar Narciso impune depois de fazer uma coisa daquelas. Resolveu, pois, que ele deveria ser castigado pelo mal que havia feito.

Um dia, quando estava passeando pela floresta, Narciso sentiu sede e quis tomar água.

Ao debruçar-se num lago, viu seu próprio rosto refletido na água. Foi naquele momento que Eros atirou uma flecha direto em seu coração.

Sem saber que o reflexo era de seu próprio rosto, Narciso imediatamente se apaixonou pela imagem.

Quando se abaixou para beijá-la, seus lábios se encostaram na água e a imagem se desfez. A cada nova tentativa, Narciso ia ficando cada vez mais desapontado e recusando-se a sair de perto da lagoa. Passou dias e dias sem comer nem beber, ficando cada vez mais fraco.

Assim, acabou morrendo ali mesmo, com o rosto pálido voltado para as águas serenas do lago.

Esse foi o castigo do belo Narciso, cujo destino foi amar a si próprio.

Eco ficou chorando ao lado do corpo dele, até que a noite a envolveu. Ao despertar, Eco viu que Narciso não estava mais ali, mas em seu lugar havia uma bela flor perfumada. Hoje, ela é conhecida pelo nome de “narciso”, a flor da noite.





3ª Parte – Textos para estudar, conhecer a vida de pessoas interessantes, saber como jogar ou cozinhar

Nesta terceira parte você encontrará textos de **divulgação científica**, textos **instrucionais** e **biografias**. São textos que trazem muitas informações e explicações sobre os mais variados assuntos.

Os textos de **divulgação científica** são aqueles que encontramos em enciclopédias, jornais, revistas de ciências e outras revistas. Tratam de um determinado assunto e são escritos de modo objetivo e direto, em uma linguagem clara e precisa. Seus autores são, geralmente, especialistas, ou jornalistas, que pesquisam e têm bastante conhecimento sobre aquilo que escrevem. Não costumam emitir opinião, e sim fazer descrições e dar explicações. São textos ótimos para você estudar e aprender muitos dos assuntos que são dados nas aulas.

Os textos **instrucionais** são, principalmente, as receitas, os manuais de uso e as instruções de jogos. São textos que nos explicam como fazer alguma coisa. Geralmente, estão divididos em duas partes: a primeira, com os materiais necessários (no caso da receita, são os ingredientes) e, na segunda, o modo de fazer (ou de jogar, no caso de um jogo). São muito úteis no dia-a-dia das pessoas.

As **biografias** são histórias da vida das pessoas. Contam desde o nascimento (às vezes começam pela vida dos pais da pessoa biografada) até a morte, ou até os dias atuais, se a pessoa estiver viva. Podem ser romanceadas, ou seja, contadas como se a pessoa biografada fosse um personagem; ou mais objetivas — com as datas e os principais acontecimentos, sem muitos detalhes. É costume escrever a biografia de pessoas conhecidas, que ficaram famosas principalmente por alguma razão política, econômica ou social.

Este livro será muito útil para você aprofundar seus conhecimentos, testar seus dotes culinários e aprender novas brincadeiras.

Bom trabalho e divirta-se!



TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

BORBOLETA-DE-PRAIA

Sem a planta em que deposita os ovos, não há postura. Por isso, a invasão imobiliária e os portos de areia, que destruíram a vegetação, a tornaram o único inseto na lista de animais ameaçados de extinção no Brasil.

Superstições assombram as borboletas desde a Antiguidade. Para os egípcios, quando uma pessoa morria, seu espírito deixava o corpo sob a forma de borboleta. A crença viajou até Roma, passando pela Grécia, onde a palavra *psiké*, a psique, servia ao mesmo tempo para a alma, o espírito e a borboleta.

Sob a ótica popular, no Brasil, esses insetos da ordem *Lepidoptera*, superfamília *Papilionoidea*, são mensageiros de boas ou de más notícias, dependendo da cor – possivelmente porque os supersticiosos consideram agourentas as noturnas, escuras, que pertencem a outra superfamília.

Não foram bruxarias, porém, que tornaram as borboletas-de-praia, ou *Parides ascanius*, quase extintas. Foram os portos de areia, as drenagens e a construção de prédios nas restingas pantanosas entre o litoral de Campos e a baía de Sepetiba, no Rio, seu habitat preferencial. Assim, destruiu-se boa parte da *Aristolochia macroura*, trepadeira da qual as larvas da espécie dependem para se alimentar; também em outros pontos do litoral brasileiro, onde viviam, as borboletas foram sendo extintas.

É possível, no entanto, observá-las ainda na Reserva Biológica Nacional Poço das Antas, no Parque Zoológico de Marapendi, e em equilíbrio precário na baixada de Jacarepaguá, todos no Rio. Nesta última área, a Fundação Parques e Jardins desenvolve atualmente o projeto de criação de um borboletário. Será no bosque da Barra, local protegido, onde havia ocorrência natural da espécie, até que a *Aristolochia macroura* foi extinta na região.

A exigência de uma planta única não é característica apenas da borboleta-de-praia; a maioria das *Papilionoidea* se alimenta de uma só espécie vegetal. Trata-se de um processo evolutivo, que minimiza a competição pelo alimento: cada espécie de inseto se utiliza de uma planta diferente. É também uma estratégia chamada coevolução, pois cada planta possui substâncias tóxicas para a maioria dos insetos; porém alguns a digerem sem problemas e usam as toxinas para afastar predadores. No caso, a trepadeira *Aristolochia* torna a lagarta da *Parides ascanius* um bicho muito amargo para os predadores, em geral pássaros. Por aprendizado – experimentam e acham abominável – as aves reconhecem a lagarta pelas cores e passam a evitar outras iguais.

(MEC, fevereiro de 2003)

GALO-DE-CAMPINA

O galo-de-campina, conhecido na Amazônia por tangará, pertence à família do cardeal. Suas penas são escuras, mas a cabeça e o pescoço são vermelhos. Alimenta-se de sementes, frutinhas e insetos.

Vive em bandos nas caatingas do Nordeste e no Brasil Central, do mesmo jeito que outro pássaro, o corrupião. Os dois são considerados as mais belas aves da região.

O galo-de-campina não canta quando está engaiolado. Só canta em liberdade, numa certa época do ano, e de manhã bem cedinho.

Em Alagoas, onde ele tem fama de cantor, é treinado e vendido a preços muito elevados.

(Superinteressante, novembro de 1996)

PELO DA GATA PODE TER MAIS COR QUE O DO MACHO

Por que a variedade de cor é tão maior nas gatas do que nos gatos?

A cor da pelagem dos gatos é definida pelos genes que estão no cromossomo X, o mesmo que determina o sexo. Na reprodução, a fêmea sempre contribui com um cromossomo do tipo X, e o macho pode enviar um X ou um Y. Se o feto se formar por uma combinação de cromossomos XX, será fêmea; se for XY, macho.

“Como a fêmea tem dois X, a variação das cores pode ser maior”, explica o veterinário Ladislau Deutsch, da Imparque, empresa que planeja zoológicos em São Paulo.

(Superinteressante, novembro de 1996)

DESMATAMENTO

É alarmante a situação no Brasil, sobretudo nos estados litorâneos, primitivamente recobertos pela Mata Atlântica, e na região Amazônica. Restam hoje apenas 3% da extensão de Floresta Atlântica que existia no Brasil colonial. A existência de matas ainda extensas na região Norte não significa que espécies ameaçadas pela destruição da Mata Atlântica possam se abrigar na Amazônia, pois o clima e o relevo são diferentes, assim como a flora e a fauna.

As florestas tropicais, que só cobrem 7% da superfície terrestre, abrigam mais da metade das espécies vegetais e animais conhecidas. Das 100.000 espécies de plantas da América Latina, cerca de 30.000 se concentram na Amazônia, onde o desmatamento atinge taxas alarmantes.





A harmonia, popularmente conhecida como “equilíbrio ecológico”, está sendo perturbada e as consequências são desastrosas.

Uma primeira e bem evidente consequência é a extinção de espécies animais e vegetais. Só para dar uma ideia da proporção alarmante com que a taxa de extinção vem crescendo, vamos tomar as aves como exemplo. Até o ano de 1700, dez espécies de aves foram consideradas extintas no planeta; de 1700 a 1900, num período de apenas duzentos anos, noventa espécies desapareceram; e de 1900 em diante, calcula-se que desapareça uma espécie ou subespécie por ano.

A derrubada da mata também provoca enchentes. Como?

A folhagem da Floresta Amazônica intercepta uma parte das águas da chuva que, por isso, não chega ao solo. Com a remoção da floresta, essa água toda escorrerá para os rios.

(PEREIRA, Adolfo Dalla Pria et al. *Terra — O coração ainda bate*; guia de conservação ambiental. Porto Alegre: Tchê, 1990. p. 36 [texto adaptado])

LIXO ORGÂNICO E INORGÂNICO

Todo lixo pode ser dividido basicamente em material orgânico e inorgânico. Orgânico é todo dejetos biodegradável, como restos de comida — cascas de fruta, por exemplo —, que será decomposto pela ação de microorganismos, o que se chama apodrecimento. Largado na rua, esse lixo apodrecido servirá de alimento a ratos, baratas e moscas, transmissores de doenças.

A parte inorgânica do lixo é composta de dejetos que não apodrecem, como papel, plástico, borracha, metais e vidro. Tais restos também contribuem para a proliferação de formas daninhas de vida, para as quais servem de ninho. Além disso, podem causar estragos quando não são varridos das ruas. Com a chuva, plásticos e papéis navegam na enxurrada até as bocas-de-lobo e galerias pluviais que, se não forem limpas periodicamente, entopem, provocando as inundações tão conhecidas dos habitantes das grandes cidades brasileiras.

(*Superinteressante*, maio de 1989)

QUANDO OS ANIMAIS MENTEM

A mentira, na natureza, é uma arma de sobrevivência. Muitas vezes, na luta contra o predador, a presa só tem chance de escapar se souber mentir bem. É o caso dos camaleões que, graças à pigmentação especial de sua pele, se confundem com o ambiente. Ou de certos caranguejos, que vivem

com a carapaça coberta por algas ou esponjas. Os insetos são especialistas em se fingir de cortiça ou de gravetos no tronco de árvores. Estas e muitas outras formas de mentira atendem por um único e verdadeiro nome científico — mimetismo.

O fenômeno foi estudado pela primeira vez pelo naturalista inglês Henry Walter Bates (1825-1892), que observou o comportamento das borboletas no vale do rio Amazonas. Ele descobriu uma família de borboletas que conseguia escapar dos pássaros tornando-se parecida na forma e na cor com outra família, cujo sabor não agradava às aves. As borboletas apetitosas tratavam de voar, misturadas às outras.

Hoje se sabe que os animais memorizam certos padrões de aparência quando associam determinada presa a um gosto nauseante, ou à dor. Portanto, mentiroso competente é aquele que consegue assumir uma aparência pouco atrativa para o predador.

Existem, porém, casos de automimetismo: animais que imitam outros da própria espécie. Os zangões, por exemplo, quando estão prestes a ser atacados, voam e zumbem como abelhas que, como bem sabem os atacantes, têm ferrões para se defender — se a mentira pega, os zangões se salvam. Nem sempre, contudo, a presa é o mentiroso. Isso acontece no caso clássico do lobo em pele de cordeiro, ou seja, o animal que finge ser manso, se aproxima calmamente de outro com ar de quem não quer nada e sai ganhando uma refeição.

(*Superinteressante*, n. 4, p. 27)

O CRUZEIRO DO SUL

O Cruzeiro do Sul é uma das mais conhecidas constelações do hemisfério sul. Depois do descobrimento da América e do Brasil, os navegantes começaram a se orientar por ela, em alto mar.

Embora pareça ser formada por apenas cinco estrelas, essa constelação é constituída por 54 estrelas. Dezoito delas são visíveis a olho nu, isto é, sem instrumentos. A estrela situada no pé da cruz chama-se Magalhães, mas é de fato um conjunto de três estrelas.

Além de ser usado na orientação, o Cruzeiro do Sul serve também para a determinação de posições e como relógio celestial. Prolongando-se imaginariamente sua haste maior cerca de 4,5 vezes, temos a determinação do polo sul celeste, em torno do qual a constelação gira durante o ano, num movimento aparente. Por isso, através da posição que o Cruzeiro do Sul ocupa no céu, é possível determinar com bastante aproximação as horas noturnas.

(Adaptado de *Ciência Ilustrada*, v. 3, p. 1.301, e *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*, p. 509)





BORBOLETAS URBANAS

As cidades são lugares cinzentos, barulhentos e poluídos. Mas elas também têm seus encantos. Um dos mais coloridos animais, as borboletas, alegrem os ares das cidades, voando e fazendo malabarismos.

Apesar de viverem melhor em ambientes naturais, como florestas e campos, as borboletas também são encontradas nas cidades.

Costuma-se dizer que “onde há plantas, há borboletas”, porque, na maioria das vezes, as herbívoras aparecem em todos os lugares onde existe alimento.

Por isso, é importante que as praças, as ruas e os jardins das cidades tenham flores e árvores que, além de alegrar o homem, dão casa e comida para os animais, permitindo que convivam com a sociedade urbana.

Apesar disso, as borboletas brasileiras enfrentam um problema nas cidades: a maior parte das plantas presentes nas ruas, usadas para arborização, é “estrangeira”, ou seja, foi trazida de outras regiões. E, em geral, essas plantas “estrangeiras” não fazem parte do cardápio natural das nossas borboletas.

Desse modo, os melhores lugares para encontrarmos borboletas nas cidades são terrenos baldios, encostas de morros, quintais e parques com vegetação nativa brasileira.

Nesses ambientes, há flores que servem de alimento para as borboletas adultas e folhas, para as lagartas. Deve-se lembrar que, quando saem dos ovos, as borboletas são lagartas, não têm asas, sendo totalmente diferentes dos adultos. Portanto, a alimentação também é diferente.

As cidades não são os ambientes mais adequados para esses insetos viverem. Além da falta de alimento, enfrentam outros problemas, como a poluição e a baixa umidade do ar.

Algumas borboletas são resistentes e conseguem sobreviver em ar poluído, como a borboleta-do-manacá, encontrada nas cidades. Mas outras não aguentam os efeitos da poluição. Em consequência, existem espécies que já estão extintas ou ameaçadas de extinção, por causa das atividades humanas, que modificam ou destroem o ambiente natural.

Na área urbana de São Paulo, por exemplo, existem apenas cerca de 20 a 30 espécies de borboletas, enquanto nos parques da cidade podem ser encontradas até 300. Isso ocorre porque a maioria das borboletas se alimenta de frutos que caem no solo e, nas cidades, existem poucas plantas frutíferas.

Os grupos de borboleta que vivem melhor em cidades são os que se alimentam de flores e vivem naturalmente em áreas abertas, como campos. Essas borboletas encontram ambientes ensolarados semelhantes aos campos nos quintais e nos jardins das cidades.

Entre as borboletas urbanas mais comuns encontradas na cidade de São Paulo estão a amarela, a monarca, a amarelo-negra e a borboleta-coruja, a maior do Brasil.

Existem outros exemplos. As lagartas de *Historis odius* alimentam-se em embaúbas, que podem existir em fundos de quintais. As lagartas de *Papilio scamander* usam magnólias e abacateiros como alimento. A borboleta *Pseudolycaena marsyas* é frequente em jardins e se alimenta de várias plantas com flores pequenas.

Quando o homem derruba árvores, está destruindo os abrigos e os alimentos desses insetos. A única maneira de preservar as borboletas urbanas é preservar a vegetação de que se alimentam. Para atrair mais borboletas para as cidades, é importante aumentar a diversidade de flores nativas, como o camarã e o assa-peixe, e arborizar as ruas e parques com espécies nativas, como o manacá-da-serra, o abacateiro, a bananeira e a palmeira, alimentos naturais das borboletas.

(*Ciência Hoje das Crianças*, n. 42)

NEM COBRA NEM MINHOCA

Você se lembra daquele bicho esquisito que havia na *Ciência Hoje das Crianças* número 16? Tinha gente que achava que era cobra, tinha gente que achava que era minhoca, e o bicho não era nada disso: era um anfíbesnideo cujo apelido é “cobra-de-duas-cabeças”.

Pois é. Para piorar a situação, tem gente que confunde cobra-cega com cobra-de-duas-cabeças. Mas elas não são a mesma coisa. Aliás, nem parentes são, porque uma é réptil (a de duas cabeças) e a outra é anfíbio (a cega).

É claro que as duas se parecem. Mas se você quiser saber como se vê a diferença, é só observar que, enquanto o anfíbesnideo tem dois tipos de sulco no corpo (uns que vão da cabeça à cauda e outros transversais a eles), a cobra-cega tem anéis, como se fosse feita de pedaços livres e reluzentes.

© ÁLBUM DE FAMÍLIA

Essa tal de cobra-cega pertence a uma ordem de anfíbios que tem seis famílias. As seis famílias têm 162 espécies. Dessa familiarada toda, há uma que recebe o gentil nome de cecília. As cecílias são elegantes: têm o corpo fino e sem membros, ou seja, não têm braço nem perna, feito qualquer cobra; quando têm cauda, ela é curta e pontiaguda; os dentes dela são curvos.





☉ COBRA-CEGA

Os olhos da cobra-cega são pequeninos e cobertos por uma escama, ou por um osso. Aliás, vivendo onde vive, embaixo da terra, numa escuridão medonha, ela nem precisa de olho.

Mas, para compensar a falta de visão, existe entre os olhos e o nariz da cobra-cega um tentáculo sensorial, mole e pontudo, que ora se espicha e ora se encolhe. É esse tentáculo que serve de bengala para a cecília: vai tateando as galerias, que não são muito profundas. Ficam a uns 20 centímetros da superfície.

Raramente se vê uma cobra-cega andando por cima da terra. Em geral elas ficam lá por baixo mesmo, preferindo as terras úmidas e fofas, as folhagens das florestas ou plantações e as beiras de riachos, sempre nas regiões tropicais do planeta.

☉ COMO VIVE O BICHO

Segundo alguns estudiosos desse tipo de anfíbio, as cobras-cegas têm uma dieta muito sofisticada: comem insetos, larvas de insetos e vermes da terra.

Há muito tempo a cobra-cega vive no planeta. Assim, existem as primitivas (verdadeiras relíquias históricas) e as modernas. As primitivas põem ovos e as larvas são aquáticas. Algumas das modernas também põem ovos, mas fazem isso dentro dos buracos cavados no solo, onde os filhotes se desenvolvem até a juventude.

Mas há outras, mais avançadinhas, cujos filhos se desenvolvem dentro do corpo da mãe, de onde saem já parecidos com o que vão ser quando crescer: uma cobra-cega adulta.

☉ PROBLEMAS DE IDENTIDADE

Além de ser confundida com a cobra-de-duas-cabeças, a cobra-cega também passa por ser minhocaçu, ou minhoca oligoqueta, que, apesar de ser parecida, é bem maior. Uma cecília pequena mede em geral entre 7 e 11 centímetros; a grande tem no máximo 30 a 70 centímetros de comprimento. Além disso, a cecília tem pequeninos dentes na boca, coisa bem imprópria para uma minhoca.

No Brasil, ninguém se interessa muito pela cobra-cega. Ela recebe vários nomes nos diversos lugares onde vive: minhocão, cobra-preta, cobra-pi-

lão, mãe-da-saúva (porque ela gosta um bocado de viver perto dos formigueiros) e indoa-imbóia, na Amazônia.

(UERJ — Oscar Rocha Barbosa — Departamento de Biologia Animal e Vegetal)

O PANTANAL

Uma das maiores planícies de sedimentação do planeta, o Pantanal estende-se pela Bolívia e Paraguai, países em que recebe outras denominações, sendo Chaco a mais conhecida.

Sua constituição, única no planeta, é resultado da separação do oceano há milhões de anos, formando o que se pode chamar de mar interior. A planície é levemente ondulada, pontilhada por raras elevações isoladas, geralmente chamadas de serras e morros, e rica em depressões rasas. Seus limites são marcados por variados sistemas de elevações, como chapadas, serras e maciços, e é cortada por grande quantidade de rios dos mais variados portes, todos pertencentes à Bacia do Rio Paraguai – os principais são os rios Cuiabá, Piquiri, São Lourenço, Taquari, Aquidauana, Miranda e Apa.

É circundado, do lado brasileiro (norte, leste e sudeste) por terrenos de altitude entre 600 e 700 metros; estende-se a oeste até os contrafortes da cordilheira dos Andes e se prolonga ao sul pelas planícies pampeanas centrais.

Vive sob o desígnio das águas: ali, a chuva divide a vida em dois períodos bem distintos. Durante os meses da seca – de maio a outubro, aproximadamente –, a paisagem sofre mudanças radicais: no baixar das águas, são descobertos campos, bancos de areia, ilhas e os rios retomam seus leitos naturais, mas nem sempre seguindo o curso do período anterior. As águas escorrem pelas depressões do terreno, formando os corixos (canais que ligam as águas de baías, lagoas, alagados, etc. com os rios próximos).

Nos campos extensos cobertos predominantemente por gramíneas e vegetação de cerrado, a água de superfície chega a escassear, restringindo-se aos rios perenes, com leito definido, a grandes lagoas próximas a esses rios, chamadas de baías, e a algumas lagoas menores e banhados em áreas mais baixas da planície. Em muitos locais, torna-se necessário recorrer a águas subterrâneas, do lençol freático ou aquíferos, utilizando-se bombas manuais ou tocadas por moinhos de vento para garantir o fornecimento às moradias e bebedouros de animais domésticos.

As primeiras chuvas da estação caem sobre um solo seco e poroso e são facilmente absorvidas. De novembro a abril as chuvas caem torrencialmente nas cabeceiras dos rios da Bacia do Paraguai, ao norte. Com o constante umedecimento da terra, a planície rapidamente se torna verde devido à





rebrotação de inúmeras espécies resistentes à falta d'água dos meses precedentes. Esse grande aumento periódico da rede hídrica no Pantanal, a baixa declividade da planície e a dificuldade de escoamento das águas pelo alagamento do solo são responsáveis por inundações nas áreas mais baixas, formando baías de centenas de quilômetros quadrados, o que confere à região um aspecto de imenso mar interior.

O aguaceiro eleva o nível das baías permanentes, cria outras, transborda os rios e alaga os campos no entorno, e morros isolados sobressaem como verdadeiras ilhas cobertas de vegetação – agrupamentos dessas ilhas são chamados de cordilheiras pelos pantaneiros. Nas ilhas e cordilheiras os animais se refugiam à procura de abrigo contra a subida das águas.

Nessa época torna-se difícil viajar pelo Pantanal pois muitas estradas ficam alagadas e intransitáveis. O transporte de gente, animais e de mercadorias só pode ser feito no lombo de animais de carga e embarcações – muitas propriedades rurais e povoações (também conhecidas como corrutelas) localizadas em áreas baixas ficam isoladas dos centros de abastecimento e o acesso a elas, muitas vezes, só pode ser feito por barco ou avião.

Com a subida das águas, grande quantidade de matéria orgânica é carregada pela correnteza e transportada a distâncias consideráveis. Representados, principalmente, por massas de vegetação flutuante e marginal e por animais mortos na enchente, esses restos, durante a vazante, são depositados nas margens e praias dos rios, lagoas e banhados e, após rápida decomposição, passam a constituir o elemento fertilizador do solo, capaz de garantir a enorme diversidade de tipos vegetais lá existente.

Por entre a vegetação variada encontram-se inúmeras espécies de animais, adaptados a essa região de aspectos tão contraditórios. Essa imensa variedade de vida, traduzida em constante movimento de formas, cores e sons, é um dos mais belos espetáculos da Terra. Por causa dessa alternância entre períodos secos e úmidos, a paisagem pantaneira nunca é a mesma, mudando todos os anos: leitos dos rios mudam seus traçados; as grandes baías alteram seus desenhos.

COSTUMES PANTANEIROS

© ALIMENTAÇÃO

O pantaneiro tem o hábito de acordar muito cedo, para as lidas dos seus afazeres. No seu alimento matutino, logo na manhã antes de ir à lida, tem o hábito de se alimentar muito bem. Esse hábito tem o nome de quebra-torto, um café reforçado, com pão, arroz com carne seca, café e outras delícias proporcionadas pela vasta planície.

☉ TERERÉ

Herdado da tradição guarani, o tereré é uma bebida servida em cuia, com erva-mate e água gelada. É bastante consumido pelos pantaneiros, principalmente antes do meio-dia, depois da realização do trabalho matutino. Também se toma o tereré à tarde e antes da noite, quase sempre em rodas de conversas entre famílias, peões ou amigos. Esse costume também chegou às cidades pantaneiras, locais onde as pessoas se reúnem nas calçadas para “jogar uma conversa fora” e se refrescar com a bebida. Em outras regiões, como no Oeste do Paraná, ele é tomado com refrigerante, mas o tereré original é composto apenas por erva-mate e água natural.

☉ SARRABULHO

O sarrabulho é um prato de alto teor calórico que poucos sabem preparar. De origem portuguesa, tornou-se popular no Nordeste e também em Corumbá. No norte de Portugal é preparado com miúdos de porco ou cabrito. Aqui, talvez pela atividade pecuária e abundância do produto, se fez a opção pela carne de bovinos. Deve ser servido com arroz branco e mandioca cozida. Ingredientes para o preparo: fígado, rins, coração e carne moída.

☉ URUCUM

Urucum é uma semente de coloração avermelhada, que vem do tupi *uru-ku*, significa vermelho, conhecida popularmente por urucum, urucu, açafroa, colorau. Da família botânica Bixáceas, serve como tempero e corante de alimentos. É muito utilizado na culinária pantaneira em preparos de peixes, jacarés e caldo de piranha. Os índios sempre o usaram para pintar o corpo em suas comemorações festivas e, com isso, se defender contra picadas dos mosquitos.

☉ CARNE DE JACARÉ

Embora não pareça, o jacaré é comestível. A parte mais nobre do corpo do animal, aproveitada na culinária, é o rabo. É uma carne branca e consistente. Lembra muito a carne de frango, mas tem um leve sabor de carne de peixe de água doce. Pode ser servida frita ou ensopada como os peixes.

☉ CALDO DE PIRANHA PANTANEIRO

As piranhas são um grupo de peixes carnívoros de água doce que habitam alguns rios do Pantanal e demais regiões brasileiras. Existem três es-





pécies de piranha no Pantanal e elas podem ser perigosas. Por isso, em local onde se costuma limpar peixes não é aconselhável mergulhar, pois ela poderá mordê-lo por engano. A piranha também pode morder depois de morta. Seus dentes afiados podem cortar carne e até osso num movimento brusco. Na região do Pantanal sua carne é utilizada para se fazer o famoso caldo de piranha.

☉ ARROZ CARRETEIRO

O arroz carreteiro é uma comida muito conhecida no Estado do Mato Grosso do Sul e na região do Pantanal. Foi herdado de peões vindos do Sul do País, onde é tão típico como o churrasco. É uma refeição feita geralmente nas estradas e acampamentos por peões que levam o gado de uma região para outra, permanecendo muitas vezes vários dias fora de casa, e que carregam em suas bagagens a carne de sol ou resto de churrasco. Depois de picar essa carne preparam-na com arroz e tempero a gosto. Alguns carreteiros (motoristas de caminhões) também têm o costume de fazer o arroz carreteiro por ser uma refeição de fácil preparo nas estradas.

DIVERSIDADE

☉ FLORA

A vegetação pantaneira é um mosaico de cinco regiões distintas: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Chaco (paraguaio, argentino e boliviano). Durante a seca, os campos se tornam amarelados, não sendo raro a temperatura descer a níveis abaixo de 0°C e registrar geadas, influenciada pelos ventos que chegam do sul do continente.

A vegetação do Pantanal não é homogênea e há um padrão diferente de flora de acordo com o solo e a altitude. Nas partes mais baixas, predominam as gramíneas, que são áreas de pastagens naturais para o gado – a pecuária é a principal atividade econômica do Pantanal. A vegetação de cerrado, com árvores de porte médio entremeadas de arbustos e plantas rasteiras, aparece nas alturas médias. Poucos metros acima das áreas inundáveis ficam os capões de mato, com árvores maiores como angico, ipê e aroeira.

Em altitudes maiores, o clima árido e seco torna a paisagem parecida com a da caatinga, apresentando espécies típicas como o mandacaru, plantas aquáticas, piúvas (da família dos ipês com flores róseas e amarelas), palmeiras, orquídeas, figueiras e aroeiras.

O Pantanal possui uma vegetação rica e variada, que inclui a fauna típica de outros biomas brasileiros, como o Cerrado, a Caatinga e a região amazônica. A camada de lodo nutritivo que fica no solo após as inundações permite o desenvolvimento de uma rica flora. Em áreas em que as inundações dominam,

mas que ficam secas durante o inverno, ocorrem vegetações como a palmeira carandá e o paratudal.

Durante a seca, os campos são cobertos predominantemente por graminhas e vegetação de cerrado. Essa vegetação também está presente nos pontos mais elevados, onde não ocorre inundação. Nos pontos ainda mais altos, como os picos dos morros, há vegetação semelhante à da caatinga, com barrigudas, gravatás e mandacarus. Ainda há a ocorrência de vitória-régia, planta típica da Amazônia. Entre as poucas espécies endêmicas está o carandá, semelhante à carnaúba.

A vegetação aquática é fundamental para a vida pantaneira: imensas áreas são cobertas por batume, plantas flutuantes como o aguapé e a salvinha. Essas plantas são carregadas pelas águas dos rios e juntas formam verdadeiras ilhas verdes, que na região recebem o nome de camalotes. Há ainda no Pantanal áreas com mata densa e sombria. Em torno das margens mais elevadas dos rios ocorre a palmeira acuri, que forma uma floresta de galerias com outras árvores, como o pau-de-novato, a embaúba, o genipapo e as figueiras.

© FAUNA

A fauna pantaneira é muito rica, provavelmente a mais rica do planeta. Há 650 espécies de aves (no Brasil inteiro estão catalogadas cerca de 1.800). A mais espetacular é a arara-azul-grande, uma espécie ameaçada de extinção. Há ainda tuiuiús (a ave símbolo do Pantanal), tucanos, periquitos, garças-brancas, jaburus, beija-flores (os menores chegam a pesar dois gramas), socós (espécie de garça de coloração castanha), jaçanãs, emas, seriemas, papagaios, colhereiros, gaviões, carcarás e curicacas.

No Pantanal já foram catalogadas mais de 1.100 espécies de borboletas.

Contam-se mais de 80 espécies de mamíferos, sendo os principais a onça-pintada (atinge 1,2 m de comprimento e pesa até 150 kg), capivara, lobinho, veado-campeiro, veado-catingueiro, lobo-guará, macaco-prego, cervo-do-pantanal, bugio (macaco que produz um ruído assustador ao amanhecer), porco-do-mato, tamanduá, cachorro-do-mato, anta, bicho-preguiça, ariranha, suçuarana, quati, tatu, etc.

A região também é extremamente piscosa, já tendo sido catalogadas 263 espécies de peixes: piranha, pacu, pintado, dourado, cachara, curimatá, piraputanga, jaú e piau são algumas das espécies encontradas.

Há 93 espécies de répteis, sendo o principal o jacaré (jacaré-do-pantanal e jacaré-de-coroa), sucuri, jiboia, cobras-d'água, lagartos (camaleão, calango-verde) e quelônios (jabuti e cágado).

Extraído e adaptado de <http://pt.wikipedia.org/>





GIGANTE ENTRE AS ARARAS

Conheça mais uma ave que integra nossa galeria de bichos ameaçados de extinção

Você sabia que a maior arara do mundo é brasileira? Brasileira e bonita como só ela! A arara-azul-grande tem penas de um azul muito escuro, tanto que, de longe, elas parecem pretas. Além disso, sua cabeça é cheia de detalhes em amarelo: há um anel em torno dos olhos e, perto deles, na parte inferior do bico, uma faixa em forma de meia-lua.

Os machos e fêmeas da arara-azul-grande são muito parecidos. Por conta disso, é difícil dizer quem é quem. Mas não se engane: a semelhança só é problema para nós. Para as aves, ela não causa confusão. Na hora de se reproduzir, quem disse que a arara-azul-grande se confunde? Machos e fêmeas se encontram e... iniciam o namoro!

No Pantanal do Mato Grosso, o período de reprodução da arara-azul-grande vai de julho a março. Os ninhos são construídos em cavidades encontradas nos buritis ou em outras árvores que têm o tronco oco, podendo ser reutilizados em outros anos. Ali, a arara-azul-grande põe de um a três ovos, que são chocados, aproximadamente, por um mês. E que ninguém tente se aproximar do ninho desta ave! Seja homem, seja bicho, o resultado é o mesmo: um ataque muito agressivo!

A arara-azul-grande alimenta-se de sementes de frutas, principalmente de cocos de palmeiras. Mas isso não impede que ela seja atraída também por árvores frutíferas como mangueiras, jabuticabeiras, goiabeiras, laranjeiras e mamoeiros. No Pantanal do Mato Grosso, essa ave desce ao chão para colher coquinhos de um tipo de palmeira conhecida como acuri. A arara-azul-grande também tem o costume de abrir os cocos da macaúba, uma palmeira muito frequente no Brasil Central, usando um pedaço de madeira, que fixa ao seu bico.

O desmatamento e o comércio ilegal da arara-azul-grande são os motivos que a colocam na lista dos animais ameaçados de extinção. Embora sua compra e venda sejam proibidas sem licença especial, essa ave, por ser tão bonita e colorida, costuma ser procurada por pessoas que querem criá-la em cativeiro. A destruição de árvores que abrigam os ninhos da espécie e que servem como fonte de alimento para a arara-azul-grande também contribui para agravar a situação da espécie. A boa notícia, no entanto, é que você e seus amigos podem, sim, ajudar a impedir a extinção desse belo animal. Como? Protegendo a natureza para que essa arara tenha sempre o que comer e onde fazer os seus ninhos.

Extraído de *Ciência Hoje das Crianças*, 143, janeiro/fevereiro de 2004.
Alline Storni e Maria Alice S. Alves, Instituto de Biologia, Setor de Ecologia,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

TEXTOS INSTRUACIONAIS

RECEITAS

DOCES

1. PAMONHA DO NORTE

INGREDIENTES

½ quilo de fubá

Leite grosso de um coco

Açúcar a gosto

Uma pitada de sal

1 colherinha (chá) de manteiga

Erva-doce

Leite, o quanto baste

MODO DE FAZER

Ponha numa vasilha funda o fubá, o leite de coco, o sal, a manteiga e leite suficiente para formar um mingau grosso.

Adoce então a gosto e junte a erva-doce, depois de esfregá-la um pouco entre os dedos.

Costure à máquina uns saquinhos de algodãozinho grosso, com uns 15 cm de comprimento por 10 cm de diâmetro. Encha esses saquinhos com a massa de fubá e amarre a boca de cada um, deixando um espaço entre a massa e o amarrilho. À medida que os for enchendo e amarrando, deite-os num caldeirão de água fervente, levemente adocicada.

Quando endurecerem, a pamonha está cozida. Vá retirando-os então e levando-os para uma peneira, a fim de escorrerem bem.

Tire as pamonhas dos saquinhos enquanto quentes, mas depois de bem escorridas. Sirva-as frias, com café ou café com leite.





2. BOLINHOS DE TAPIOCA

INGREDIENTES

- 1 pacotinho de tapioca
- 1 copo e um pouco mais de leite
- 3 ovos
- 1 colher (sopa) de manteiga
- Sal
- Erva-doce

MODO DE FAZER

Misture o leite e a tapioca e deixe inchar durante 4 a 5 horas. Junte então a manteiga, o sal, a erva-doce e os ovos. Faça os bolinhos e asse-os em fogo brando.



3. BROAS DE FUBÁ

INGREDIENTES

- 2 colheres (sopa) de manteiga
- 2 colheres de gordura
- 2 ovos
- 2 xícaras (chá) de açúcar
- 3 xícaras de leite
- 3 xícaras de fubá
- 1 xícara de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) bem cheia de fermento

MODO DE FAZER

Bata bem a manteiga, a gordura, o açúcar e as gemas. Junte o leite, o fubá, a farinha de trigo peneirada, as claras batidas em neve e, por último, o fermento.

Bata a massa bem batida e leve ao forno bem quente em assadeiras untadas.



4. COCADAS DE OVOS

INGREDIENTES

1 quilo de açúcar

1 coco ralado

12 gemas

Essência de baunilha, ou canela em pau e cravos

MODO DE FAZER

Faça com o açúcar uma calda em ponto de fio. Retire do fogo, junte o coco ralado e as gemas, misture tudo muito bem e torne a levar ao fogo, com um pedaço de canela e alguns cravos, se não for perfumar com a essência de baunilha. Neste último caso, só junte a baunilha quando retirar a cocada do fogo, o que deverá ser feito quando, sempre mexendo, a calda estiver bem grossa.

Sirva, depois de fria, em compoteira ou em cálices.

5. ARROZ-DOCE

INGREDIENTES

2 xícaras (chá) de arroz

1 litro de leite

Açúcar a gosto

1 colher (sopa) rasa de manteiga

Gemas de ovo à vontade

Uma pitada de sal

Canela em pó

MODO DE FAZER

Cozinhe o arroz em água, com uma pitada de sal, até que fique bem cozido e seco.

Feito isso, mude-o para outra caçarola, junte o leite e torne a levar ao fogo, para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem mole, junte o açúcar e a manteiga e deixe cozinhar em fogo brando, mexendo de vez em quando para que não grude no fundo da caçarola.

Quando estiver bem grosso, retire do fogo, junte as gemas desmanchadas à parte e passadas na peneira, e torne a levar ao fogo para que cozinhe mais um pouco.

Estando bem grosso, retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Quando estiver quase morno, despeje em tacinhas, em cálices grandes, ou mesmo em pratos de doce, polvilhando com canela em pó.

Fica mais saboroso cozinhando o arroz no leite.





SALGADOS

1. BATATA FRITA

INGREDIENTES

Batatas
Óleo para fritar
Sal

MODO DE FAZER

Descasque as batatas, lave-as, enxugue-as e corte-as conforme o gosto: em rodelas finas ou mais grossas, ou em palitos.

Pouco antes de servir, polvilhe as batatas com sal fino e frite-as em bastante óleo bem quente numa caçarola funda.

Quando começarem a alourar, mexa com a escumadeira, para que todas fritem por igual; depois de todas nesse ponto, retire-as do óleo com a escumadeira, levando para uma peneira, para escorrerem bem.



2. BOLINHOS DE ARROZ

INGREDIENTES

2 xícaras (chá) de arroz já feito
2 ovos
1 colher (chá) de manteiga
2 colheres (sopa) de queijo ralado
Salsa picada
Um pouco de leite
Óleo para fritar

MODO DE FAZER

Passar o arroz na máquina de moer carne, juntar os demais ingredientes, misturar muito bem e fritar às colheradas, em óleo bem quente.



3. MACARRÃO AO ALHO E ÓLEO

INGREDIENTES

½ quilo de macarrão
2 colheres (sopa) de azeite ou de óleo
5 dentes de alho partidos em rodelas
Rodelas de cebola
Salsa picada
Sal

MODO DE FAZER

Cozinhe o macarrão em água fervente com sal e um fio de óleo, tomando cuidado para que não amoleça demais; escorra-o bem.

Leve ao fogo uma panela com o azeite, o alho e a cebola; refogue, tendo o cuidado de não deixar o alho e a cebola escuros; quando tiverem uma bonita cor amarela, deite-lhe o macarrão escorrido, junte sal fino a gosto, e depois misture bem o macarrão ao azeite. Junte-lhe a salsa e sirva bem quente, numa travessa.

(Receitas extraídas e adaptadas do livro *Dona Benta — Comer Bem*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987)





JOGOS E BRINCADEIRAS

1. QUEIMADA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⑥ 1 bola
- ⑥ Rede de tênis ou corda (para a variação)
- ⑥ Outras bolas (para a variação)

NÚMERO DE PARTICIPANTES

Não há limite máximo

MODO DE JOGAR

O jogo acontece entre dois times com o mesmo número de jogadores e a utilização de uma bola. O campo é dividido ao meio e são estabelecidas duas ou mais zonas de “cemitério”, para onde migram os jogadores que são “queimados”.

O objetivo do jogo é “queimar”, ou seja, acertar o adversário com a bola através de um arremesso, e com isso fazê-lo migrar para o “cemitério”. Vence a partida o time que “queimar” todos os adversários, ou o maior número deles.

Apesar de terem sido “queimados”, os jogadores que ficam no “cemitério” permanecem podendo “queimar” os oponentes.

Deve-se combinar que partes do corpo são “quentes” ou “frias”, ou seja, quais as partes do corpo que configuram ou não a “queimada”.

Pode-se ainda combinar que, caso a criança seja atingida pela bola mas consiga agarrá-la sem deixar cair no chão, o arremessador seja considerado “queimado”.

VARIAÇÕES

- ⑥ Conforme esquema acima, organizar 2 ou 6 “cemitérios”.
- ⑥ Estabelecer a permanência de um número fixo de jogadores nos “cemitérios”, estabelecendo um rodízio, ou seja, a cada jogador “queimado” é contado um ponto e ele substitui o jogador que estava no “cemitério”. Essa variação contribui para manter a motivação dos jogadores que vão sendo “queimados”.
- ⑥ Estabelecer alvos com objetos para serem atingidos, em vez de jogadores. Esses alvos são colocados dentro de espaços circulares desenhados no chão, dentro de cada campo de jogo. Os jogadores devem defender os alvos com todas as partes do corpo, sem invadir a área circular em que os alvos

estão colocados. Atingir um alvo corresponde a “queimar” um jogador adversário e o autor do arremesso escolhe, no time oposto, qual jogador deve migrar para o “cemitério”.

- ⊗ Utilizar duas bolas, simultaneamente.
- ⊗ É colocada sobre a linha central do campo uma rede de tênis, solicitando dos jogadores um salto combinado com o arremesso.
- ⊗ Atrás de cada “cemitério” é colocado um gol, que deve ser defendido pelos jogadores que já foram queimados. Os atacantes podem escolher entre “queimar” os adversários, ou tentar arremessar a bola dentro do gol.

2. PIQUE-BANDEIRA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 2 bolas
- ⊗ Bolas pequenas (para a variação)

MODO DE JOGAR

O jogo acontece entre dois times com o mesmo número de jogadores e com a utilização de duas bolas. O campo é dividido ao meio, e são estabelecidas nas extremidades de cada um duas zonas de “piques” onde são colocadas as bolas para o início de cada jogada.

O objetivo do jogo é atravessar o campo do adversário, sem ser tocado por nenhum oponente, até alcançar a zona de “piques” em que está a bola, dentro da qual não pode ser “pego”. Na posse da bola, realizar a travessia de volta ao seu campo, também sem ser tocado por nenhum oponente. Caso isso ocorra com sucesso, é marcado um ponto para o seu time, e os jogadores das duas equipes se dividem nos dois campos para que seja iniciada uma nova jogada.

Caso o jogador seja tocado por um defensor adversário, deve permanecer “duro”, ou seja, fixo no local em que foi “pego”, até ser tocado por um jogador do seu próprio time. Se o atacante é “pego” de posse da bola, durante a travessia de volta, deve devolvê-la à zona de “piques” e permanecer aguardando ser “salvo”.

O jogo, portanto, envolve basicamente os papéis de atacante, defensor e “salvador”, e o educador pode estabelecer como regra que, a cada jogada ou ponto, ocorra um rodízio de jogadores em cada uma dessas funções.

VARIAÇÕES

- ⊗ Incluir a possibilidade de que seja feito um arremesso da zona de “piques” para um outro jogador da mesma equipe, desde que esse se encontre no





campo do adversário. É possível, inclusive, ser considerado “salvo” o jogador que estiver paralisado numa posição e receber o arremesso.

- ⦿ Tornar obrigatório que a travessia do campo do adversário seja feita quicando a bola no solo.
- ⦿ Utilizando bolas pequenas (tipo tênis), é possível criar uma variação interessante. Cada time começa a jogada de posse da bola no seu próprio campo, e tem por objetivo atravessar o campo do adversário e colocar a bola na zona de “piques”. Fica também permitido esconder a bolinha na roupa, ou seja, dificultando para o adversário saber quem realmente é o atacante que oferece perigo, e exerça a função de defesa sem saber quem está de posse da bola. Nessa variação, é necessário fazer uma pausa entre um ponto e outro para que as equipes possam esconder a bolinha e definir sua estratégia de jogo.

3. VASSOUROBOL

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 1 bola
- ⦿ 2 vassouras
- ⦿ 2 cadeiras

MODO DE JOGAR

O grupo é dividido em duas equipes, e os jogadores são numerados individualmente.

Cada equipe se posiciona na linha de fundo da extremidade do campo de jogo, um ao lado do outro, na ordem da numeração feita.

Sobre cada linha de fundo é colocada uma cadeira, que servirá como gol ou meta, e sobre cada cadeira é colocada uma vassoura comum. Uma bola é colocada no centro do campo de jogo.

Ao sinal do educador, que enuncia um determinado número, os dois jogadores de cada equipe correspondentes a esse número pegam as vassouras e, utilizando-as como tacos de hóquei, tentam empurrar a bola para dentro da meta adversária.

A rodada termina após todos os jogadores terem sido chamados e os pontos são contados. Recomenda-se que a numeração seja feita considerando uma correspondência com o grau de habilidade de cada criança.

VARIAÇÕES

- ⦿ Em vez de vassouras, podem ser utilizados os pés e os movimentos do futebol, ou as mãos e os movimentos do handebol.

4. BOLA AO CENTRO

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊙ 1 ou 2 bolas

MODO DE JOGAR

A organização do campo e dos jogadores é semelhante à do jogo anterior, e utiliza-se apenas a bola no centro do campo.

Ao sinal do educador, cada dupla correspondente ao número enunciado corre ao centro do campo e tenta pegar a bola antes do adversário.

O jogador que pega a bola primeiro tenta retornar à sua equipe; caso consiga chegar de volta à linha de fundo, marcará um ponto.

O jogador sem a bola persegue o adversário, tentando tocá-lo antes que retorne ao seu campo.

O ponto resulta do sucesso de uma dessas duas tarefas.

VARIAÇÕES

- ⊙ São colocadas duas bolas no centro, e o campo é dividido ao meio por uma linha desenhada no chão.
- ⊙ Um dos jogadores pega uma das bolas e tenta retornar ao seu time. O outro jogador, sem ultrapassar a linha central, tenta “queimá-lo” através de um arremesso com a segunda bola.
- ⊙ O sucesso da primeira tarefa resulta em dois pontos e o da segunda tarefa, em um ponto.

5. GUERRA DAS BOLAS

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊙ 1 bola de plástico grande e leve
- ⊙ Bolas de borracha em número equivalente à metade dos participantes
- ⊙ Giz
- ⊙ Rede de voleibol (para a variação)
- ⊙ 1 bola de plástico (para a variação)

MODO DE JOGAR

No campo de jogo é desenhado um grande círculo (o diâmetro depende do alcance de arremesso das crianças e do espaço disponível). Esse grande círculo é dividido ao meio por uma linha central.

Cada equipe recebe um número de bolas correspondente à metade do





número de jogadores e ocupa uma das metades do círculo, posicionando-se fora dele.

No centro do círculo é colocada a bola de plástico, diferente das distribuídas aos jogadores.

O objetivo do jogo é atingir a bola central com as demais, de forma a empurrá-la em direção ao campo do adversário, tentando fazer com que ela ultrapasse a linha, ou seja, saia do círculo.

Para a defesa, é válido utilizar as próprias bolas de arremesso e as mãos, sendo proibido chutar qualquer das bolas do jogo.

Para ambas as equipes, é proibido entrar no círculo.

Cada vez que é feito um ponto, as bolas dispersas no interior do círculo são recolhidas e divididas, a bola central é colocada na sua posição original, e inicia-se uma nova rodada.

VARIAÇÕES

- Ⓢ São utilizadas duas bolas centrais, em vez de uma.
- Ⓢ Para dificultar as ações, é colocada uma rede de voleibol sobre a linha central, numa altura que permita a passagem da bola central.

6. CARIMBO

MATERIAL NECESSÁRIO

- Ⓢ 1 bola

MODO DE JOGAR

Esse jogo é similar à queimada, mas transcorre num campo no qual se delimita apenas onde é dentro e onde é fora — não existem linhas divisórias de qualquer tipo. Também não existem equipes, pois a participação é individual: cada um por si, todos contra todos.

O objetivo principal do jogo é atingir o maior número possível de adversários, arremessando a bola na sua direção. Quando o adversário é atingido, ele deve agachar, e fica temporariamente nessa posição, até que recupere a bola de alguma maneira.

A única restrição que existe é que não é válido correr de posse da bola, ou seja, o jogador que tem a bola tem de tentar “queimar” os adversários a partir da posição em que se encontra.

Só é válido correr para tentar pegar a bola, e para fugir de ser “queimado”. Caso aconteça de sobrar apenas um jogador em pé, ele será considerado vencedor e é reiniciada outra rodada.

VARIAÇÕES

- ⦿ São utilizadas duas bolas, em vez de uma.
- ⦿ Organizam-se duplas ou trios, em vez da dinâmica individual. Essa variação enriquece o desenvolvimento das habilidades de passar e arremessar e os deslocamentos dos jogadores.
- ⦿ Inclui-se a seguinte regra: quando um jogador consegue agarrar o arremesso feito por outro, com a intenção de “queimá-lo”, sem permitir que a bola caia no chão, o jogador que fez o arremesso é considerado “queimado” e tem de agachar.

7. QUEM TOCA MAIS GANHA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⦿ 1 bola

MODO DE JOGAR

Num campo aberto, somente com duas delimitações laterais e duas linhas de fundo, duas equipes espalhadas aleatoriamente têm como objetivo trocar o maior número possível de passes, sendo que estes não podem ter a interferência de qualquer membro da equipe adversária.

Cada toque representa um número na contagem, que deve ser feita paralelamente aos passes, em voz alta.

Quando um passe sofrer interferência da equipe adversária, a contagem recomeça do zero.

VARIAÇÕES

- ⦿ Determina-se um tempo para cada equipe realizar a desafio.
- ⦿ Cada equipe tem três chances de realizar o maior número possível de passes, e conta-se o maior deles ou a soma dos três.
- ⦿ A cada interceptação, a equipe que a fez ganha a posse da bola.
- ⦿ Realizar essa atividade com as mãos.
- ⦿ Variar o tamanho e o peso das bolas.
- ⦿ Não poder deixar a bola cair no chão — o passe tem de ser aéreo.
- ⦿ O passe só pode ser quicando.





8. ALERTA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ Bola

MODO DE JOGAR

Não é preciso delimitar o espaço para esse jogo. É necessário apenas que não existam obstáculos no terreno que possam representar algum perigo para os alunos.

Com todos os jogadores próximos uns dos outros, um deles na posse de uma bola qualquer, arremessa-a para o alto e grita o nome de alguém do grupo, enquanto todos fogem o mais rapidamente possível. Simultaneamente, o jogador cujo nome foi anunciado, corre atrás da bola e, ao pegá-la, grita: “Alerta!”.

Nesse momento, todos os demais têm de ficar estacionados no lugar em que estavam. O jogador com a bola tenta arremessar na direção de um dos demais, tentando “queimá-lo”. Independentemente do sucesso dessa tentativa, o jogador que foi o alvo será o iniciante da próxima rodada.

9. BEISEBOL DE CHUTE, OU REBATIDA

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola
- ⊗ 1 taco

MODO DE JOGAR

Os participantes são divididos em duas equipes, e no espaço é delimitado um quadrado com laterais medindo 8 metros de comprimento, mais ou menos.

Num dos vértices do quadrado (chamado de **base 1**) ficará o rebatedor da equipe que ataca em primeiro lugar; os demais vértices são chamados de **bases 2, 3 e 4**. A outra equipe se distribui pelo espaço, do lado de fora do quadrado, para defender.

O educador se coloca no centro do quadrado e, desse ponto, joga uma bola na direção do rebatedor (rolando, quicando ou pelo alto, sem bater no chão).

Um de cada vez, os jogadores da equipe atacante se posicionam na **base 1** e tentam rebater a bola o mais longe possível (chutando, com um tapa ou com um taco). Assim que rebate, o atacante corre em direção à primeira base, enquanto os adversários vão buscar a bola e tentam “queimar” o rebatedor durante a sua corrida para a base. Dessa forma, as bases funcionam como “piques” para os rebatedores.

O rebatedor pode tentar chegar até a primeira base e, se julgar possível, prosseguir até as seguintes. Se se considerar ameaçado pela proximidade da bola, ele estaciona numa base e aguarda o rebatedor seguinte para tentar mais um trecho de corrida. Cada lateral do quadrado que for percorrida conta um ponto para a equipe do rebatedor, que pode portanto fazer um máximo de 4 pontos por rodada.

Caso ele seja “queimado” entre uma base e outra, ele dá a vez para o rebatedor seguinte, sendo no entanto contados os pontos das bases anteriores que foram percorridas. Em resumo, atacar significa rebater e correr, e defender significa interceptar a bola rebatida e, com ela, a corrida do rebatedor.

Quando todos os jogadores de uma equipe tiverem feito a rebatida e a corrida, somam-se os pontos da equipe, e as equipes trocam de papel de ataque e defesa.

10. CÂMBIO

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola
- ⊗ Rede de vôlei ou corda

MODO DE JOGAR

Esse jogo é uma simplificação do voleibol. O espaço, a altura da rede e o número de participantes são estabelecidos conforme a conveniência do momento, e o sistema de contagem de pontos permanece o mesmo do jogo oficial. Mas em vez da utilização do toque e da manchete, os jogadores podem agarrar a bola que vem do campo adversário, trocar passes entre si e arremessá-la de volta com uma das mãos ou com as duas.

Com o objetivo de favorecer a participação dos jogadores, pode-se combinar um determinado número mínimo de passes entre uma equipe, antes de a bola ser arremessada ao campo do adversário.

11. TACO OU BÉTIS

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊗ 1 bola pequena de borracha
- ⊗ 2 tacos de madeira
- ⊗ 2 “casinhas” (feitas com varetas de madeira, ou outra coisa que sirva de alvo)





MODO DE JOGAR

Quatro jogadores, em duplas, alternam os papéis de ataque e defesa. São utilizados dois tacos de madeira, uma bolinha de borracha e duas “casinhas” construídas com três varetas de madeira apoiadas entre si, num formato de pirâmide.

O campo de jogo é delimitado com a demarcação de dois círculos no chão (“selas”), de aproximadamente 1 metro de diâmetro, onde serão colocadas as “casinhas”, ou outro alvo similar (latas, garrafas plásticas).

A distância entre as “selas” varia conforme o espaço disponível e com a força e precisão de arremesso dos jogadores; em geral não ultrapassa os 10 a 15 metros.

Realiza-se um sorteio inicial para determinar que dupla fica de posse da bolinha e que dupla fica de posse dos tacos.

A dupla que começa com a bola posiciona cada um dos jogadores atrás de uma das “selas”; dessa posição, arremessa a bola na direção da “casinha” oposta, tentando derrubá-la.

A dupla que fica de posse dos tacos se posiciona na frente das “selas”, com a ponta do taco encostada no chão, sem pisar dentro do círculo, com dois objetivos básicos: evitar que sua “casinha” seja derrubada e rebater a bola o mais longe possível. Quando isso ocorre, enquanto a dupla de defesa vai recuperá-la, os jogadores de ataque correm um em direção ao outro, “cruzando” os tacos no alto e retornando às “selas”. Cada “batida” entre os tacos vale um ponto.

A dupla de defesa pode ganhar a posse dos tacos e passar a atacar caso:

- ⊙ consiga derrubar uma “casinha” com um arremesso;
- ⊙ consiga atingir um jogador de ataque com a bolinha, enquanto ele estiver com o taco fora da “sela”, seja durante a corrida, seja durante a própria tentativa de rebater;
- ⊙ ocorra o “três pra trás”, que consiste em três tentativas de rebater em que a bolinha toca no taco mas vai para trás, e não para frente.

12. DOIS TOQUES (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

- ⊙ 1 bola

MODO DE JOGAR

Organização e regras do futebol convencional, com restrição apenas ao número de dois toques na bola permitido a cada jogador, podendo ser ampliada gradativamente. Quando alguém dá mais toques que o permitido, é falta a ser cobrada pelo adversário.

13. ATAQUE E DEFESA (FUTEBOL)

O campo de jogo é dividido ao meio, e as equipes também. Os jogadores da defesa não podem ultrapassar a linha de meio-de-campo, e os jogadores de ataque não podem recuar para seu próprio campo de defesa.

No caso de alguém desrespeitar a regra, é falta a ser cobrada pelo adversário no ponto em que o meio-de-campo foi ultrapassado indevidamente. As demais regras permanecem sendo as oficiais.

VARIAÇÕES

- Ⓢ Um goleiro, cinco jogadores na defesa e cinco jogadores de ataque.
- Ⓢ Um goleiro, sete jogadores na defesa e apenas três de ataque.
- Ⓢ Um goleiro, três jogadores na defesa e sete no ataque.

Sugere-se que as três variações sejam utilizadas numa mesma aula, e que se faça um revezamento dentro dos próprios times, para que todos tenham a oportunidade de jogar no gol, na defesa e no ataque.

14. CONTROLE (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

- Ⓢ 1 bola

MODO DE JOGAR

Jogo realizado em pequenos grupos, de até seis jogadores. Um desses jogadores será o goleiro; a meta que ele irá defender deve estar bem delimitada, pois o acerto ou o erro nesse jogo depende disso.

O goleiro tem a seu favor uma área próxima a sua meta, também previamente combinada, que não pode ser utilizada pelos jogadores atacantes para chutar a bola em direção ao gol, valendo apenas cabeceá-la.

Os demais jogadores devem trocar passes entre si, evitando que a bola toque o solo entre um jogador e outro, ou seja, “controlando” a bola no ar. Os atacantes tentam fazer o gol, chutando ou cabeceando a bola de “primeira”, emendando uma bola recebida pelo alto, ou depois de dominá-la sem deixar cair no chão.

Caso o arremate seja feito para fora da meta, o jogador responsável perde um ponto, e a cada três pontos perdidos ele assume a posição do goleiro, que passa a jogar como atacante.

Caso o gol aconteça, o goleiro perde um ponto e a cada três pontos perdidos os pontos negativos dos atacantes são “zerados”.

O interesse do goleiro, portanto, é defender a sua meta da maneira mais eficiente possível, para forçar o erro dos atacantes e poder assumir o seu lugar.





15. REBATIDA E DRIBLE (FUTEBOL)

MATERIAL NECESSÁRIO

© 1 bola

MODO DE JOGAR

Esse jogo é realizado com quatro jogadores, em duas duplas.

Uma das duplas defende o gol (caso a meta seja de futsal, um dos jogadores fica como goleiro e o outro se coloca ao lado da trave; caso a meta seja de futebol de campo, os dois jogadores assumem a posição de goleiros). A outra dupla realiza a cobrança de “pênaltis”, de uma distância combinada previamente.

Quando ocorre de o(s) goleiro(s) rebater(em) a bola, surge a possibilidade de uma disputa rápida com dribles e passes entre as duplas de ataque e defesa, que pode ou não resultar em gol.

Cada jogador realiza três cobranças, podendo portanto a dupla de ataque conseguir totalizar um máximo de seis gols.

Em seguida, invertem-se os papéis e a dupla que defendeu vai fazer as cobranças, comparando-se os resultados no final.

16. CINCO CORTA (VÔLEI)

MATERIAL NECESSÁRIO

© 1 bola

MODO DE JOGAR

Jogo realizado em pequenos grupos de mais ou menos dez jogadores, utilizando os movimentos fundamentais do vôlei.

Os jogadores formam um círculo no espaço disponível e trocam a bola entre si, utilizando o “toque” e a “manchete”.

No quinto “toque”, o jogador tenta atingir um dos demais utilizando uma “cortada”.

Se o jogador alvo da “cortada” for atingido, ele se agacha no centro do círculo de jogadores. Caso ele consiga desviar-se, ou agarrar a bola sem deixá-la cair no chão, o jogador que efetuou a “cortada” vai para o centro.

À medida que o jogo vai transcorrendo, alguns jogadores vão se juntando no centro do círculo, e esse grupo de jogadores também pode ser alvo das “cortadas” dos demais.

Quando alguém do centro consegue agarrar a bola que foi “cortada” na sua direção, ele troca de lugar com o jogador que efetuou a “cortada”.

Caso só reste um jogador em pé, ele é declarado vencedor e se inicia uma nova rodada.

17. VINTE E UM (VÔLEI)

MATERIAL NECESSÁRIO

⊙ 1 bola

MODO DE JOGAR

A organização desse jogo é semelhante à do **câmbio**. A variação ocorre na forma de pontuação.

O campo de jogo de cada equipe é dividido em quatro partes iguais e cada quadrado desses é numerado de 1 a 4. Quando a bola arremessada toca o solo, o ponto realizado corresponde à numeração de cada quadrado.

À medida que o jogo vai transcorrendo, os pontos vão sendo somados com o objetivo de totalizar 21, não podendo, no entanto, ultrapassar esse total. Caso isso aconteça, a equipe “estoura” a contagem e recomeça de 11 pontos.

Portanto, quando cada uma das equipes vai se aproximando dos 21 pontos, deve direcionar a bola para os quadrados demarcados no campo do adversário que permitam que a soma de pontos seja exatamente 21.

No lado da outra equipe, é justamente nesses quadrados que devem ser concentrados os esforços da defesa.

É possível, ainda, utilizar os movimentos fundamentais do vôlei, em vez de apenas arremessos, utilizando a mesma organização de regras e contagem de pontos.

18. CABRA-CEGA

MATERIAL NECESSÁRIO

⊙ 1 venda para os olhos

MODO DE JOGAR

Esse jogo constitui um ótimo recurso para atividades em dias de chuva, pois pode ser realizado dentro de sala de aula, ou em espaços mais restritos.

Um pegador tem seus olhos vendados por um lenço ou similar; depois de girar o corpo em torno de si mesmo algumas vezes, tenta pegar os demais utilizando os sentidos do tato e da audição.

Aos demais, cabe apenas tentar fugir e confundir o pegador, sendo proibido, no entanto, tocá-lo.





Quando alguém é pego, tem seus olhos vendados e assume o papel de pegador.

O interessante da atividade é a utilização de sentidos que normalmente são menos usados no cotidiano.

19. COELHINHO SAI DA TOCA

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Bambolês ou giz para desenhar no chão

MODO DE JOGAR

Dentro de um espaço determinado previamente, as crianças se distribuem em “tocas” configuradas por bambolês, ou por círculos desenhados com giz no chão.

Normalmente, faz-se uma “toca” a menos do que o total de participantes, ficando um deles sem “toca”.

O educador diz o mote da brincadeira: “Coelhinho, sai da toca, um, dois, três!”. As crianças devem abandonar a sua posição original e procurar outra toca, correndo o risco de ficar sem nenhuma.

Esse jogo favorece os deslocamentos e a percepção do espaço. Podem-se variar as formas de deslocamento, saltando num dos pés, engatinhando, ou quicando uma bola. É possível ainda, quando o desempenho corporal já for mais eficiente, propor que as “tocas” sejam ocupadas por duplas e trios.

20. PEGA-PEGA CORRENTE

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Espaço livre para correr

MODO DE JOGAR

Deve-se delimitar o espaço no qual a brincadeira vai ocorrer, antes de o jogo começar. A organização da brincadeira caminha de uma atuação individual para uma atuação coletiva.

Escolhe-se um pegador, e os demais se espalham pelo espaço de jogo. Quando alguém for pego, dá a mão para o pegador e passa a atuar em dupla com ele. Em seguida em trio, quarteto, e assim sucessivamente, formando uma “corrente”, até que reste apenas um fugitivo, que será declarado vencedor.

21. MÃE DA RUA

MATERIAL NECESSÁRIO

⊙ Giz para demarcar o espaço

MODO DE JOGAR

O espaço de jogo é dividido como se fosse uma rua, ou seja, duas calçadas em paralelo, divididas por um espaço central correspondente à rua.

O jogo é disputado individualmente. Escolhe-se um pegador e as demais crianças se posicionam nas calçadas.

O jogo consiste em atravessar a rua de uma calçada para a outra, sem ser tocado pelo pegador; caso isso aconteça, os papéis se invertem: o pegador vira fugitivo e o “atravessador” que foi pego vira pegador.

Uma variação possível é manter como pegadores todas as crianças que forem sendo pegas, até que reste apenas um “atravessador”, que será declarado vencedor daquela rodada.

Pode-se, ainda, variar a forma de fazer a travessia, saltando numa perna só, ou em duplas de mãos dadas. Ou ainda, cada criança quicando uma bola; neste caso, ao ser pega, ela deve dar a sua bola ao pegador, que passa a fugir.

22. NUNCA TRÊS

MODO DE JOGAR

Os jogadores se distribuem aleatoriamente pelo espaço determinado para o jogo, organizados em duplas de braços dados. São designados um pegador e um fugitivo.

Quando o fugitivo se cansa, procura o “pique” em alguma das duplas espalhadas pelo espaço, e entrelaça os braços com um dos componentes da dupla. O componente da dupla do lado oposto se solta o mais rapidamente possível e passa a ser o fugitivo.

A variação possível para essa atividade é inverter o papel desse componente, de fugitivo para pegador.





23. FUGI FUGI

MATERIAL NECESSÁRIO

☉ Espaço livre para correr

MODO DE JOGAR

Num espaço similar a uma quadra, todos os jogadores, menos um que será o pegador, posicionam-se atrás de uma das linhas de fundo, voltados em direção ao campo de jogo.

O pegador se posiciona atrás da linha de fundo oposta, também voltado na direção do centro do campo. O pegador inicia cada rodada dizendo: “Lá vou eu!”. E corre na direção dos demais jogadores, tentando tocá-los.

Depois de responderem: “Fugi, fugi!”, os jogadores correm tentando chegar à linha de fundo oposta sem serem tocados. Caso isso aconteça, transformam-se em pegadores fixos, ou seja, a cada nova corrida podem tentar pegar os demais, sem, no entanto, sair da mesma posição em que foram pegos.

Ao final, o último fugitivo que restar é declarado vencedor, e inicia-se uma nova rodada.

(Extraídos de *Cadernos da TV Escola — Educação Física*, de Marcelo Barros da Silva e Claudia R. Aratangy)

JOGOS DE CARTAS PARA CRIANÇAS

1. BUM!

Jogadores: Duas ou mais pessoas.

Cartas: Um baralho comum.

Objetivo: Ser o primeiro a se livrar de todas as cartas.

Distribuição: Todos tiram uma carta. Quem ficar com a maior fará a distribuição das cartas (o Ás é a carta maior), em sentido horário, uma a uma, fechadas, até que todos tenham sete. O restante do baralho, que chamaremos de “maço de compras”, é colocado no centro da mesa.

Jogo: Cada jogador olha suas cartas, separando-as na mão. Digamos que o jogo esteja sendo disputado por Pedro, Lúcia, Solange e Paulo.

Paulo distribui as cartas e Pedro, à sua esquerda inicia o jogo, escolhendo uma carta de sua mão e colocando-a, aberta, no centro da mesa.

Lúcia, a jogadora seguinte, precisa jogar uma carta que seja do mesmo

naipe, ou do mesmo valor, da carta jogada por Pedro. Suponhamos que Pedro tenha jogado um valete de ouros: Lúcia então precisa jogar uma carta de ouros, ou outro valete. Ela decide jogar um valete de paus. Solange, que está à sua esquerda, precisa jogar uma carta de paus, ou outro valete.

Se um jogador não puder acompanhar o naipe ou o valor, retira uma carta do maço de compras; vai retirando, uma a uma, até poder acompanhar a carta da pilha aberta. Se todas as cartas forem retiradas, e nenhuma servir, o jogador diz: “Passo”, e passa a vez ao jogador seguinte.

Quando todos tiverem jogado ou passado, as cartas são comparadas, para verificar qual é a maior; quem a jogou será o primeiro a recomençar.

Pedro jogou um valete, Lúcia outro valete, Solange passou e Paulo jogou um Ás. Portanto, Paulo irá começar, pois sua carta é a mais alta.

Se dois ou mais jogadores empatarem na carta mais alta, aquele que jogou primeiro recomença o jogo.

Fim: O vencedor será o primeiro que se livrar de todas as cartas e gritar: “Bum!”.

2. ANOTE O BUM!

Esse jogo é uma variante do Bum!, tornado mais interessante pela introdução de um sistema de anotações.

É jogado da mesma maneira, mas são jogadas diversas rodadas e os pontos vão sendo marcados, para a explosão.

Quando um jogador explodir, marcará pontos para todas as cartas não jogadas ainda nas mãos dos adversários.

Os pontos são marcados da seguinte forma:

- ⊙ 10 pontos para cada rei, dama ou valete;
- ⊙ 1 ponto para cada ás;
- ⊙ para qualquer outra carta, seu valor numérico.

O jogo está sendo disputado entre três jogadores: Marcelo, Ana e Lúcia.

Marcelo termina suas cartas e diz “Bum!”. Ana tem na mão um rei, um 8 e um 3: $10 + 8 + 3 = 21$; Lúcia tem um ás, um 10, um valete e um 2: $1 + 10 + 10 + 2 = 23$. Portanto, somando as cartas de Ana e Lúcia, serão anotados 44 pontos em favor de Marcelo.

Nas rodadas seguintes, os pontos também são contados e marcados e o primeiro a marcar um determinado número de pontos, por exemplo 250, será o vencedor.





3. A BATALHA

Jogadores: Duas pessoas.

Cartas: Um baralho comum completo.

Objetivo: Cada jogador deverá procurar ganhar todas as cartas.

Distribuição: Um dos participantes distribui todas as cartas. Cada um põe suas cartas bem empilhadas, fechadas à sua frente. É proibido olhar as cartas.

Jogo: Vamos supor que Helena e Maria estejam jogando. Cada uma abre uma carta de cima da sua pilha e coloca-a sobre a mesa (não faz diferença se uma abrir a carta antes da outra). A que abrir a carta mais alta pega as duas cartas, mesmo que sejam de naipes diferentes, e as coloca, fechadas, embaixo de sua pilha.

As duas repetem a jogada com a carta de cima da pilha, e a que tiver a carta mais alta fica com as duas.

As jogadas se repetem assim, sucessivamente, até terminarem as duas pilhas.

Se as cartas forem iguais, está declarada a guerra.

As cartas são deixadas na mesa, e Helena e Maria jogam mais uma carta, desta vez fechada, sobrepondo-a à carta que ficou na mesa, mas sem cobri-la totalmente; jogam mais uma carta, aberta, sobrepondo-a à segunda.

Quem tirar a carta mais alta entre as duas últimas fica com as seis cartas. Se as duas últimas cartas forem iguais, a Batalha entra na segunda fase, e cada participante joga mais uma carta fechada e outra aberta; quem tirar a carta mais alta ficará com as dez cartas.

Fim: O vencedor do jogo será:

1. o primeiro a ganhar todas as cartas; ou
2. o jogador que tiver maior número de cartas a uma determinada hora fixada para terminar o jogo.

4. TRINTA E UM

Jogadores: Três ou mais (quanto mais, melhor)

Cartas: Um baralho comum.

Objetivo: Reunir três cartas do mesmo naipe que somem 31, ou conseguir juntar três cartas do mesmo valor.

Valor das cartas: Os ases valem 11; reis, damas e valetes, 10 pontos cada; as outras cartas têm o valor indicado nelas. A única forma de juntar três cartas que somem 31 é conseguir um ás e duas cartas que valham dez pontos cada.

Três cartas do mesmo valor equivalem a 30,5 pontos e ganham de qualquer outro jogo, exceto três cartas do mesmo naipe valendo 31. Três ases ga-

nham de três reis e assim até os três 2, que são as três cartas iguais de menor valor.

Distribuição: O distribuidor será aquele que tirar a carta mais alta. Dará três cartas a cada jogador, uma a uma, fechadas, em sentido horário. Porá, também, três cartas abertas no centro da mesa.

Jogo: Cada jogador deve recolher e olhar suas cartas. Suponhamos que o jogo esteja sendo disputado por Marcelo, Márcia e Paulo.

Paulo distribui as cartas e Marcelo, à sua esquerda, inicia o jogo, trocando qualquer uma de suas cartas por uma das abertas na mesa. Márcia, à sua esquerda, faz o mesmo, trocando uma de suas cartas por uma das três agora sobre a mesa; e assim por diante.

O jogo continua assim, até que um dos participantes pense ter em mãos três cartas que possam ganhar de qualquer mão que seja mostrada.

Digamos que Marcelo tenha em mãos um ás, um rei e um 8 de copas — portanto, 29 pontos. Ele acredita que nenhum outro jogador possa ter entre suas cartas um total que se aproxime mais de 31 do que o seu. Quando for sua vez de trocar as cartas, ele não o faz: bate na mesa para mostrar que está “satisfeito”. Todos os outros jogadores terão de trocar as cartas mais uma vez, ou se algum outro jogador também estiver “satisfeito”, deve bater na mesa e a vez passa a ser do seguinte, até que o jogo volte àquele que bateu primeiro.

Cada jogador mostrará então suas cartas e ganha quem tiver o melhor jogo.

Como no exemplo acima, um jogador não precisa esperar até ter 31 pontos, ou três cartas iguais, antes de bater. Às vezes é melhor ficar “satisfeito” com cartas razoáveis (que somem 29 ou 30, por exemplo), para impedir que os outros consigam melhorar muito suas mãos com as trocas de cartas.

Pode-se adotar um marcador que mostre o número de rodadas que cada jogador venceu e pode-se jogar com fichas.

(Jogos extraídos do livro *50 Jogos com Cartas para Crianças*, Copag)

BIOGRAFIAS

DOM PEDRO I

Dom Pedro I (1798-1834), primeiro imperador do Brasil, era filho de Dom João VI e de D. Carlota Joaquina. Proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822. Em 12 de outubro de 1822, foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.





CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, e morreu em 9 de novembro de 1964, nessa mesma cidade. Dedicou sua vida às letras, escrevendo suas obras e lecionando Literatura Brasileira. Seus escritos caracterizam-se pela grande sensibilidade e delicadeza.

Algumas de suas obras são: *Espectros*; *Vaga música*; *Romanceiro da Inconfidência* (poesia); *Giroflê, giroflá*; *Escolha seu sonho* (prosa).

Além de ser uma grande representante da poesia brasileira, uma das mais célebres, destacou-se ainda em outros gêneros como: crônicas, contos, romances etc.

GONÇALVES DIAS

A cidade de Caxias, no Maranhão, foi berço do grande poeta Antônio Gonçalves Dias (1823-1864). O pai era português e a mãe, cafuza, isto é, mestiça de índio com negro: tinha o poeta, no sangue, a herança de três povos. Manifestou em seus versos a influência desse cruzamento, demonstrando atração irresistível pelo indígena brasileiro.

O maior poeta lírico brasileiro. Na literatura nacional, representa Gonçalves Dias o mesmo papel que Alencar no romance: o cantor de *Os Timbiras* e o romancista de *Iracema* têm a face comum do indianismo. Foi ainda um dos chefes do movimento que libertou as nossas letras do velho classicismo português.

Obras: *Marabá*; *Mãe d'água*; *Leito de folhas verdes*; *Gigante de pedra*; *I-Juca Pirama*; *Os Timbiras*; *Sextilhas de frei Antônio*; *Primeiros contos*; *Segundos contos*; *Dicionário da língua tupi*.

SANTOS DUMONT

Inventor, construtor e aviador brasileiro, cognominado “Pai da Aviação”. Nasceu na Fazenda Cabangu, perto da cidade de Palmira, hoje Santos Dumont, em Minas Gerais. Resolveu o problema da dirigibilidade dos balões (1901) e realizou o primeiro voo público de um avião, com o seu 14-Bis, em 23 de outubro de 1906.



Seleção dos textos
Claudia Rosenberg Aratangy

Coordenação e projeto gráfico
Departamento Editorial da FDE
Brigitte Aubert

Revisão
Sandra Miguel

Ilustração
Luiz Maia

Editoração
Azul Publicidade e Propaganda

Adequação ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Luiz Thomazi Filho – revisão
Daniele Fátima Oliveira (colaboradora) – editoração

CTP, impressão e acabamento
Esdeva Indústria Gráfica S/A

Tiragem
235.000 exemplares

